



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

Vivências da Paternidade

Patrícia Alexandra Caeiro Candieiras da Silva Barroso

Orientador(es) | Constança Maria Sacadura Biscaia da Silva Pinto

Évora 2020



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

Vivências da Paternidade

Patrícia Alexandra Caeiro Candieiras da Silva Barroso

Orientador(es) | Constança Maria Sacadura Biscaia da Silva Pinto

Évora 2020



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

- Presidente | Nuno Manuel Gameiro Rebelo dos Santos (Universidade de Évora)
- Vogais | Constança Maria Sacadura Biscaia da Silva Pinto (Universidade de Évora)
(Orientador)
Heldemerina Chimuma Domingos Samutelela Pires (Universidade de Évora)
(Arguente)

Agradecimentos

A realização desta Dissertação de Mestrado, só foi possível graças ao contributo de diversas pessoas, que apesar de tudo, me ajudaram a continuar a lutar pelo meu sonho, ser psicóloga.

Primeiramente, quero agradecer à Professora Doutora Constança Biscaia, pela partilha de conhecimentos, pela orientação, pela ajuda, pelos conselhos e pela disponibilidade, aspetos fundamentais para a conclusão desta etapa da minha vida.

À minha família, que sempre me apoiou incondicionalmente, acreditando e confiando nas minhas capacidades, mesmo quando eu não acreditava. Obrigada por estarem sempre comigo.

Por fim, também quero agradecer aos pais que participaram neste estudo, sem as suas participações este estudo nunca teria sido concluído. Obrigada por confiarem em mim e terem partilhado comigo as suas vivências da paternidade. Aprendi bastante com todas as partilhas.

Muito obrigada a todos!

Vivências da Paternidade

Resumo

Apesar de haver um aumento da investigação sobre a paternidade, esta é ainda bastante diminuta, quando a comparamos com o volume da investigação sobre a maternidade. Procurando contribuir para aprofundar a investigação na área da paternidade, o objetivo deste estudo foi compreender e explorar a vivência do ser pai ao longo do ciclo de vida, dando voz ao sujeito que a experienciou. Participaram neste estudo cinco homens com filhos adultos. Os dados foram recolhidos através de entrevistas narrativas e foram analisados com base no Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia (Giorgi & Sousa, 2010). Identificaram-se 22 constituintes essenciais, agrupados em cinco áreas: Significado emocional de ser pai, Representação do que é ser pai, Mudanças resultantes da paternidade, Vivência da paternidade ao longo do ciclo de vida e Envolvimento paterno. Tendo em conta os participantes deste estudo, a vivência da paternidade, vivência bastante significativa, despoleta diversas mudanças, tanto na transição para a paternidade, como ao longo do ciclo de vida. Ser pai requer então adaptações constantes ao longo do desenvolvimento dos filhos, adaptações essas que permitem que o papel do pai seja adequado.

Palavras-chave: paternidade, ciclo de vida, vivências da paternidade, desenvolvimento dos filhos.

Paternity experiences

Abstract

Although there has been an increase in research on paternity, it is still quite small when we compare it with the volume of research on motherhood. So, in order to deepen the investigation in the area of paternity, the objective of this study was to understand and explore the experience of paternity throughout the life cycle, giving voice to the subject who experienced it. Five men with adult children participated in this study. The data were collected through narrative interviews, and were analyzed based on the Phenomenological Method of Investigation in Psychology (Giorgi & Sousa, 2010). 22 essential constituents were identified, grouped into five areas: Emotional meaning of being a father, Representation of what it means to be a father, Changes resulting from paternity, Experience of paternity throughout the life cycle and Paternal involvement. Taking into account the participants of this study, the experience of paternity, a very significant experience, triggers several changes, both in the transition to paternity and throughout the life cycle. Being a father therefore requires constant adaptations throughout the development of the children, adaptations that allow the father's role to be adequate.

Keywords: paternity, life cycle, parenting experiences, child development.

Índice

Introdução.....	1
Parte I – Enquadramento Teórico.....	3
Capítulo 1 – Paternidade.....	3
Determinantes da paternidade.....	3
Evolução histórica da paternidade.....	5
Capítulo 2 – Envolvimento do pai.....	6
Capítulo 3 – Paternidade ao longo do ciclo de vida.....	8
Paternidade como contexto de desenvolvimento.....	8
Ser pai ao longo do tempo.....	13
Parte II - Estudo Empírico.....	16
Enquadramento e objetivos do Estudo.....	16
Desenho de Investigação.....	17
Método.....	18
Participantes.....	18
Instrumento.....	19
Procedimentos de recolha de dados.....	20
Procedimentos análise dos dados.....	21
Resultados.....	22
Estrutura geral de significados psicológicos.....	22
Sistematização dos constituintes essenciais.....	23
Discussão.....	46
Conclusão.....	52
Referências Bibliográficas.....	54
Anexos.....	61
Anexo A – Consentimento informado.....	62
Anexo B – Transformação das Unidades de Significado do Participante P1 em Expressões de Carácter Psicológico.....	63
Anexo C – Transformação das Unidades de Significado do Participante P2 em Expressões de Carácter Psicológico.....	76
Anexo D – Transformação das Unidades de Significado do Participante P3 em Expressões de Carácter Psicológico.....	85
Anexo E – Transformação das Unidades de Significado do Participante P4 em Expressões de Carácter Psicológico.....	97

Anexo F – Transformação das Unidades de Significado do Participante P5 em Expressões de Carácter Psicológico	108
--	-----

Índice de tabelas e figuras

Tabela 1 - Repercussões da parentalidade no desenvolvimento adulto	11
Tabela 2 - As seis etapas da parentalidade	14
Tabela 3 - Características sociodemográficas dos participantes	19
Tabela 4 - Entrevistas - datas e duração	21
Figura 1. Parentalidade e o desenvolvimento adulto	10
Figura 2. Esquematização das Vivências da paternidade, identificadas as áreas e os respectivos constituintes essenciais	24
Figura 3. Relação dos constituintes essenciais do Significado emocional de ser pai.....	24
Figura 4. Relação dos constituintes essenciais da Representação do que é ser pai.....	28
Figura 5. Relação dos constituintes essenciais das Mudanças resultantes da paternidade	32
Figura 6. Relação dos constituintes essenciais da Vivência da paternidade ao longo do ciclo de vida.....	36
Figura 7. Relação dos constituintes essenciais do Envolvimento paterno	41
Figura 8. Relações entre os constituintes essenciais das diversas áreas	46

Introdução

A paternidade é um papel que parece não estar totalmente definido. Se pensarmos no que é ser mãe e no que é ser pai, parece haver maior clareza na definição do papel materno. Alguns autores consideram que os pais são subordinados às mães, que são apenas ajudantes no processo de criação dos filhos (Deutsch, Servis & Payne, 2001). Aldous, Mulligan e Bjarnason (1998) consideram que os pais estão mais envolvidos no mercado de trabalho, tendo uma menor participação no trabalho doméstico. Será que estas representações são partilhadas no nosso contexto cultural? Será que as mães têm um papel principal na criação dos filhos?

O papel do pai é visto como uma construção social, sendo um papel que se encontra em constante transformação, exigindo-se atualmente uma nova postura do homem enquanto pai (Gabriel & Dias, 2011), geradora de um maior envolvimento do mesmo na criação dos filhos (Parke, 2002). Defende-se então que tanto os pais como as mães são fundamentais na criação e desenvolvimento dos filhos, em que todos os membros da família (mães, pais e filhos) influenciam e são influenciados uns pelos outros (Parke, 2002).

Para além da importância de um pai para os seus filhos, a paternidade também é uma tarefa bastante importante na vida do homem, fazendo com que este atravesse uma grande mudança com o nascimento de um filho. Esta mudança é tão significativa que, diversos autores, consideram que a paternidade faz com que um homem inicie uma nova etapa do ciclo vital (Cowan, 1988; Oliveira & Silva, 2017; Palkovitz, 1996). O nascimento de um filho transforma e reestrutura completamente a vida de qualquer homem, sendo crucial esta fase de transição para a paternidade. O homem tem então que se adaptar ao novo papel que vai assumir, ser pai, adaptação essa nem sempre fácil, devido às diversas tarefas desconhecidas que surgem e põem o homem à prova constantemente. Contudo, ser pai é um papel contínuo que se prolonga o resto da vida.

A paternidade é o contexto de desenvolvimento mais experimentado pelos adultos em todo o mundo (Palkovitz, Copes & Woolfolk, 2001). A paternidade pode, então, ser considerada como geradora de desenvolvimento adulto, afirmando-se que as pessoas que se tornam pais e estão envolvidas na criação dos seus filhos sofrem alterações e diferentes vivências ao longo do tempo (Palkovitz, Marks, Appleby & Holmes, 2002).

Ao longo das últimas décadas, tem havido um aumento do interesse dos investigadores pela paternidade (Morman & Floyd, 2006), mas apesar desta ser tão importante como a maternidade, as mães ainda são alvo dum maior número de pesquisas

quando comparadas às realizadas sobre a paternidade (Pleck, 2012). Contudo, os estudos que existem sobre os pais focam-se principalmente na transição para a paternidade, ignorando o resto do percurso da vivência da paternidade ao longo de todo o ciclo de vida. Como referido, a paternidade é considerada um contexto de desenvolvimento adulto. Se ocorrem mudanças e diferentes vivências ao longo da vida dos pais (Brannen & Nilsen, 2006), é importante que os estudos não se foquem apenas no momento da transição para a paternidade, uma vez que ser pai é um papel contínuo. É nesse sentido que se insere este estudo, que pretende estudar as vivências da paternidade ao longo do ciclo de vida dos pais, e não apenas no início desse processo.

O presente trabalho encontra-se dividido em três partes. Na primeira parte é realizado o enquadramento teórico sobre a temática do presente estudo, dividindo-se em três capítulos. No primeiro capítulo é feito um breve enquadramento da paternidade e dos determinantes da mesma. No segundo capítulo, aborda-se o envolvimento do pai, analisando diversos modelos do mesmo. Por fim, no terceiro capítulo irá abordar-se a paternidade ao longo do tempo, explorando a paternidade como contexto de desenvolvimento adulto e as diferentes etapas que ocorrem na paternidade. Ao longo do enquadramento teórico, recorre-se a literatura sobre a parentalidade devido à falta de literatura sobre a paternidade, principalmente ao longo do ciclo de vida.

A segunda parte deste trabalho corresponde ao estudo empírico das vivências da paternidade com uma amostra de 5 participantes (N=5). Nesta parte, é realizado o enquadramento do estudo, apresentando-se o objetivo geral e os objetivos específicos, e a metodologia de recolha e análise dos dados utilizada. Serão ainda apresentados os resultados e a respetiva discussão.

Na terceira parte serão apresentadas as principais conclusões do estudo, as limitações do mesmo e as recomendações para investigações futuras.

Parte I - Enquadramento teórico

Capítulo 1 – Paternidade

Antes de abordar a paternidade, para uma melhor compreensão da mesma, consideramos pertinente definir um conceito mais abrangente, a parentalidade.

Barroso e Machado (2010), de acordo com diversos autores, consideram que a parentalidade consiste num conjunto de atividades que visam assegurar a sobrevivência da criança (Hoghghi, 2004) e facilitar o desenvolvimento (físico, psicológico e social) da mesma (Barroso & Machado, 2010), sendo que estas atividades devem decorrer num ambiente seguro (Reader, Duncan, & Lucey, 2005), de forma a permitir a socialização da criança e progressiva autonomia da mesma (Maccoby, 2000). Segundo Figueiredo (2013) a parentalidade pode ser definida como “um conjunto de comportamentos, emoções e cognições ou representações que os pais dirigem à criança, com vista à construção do contexto” (p.102). Bayle (2005) acrescenta ainda que se trata de um processo maturativo, que leva à reestruturação psicoafectiva de quem assume a parentalidade de forma a responder às necessidades físicas e psíquicas dos filhos.

Posto isto, é notório que a parentalidade é uma função bastante complexa, sendo importante referir que para além das diversas tarefas que a parentalidade acarreta, também existem diversos fatores que influenciam o comportamento dos pais (Abidin, 1992), tais como, personalidade dos pais, temperamento dos filhos, relações conjugais e ocupação profissional (Barroso & Machado, 2010; Belsky, 1984).

A parentalidade é um conceito que reagrupa os papéis parentais, não destacando a diferença de género (Houzel, 2004; Ribeiro, Gomes & Moreira, 2015). Então, a parentalidade engloba a maternidade, a paternidade e o contexto relacional (Nudler & Romaniuk, 2005 *cit. in* Borsa & Nunes, 2011; Perren, VonWyl, Burgin, Simoni & VonKlitzing, 2005; Ribeiro et al., 2015).

Como parte integrante da parentalidade, o pai é a figura masculina afetiva mais próxima da criança que se compromete para lhe proporcionar a melhor qualidade de vida possível (Leite, 2009). A figura paterna pode ser exercida por outras figuras masculinas, nomeadamente um padrasto ou um avô. Além disso, o pai pode ou não viver na mesma casa do filho, sem que isso afete necessariamente a função paternal (Leite, 2009).

Determinantes da Paternidade. Tal como a parentalidade, a paternidade também é complexa e multideterminada por diversos fatores individuais, familiares, institucionais, culturais e sociais, que influenciam o papel do homem enquanto pai (Doherty, Kouneski

& Erikson, 1998; Parke, 2002), proporcionando que cada homem vivencie de forma distinta e única a sua paternidade (Palkovitz, 1996).

A literatura não é consonante nesta temática, perante os mesmos fatores, existem autores que se referem aos determinantes do envolvimento do pai (e.g. Parke, 2002) e outros autores aos determinantes da paternidade (e.g. Souza & Benetti, 2009). Consideramos que referir determinantes da paternidade ou determinantes do envolvimento do pai é semelhante, pois a paternidade só é concebida se realmente houver envolvimento paterno.

Fatores biológicos. Os fatores biológicos têm influência no comportamento paterno, visto que os homens passam por mudanças hormonais durante a gravidez e o parto das suas companheiras (Parke, 2002). Storey et al. (2000 *cit. in* Parke, 2002) descobriram que os homens experimentaram mudanças hormonais significativas no período pré-natal, perinatal e pós-natal. Isso sugere que o contacto com a companheira grávida pode desempenhar um papel na responsividade paterna.

Fatores individuais. Os fatores individuais também são determinantes fundamentais, pois os próprios antecedentes psicológicos e familiares dos homens, as atitudes em relação ao papel paternal, a motivação para se tornar envolvido, os conhecimentos e aptidões para o cuidado de crianças (*childcare*) e a educação infantil (*child rearing*) determinam o nível de envolvimento dos homens com os seus filhos (Pleck, 1997).

A relação dos homens com a sua família de origem. A qualidade da relação que os homens desenvolveram com as suas mães e pais, principalmente com o pai, é determinante no envolvimento dos mesmos com os seus próprios filhos (Arruda & Lima, 2013; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000; Parke, 1996). Hofferth (1999 *cit. in* Cabrera et al., 2000) descobriu que os homens cujos pais eram participantes ativos na sua criação estão mais envolvidos com os seus próprios filhos do que os homens criados por pais menos envolvidos.

Socialização em criança no papel de pai. Este fator relaciona-se com a socialização que os homens tiveram no papel de pai quando eram crianças. Normalmente, existe um tratamento diferenciado tendo em conta o género. As brincadeiras das crianças também costumam estar baseadas no género, as meninas costumam brincar às tarefas domésticas, como limpeza, cozinhar e cuidar dos filhos (Goodnow, 1988, 1999 *cit. in* Parke, 2002), enquanto os meninos costumam ter outras brincadeiras (e.g., corridas de carros, jogar futebol, etc.). A falta de socialização para o papel de pai torna os meninos

menos preparados para a paternidade do que as meninas para a maternidade (Parke, 2002).

Atitudes, motivação e capacidades dos homens. As atitudes paternas (brincadeiras, cuidados diretos e indiretos), motivação, capacidades e personalidade são importantes para o envolvimento dos homens enquanto pais, determinando o tipo de envolvimento que estes terão com os seus filhos (Parke, 2002; Pleck, 2012).

Fatores familiares. Para além dos determinantes referidos, existem também os fatores familiares, incluindo, por exemplo, as atitudes maternas em relação ao envolvimento do pai e a relação conjugal (Parke, 2002).

Atitudes maternas. As atitudes maternas devem ser consideradas como um importante determinante da participação paterna no cuidado infantil. Existem mães que têm atitudes e comportamentos que facilitam e estimulam o envolvimento dos pais com os filhos, no entanto, existem mães que podem ter certos comportamentos prejudiciais e de pouco apoio (“*gatekeeping*” materno). Estes comportamentos limitam o envolvimento do pai, diminuindo as oportunidades dos homens de aprenderem e crescerem em relação ao cuidado da casa e dos filhos (Allen & Hawkins, 1999; Parke, 2002; Schoppe-Sullivan, Brown, Cannon, Mangelsdorf, & Sokolowski, 2008 *cit. in* Pleck, 2012).

Relacionamentos conjugais e relações pai-filho. A literatura sugere que a paternidade é mais dependente de um relacionamento conjugal de apoio do que a maternidade (Parke, 2002). Acredita-se que este aspeto se deve ao facto de: o nível de participação do pai ser, em parte, determinado pela participação da mãe (Beitel & Parke, 1998; Allen & Hawkins, 1999); o papel paterno ser menos definido que o papel materno, daí o apoio do cônjuge servir para ajudar a estabelecer um comportamento adequado do pai (Parke, 2002); e por fim, os homens terem menos oportunidades de adquirir e praticar competências para atividades de cuidado durante a socialização (Parke, 1996). Por todos estes aspetos, é notório que realmente os relacionamentos conjugais, principalmente de qualidade, são um importante determinante do envolvimento do pai com os seus filhos.

Para além dos determinantes referidos, existem outros que também influenciam o envolvimento do pai, tais como, legalidade do *status* paternal (Marsiglio, 1995), nível educacional (Pleck, 1997), *status* de emprego (Christiansen & Palkovitz, 2001), saúde (Pleck, 1997), características das crianças (Pleck, 1997), suporte social (Pleck, 1997), etc.

Evolução histórica da paternidade. Também é pertinente abordar a paternidade como um conceito em constante evolução. Isto é, o papel do pai tem sofrido uma evolução em termos históricos, considerando-se a paternidade “como uma construção histórica

social e cultural que sofre transformações de sentido e significado em diferentes contextos culturais, os quais são passados entre as gerações” (Silva, 2007, p. 55).

Esta evolução deveu-se às inúmeras mudanças sociais e políticas ocorridas no século XX, proporcionando alterações nos papéis sociais, nomeadamente nas representações tradicionais/populares dos pais, das mães e das famílias (Pleck & Pleck, 1997; Ribeiro et al., 2015). A principal razão que levou a estas mudanças foi o fator económico, ou seja, a inserção das mulheres no mercado do trabalho (Ribeiro et al., 2015).

Então, com as exigências do mundo pós-moderno, tem ocorrido uma evolução do papel do pai, desde o pai “ganha-pão” emocionalmente distante até ao pai moderno envolvido (Arruda & Lima, 2013; Cabrera et al. 2000; Pleck & Pleck, 1997).

Tradicionalmente, o pai era visto como o chefe de família emocionalmente distante (Leite, 2009). As principais funções do homem enquanto pai eram sustentar a família, proteger e manter a ordem da mesma, sendo a figura de autoridade (Arruda & Lima, 2013; Leite, 2009; Negreiros & Féres-Carneiro, 2004). Por outro lado, a mãe era responsável por cuidar da família, promover o seu bem-estar emocional e realizar os cuidados domésticos (Leite, 2009).

Apesar deste cenário de paternidade ainda permanecer em algumas famílias, esta visão já sofreu transformações. Atualmente espera-se que o pai seja mais envolvido com a sua família, nomeadamente com os filhos (Gabriel & Dias, 2011). Apesar de haver uma preocupação com o sustento da família, o homem deve então estar emocionalmente disponível para os filhos, participar na sua educação, ser uma figura de autoridade, mas demonstrar amor, carinho, afeto, respeito, preocupação e senso de justiça (Gabriel & Dias, 2011; Morman & Floyd, 2006; Wall & Arnold, 2007). Nesta perspetiva, o papel das mulheres tem passado da “dona de casa” para a mulher que também contribui para o sustento financeiro da família (Arruda & Lima, 2013; Negreiros & Féres-Carneiro, 2004). Apoia-se então uma igualdade de papéis, em que tanto o homem e a mulher são ativos na criação dos filhos.

Capítulo 2 – Envolvimento do pai

O conceito de envolvimento por vezes é chamado de participação, investimento, cuidado infantil e criação dos filhos, sendo definido e medido de diversas formas (Palkovitz, 1996). Devido ao pouco consenso, este conceito é alvo de diversos modelos teóricos.

O modelo mais influente de envolvimento paterno é o de Lamb e seus colaboradores (Lamb, Pleck, Charnov & Levine, 1985). Este modelo engloba três

componentes: interação (*engagement*), disponibilidade e responsabilidade. A interação refere-se ao contacto direto do pai com o filho por meio de atividades de cuidado e outras atividades compartilhadas (e.g. vestir e alimentar o filho, brincar, etc.). O segundo componente refere-se à disponibilidade (física e psicológica) para estar em interação com o filho, estar presente ou acessível ao mesmo, esteja ou não ocorrendo interação direta (e.g. o pai ler o jornal na presença do filho a brincar). O último componente retrata a preocupação do pai pelo cuidado do filho, a tomada de decisões e a obtenção de recursos necessários para o filho (e.g. levar o filho ao médico em caso de doença, garantir que o filho tem roupa adequada) (Lamb et al., 1985; Parke, 2002; Pleck, 2012; Silva, Gabriel, Cherer & Piccinini, 2017).

Mais tarde, Pleck (2010) operacionaliza o envolvimento paterno incluindo responsividade e controlo. Então, Pleck (2010) propôs uma revisão do conceito de envolvimento paterno, incluindo três componentes principais: (1) atividades de interação (*engagement*) positivo, (2) calor e capacidade de resposta (responsividade), e (3) controlo. Além disso, Pleck (2010) incluiu ainda dois domínios auxiliares: (4) cuidado social e material indireto (atividades que os pais fazem para os filhos, mas não com os filhos), e (5) responsabilidade pelo processo, verificando se os quatro componentes anteriores estão a ser atendidos, e se não estiverem, tomar medidas para garantir que sejam assegurados.

Para além dos diversos modelos apresentados, Lamb também propôs quatro categorias para medir o envolvimento do pai (Lamb, 1992), inicialmente denominadas por determinantes do envolvimento paterno, mas com a colaboração de Pleck, intitularam-se como fontes do envolvimento paterno (Pleck, 2012). Este modelo baseia-se então nas categorias (1) motivação (até que ponto o pai quer estar envolvido), (2) competências e autoconfiança (sensação do pai ser capaz no cuidado dos filhos), (3) apoio social (especialmente da mãe da criança) e (4) Práticas institucionais/ ausência de barreiras institucionais (especialmente no local de trabalho) (Lamb, 1992; Pleck, 2012).

É importante referir que o envolvimento do pai também tem sofrido alguma transformação, relacionada com a evolução da paternidade. Algumas décadas atrás era pouco masculino passar muito tempo envolvido nos cuidados dos filhos, sendo apenas esperado que o pai desse apoio temporário à mãe (Rohner & Veneziano, 2001), não assumindo qualquer responsabilidade de cuidado. No entanto, tem havido um aumento gradual no nível de envolvimento do pai nas últimas décadas (Parke, 2002).

Este aumento do envolvimento do pai trás bastantes benefícios, tanto a nível familiar como a nível pessoal (Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughn, 2008). Este maior

envolvimento gera na mãe um suporte funcional e emocional, permitindo com que se sinta mais apoiada e relaxada, melhorando também a qualidade na relação mãe-filho (Balanchó, 2004). Este envolvimento paterno também trás benefícios à relação pai-filho, havendo o fortalecimento desta relação, tornando-a numa relação segura (Monteiro et al., 2008). Para além do referido, também traz um grande bem-estar ao próprio pai, permitindo que o homem sinta competência para cuidar dos filhos (Balanchó, 2004), tornando-o capaz de interpretar e responder aos sinais dos mesmos (Monteiro et al., 2008). Mas é importante refletir que estes aspetos podem não estar diretamente relacionados com a quantidade global do envolvimento, mas com a qualidade do mesmo, nomeadamente com um tipo específico de envolvimento, a brincadeira (Lamb, Frodi, Hwang & Frodi, 1983; Pleck, 1997). A brincadeira pode tornar os pais mais envolvidos, do ponto de vista afetivo, facilitando o desenvolvimento das relações com os seus filhos, mesmo quando não passam muito tempo com estes ou participam pouco nas tarefas de cuidado (Lamb et al., 1983).

Por fim, é importante referir que as mães e os pais diferem em termos de envolvimento com os seus filhos ao longo do desenvolvimento dos mesmos (Parke, 2002). Os estudos sobre esta temática não são consistentes (Aldous et al., 1998). Alguns estudos indicaram que os pais passam mais tempo com as crianças mais velhas (e.g. Ishii-Kuntz & Coltrane, 1992), outros estudos não encontraram efeitos significativos da idade da criança no envolvimento paterno (e.g. Coverman & Sheley, 1986). No entanto, Pleck (1997) refere que à medida que os filhos crescem, tanto a mãe como o pai passam menos tempo com eles, mas o tempo relativo dos homens com os filhos mais velhos, comparado com o tempo das mães, aumenta devido à linha de base inicial mais baixa dos pais. Parke (2002) refere que o nível absoluto de envolvimento do pai diminui à medida que os filhos se desenvolvem e os tipos de atividades realizadas entre ambos também variam ao longo do desenvolvimento.

Capítulo 3 – Paternidade ao longo do ciclo de vida

Paternidade como contexto de desenvolvimento. O desenvolvimento, enquanto processo de mudança, ocorre ao longo de todo o ciclo de vida. Sendo um processo multidimensional, é o resultado de inúmeras variáveis, onde se incluem as vivências pessoais de cada sujeito. O que faz com que o desenvolvimento seja sempre um processo idiossincrático. Quando falamos do desenvolvimento na idade adulta, aspetos como a vida profissional, a vivência da conjugalidade e a parentalidade parecem ser algumas das variáveis que o influenciam (Palkovitz, 1996). No que toca à parentalidade, a literatura

refere que esta tem uma forte influência no desenvolvimento do adulto, podendo ter uma função reguladora do mesmo (Palkovitz, 1996).

A parentalidade, enquanto contexto de desenvolvimento adulto, tem sido alvo de investigação por parte das ciências sociais nos últimos 70 anos (Palkovitz, 1996; Palkovitz et al., 2002). Para alguns autores, o simples facto de alguém se tornar pai, corresponderia desde logo, a um período de transformações na vida duma pessoa, iniciando uma nova fase de desenvolvimento (Cowan, 1988; Oliveira & Silva, 2017; Palkovitz, 1996). Outros autores consideram que, embora a parentalidade promova uma grande mudança, não é apropriado considerá-la como levando a uma nova fase de desenvolvimento (Cowan, 1988 *cit. in* Palkovitz, 1996).

A partir do momento que um homem se torna pai, sofre um processo gradual de desenvolvimento (Parke, 1996), ocorrendo diversas mudanças e reorganizações no próprio (Oliveira & Silva, 2017; Pinto, Figueiredo, Pinheiro & Canário, 2016). Existe então a necessidade dos pais se adaptarem às mudanças pessoais e sociais para cumprirem os papéis paternais (Silva et al., 2017). Estas mudanças proporcionam ao homem uma reconstrução do próprio enquanto pessoa (Oliveira & Silva, 2017; Pinto et al., 2016).

Segundo Palkovitz (1996) para se poder compreender a influência da vivência da paternidade no desenvolvimento do adulto, tem de se ter em conta o envolvimento dos pais, visto que este é uma variável mediadora do impacto que a paternidade tem no desenvolvimento. De acordo com o mesmo autor, os pais mais envolvidos na paternidade sofrem uma maior mudança de desenvolvimento.

Conforme referido, a Figura 1 mostra que o envolvimento parental serve de mediador entre diversas variáveis. Existem então influências bidirecionais entre o envolvimento parental e os papéis e exigências que facilitam/ competem com o envolvimento parental (e.g. papéis conjugais, papéis profissionais, envolvimento na comunidade), condições mutáveis (e.g., dinâmica familiar, funcionamento familiar, apoio social, etc.), características individuais dos pais (e.g., sensibilidade aos sinais das crianças, expressividade, mecanismos de *coping*, autoconceito, etc.) e as características das crianças (e.g., idade, fase de desenvolvimento, personalidade, etc.). Da mesma forma, existe uma influência recíproca entre o envolvimento parental e os resultados do desenvolvimento adulto nos domínios cognitivo, de personalidade, emocional, afetivo e físico (Palkovitz, 1996). As relações entre as referidas variáveis variam entre tempo individual, familiar e histórico (Hareven, 1977 *cit. in* Palkovitz, 1996).

A transição para a parentalidade e as subsequentes transições associadas ao desenvolvimento dos filhos e o relacionamento entre pais e filhos em desenvolvimento servem como marcadores que promovem “um contexto organizacional, sequencial e temporal para promover o desenvolvimento adulto” (Palkovitz, 1996, p. 587). À medida que os filhos crescem e se desenvolvem, exigindo diferentes competências, níveis de supervisão e tipos de envolvimento dos pais, há a exigência de adaptação dos papéis parentais, proporcionando-se o desenvolvimento dos pais (Palkovitz, 1996).

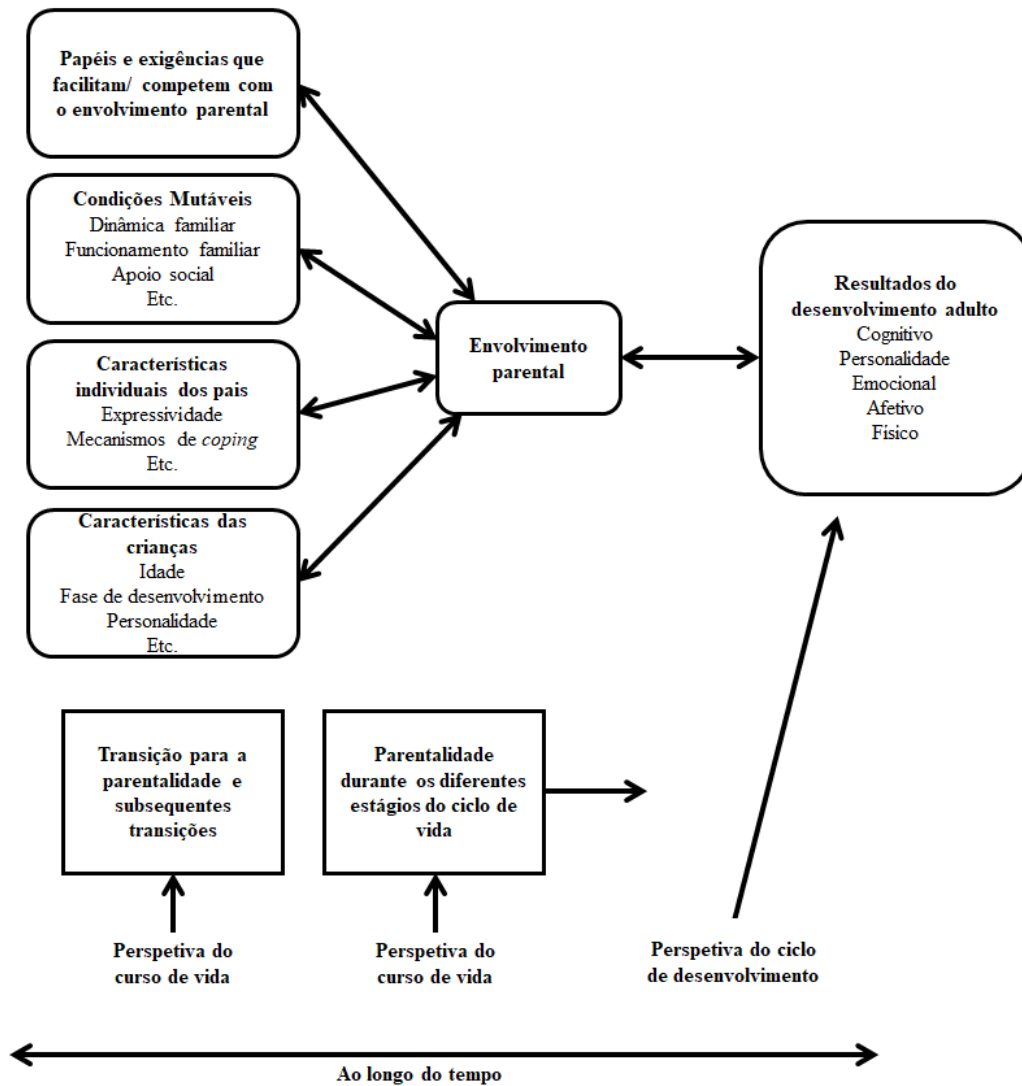


Figura 1. Parentalidade e o desenvolvimento adulto (Palkovitz, 1996, p. 587).

Não há dúvidas que o desenvolvimento adulto é influenciado pela paternidade, então como é o desenvolvimento de homens que não exercem funções paternas? A investigação parece ir ao encontro da crença popular, de que o ciclo de vida de um homem sem filhos é bastante diferente do ciclo de vida de um homem com filhos, em que ambos seguem diferentes trajetórias de desenvolvimento adulto (Kuczynski, Pitman, Ta-Young

& Harach, 2016; Palkovitz, 1996; Palkovitz et al., 2002). Essa diversidade parece manter-se mesmo quando os pais e não-pais funcionam nos mesmos níveis de maturidade (Palkovitz, 1996).

Os pais, em comparação com os não-pais, experimentam diferentes circunstâncias e contextos, relatando-se distintos padrões de desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo e da personalidade (Palkovitz, 1996). Os pais sofrem então mudanças qualitativas e duradoras nos seus pensamentos, crenças, sentimentos, atitudes e comportamentos (Kuczynski, Harach, & Bernadini, 1999; Palkovitz, 2002; Palkovitz et al., 2001). Na Tabela 1 serão abordadas as principais repercussões da parentalidade no desenvolvimento adulto.

Tabela 1. *Repercussões da parentalidade no desenvolvimento adulto*

Repercussões/ Variáveis	Referência
Crescimento pessoal	Azar, 2002; Morgan & King, 2001.
Desenvolvimento do bem-estar psicológico	McMullin & Marshall, 1996; Parke, 2002.
Maior satisfação na meia-idade	Lamb, 2004 <i>cit. in</i> Morman & Floyd, 2006.
Maturidade	Azar, 2002; Cowan, 1988; Cowan, 1991; Hutteman, Bleidorn, Keresteš, Brković, Butković & Denissen, 2014; Morgan & King, 2001; Newman & Newman, 1988; Palkovitz, 1996.
Responsabilidade (a paternidade refina a responsabilidade mesmo nos homens que já eram responsáveis antes de serem pais)	Palkovitz, 1996; Palkovitz et al., 2001.
Filosofia de vida	Newman & Newman, 1988.
Mudanças nos estilos/planos de vida (mudança dos objetivos, metas, escolhas de vida a curto e longo prazo)	Ambert, 2001; Cowan, 1988; Newman & Newman, 1988; Palkovitz, 2002.

Generatividade	Erikson, 1963 <i>cit. in</i> Karacan, 2014; Snarey, Son, Kuehne, Hauser & Vaillant, 1987.
Abertura a novas estratégias de aprendizagem e mecanismos de <i>coping</i>	Cowan, 1988; Newman & Newman, 1988.
Aumento da autoconsciência, autorreflexão e auto competência	Kuczynski et al., 2016; Palkovitz, 1996.
Mudança e antecipação dos autoconceitos	Parke, 2002.
Tomada de perspectiva	Palkovitz, 1996.
Reavaliação/ mudança dos valores (valores mais claros e explícitos)	Ambert, 2001; Cowan, 1991; Palkovitz, 2002.
Diminuição do egoísmo	Gutmann, 1991 <i>cit. in</i> Palkovitz, 1996.
Pensamentos ocupados	Cowan, 1988; Newman & Newman, 1988.
Maior antecipação do futuro	Newman & Newman, 1988.
Aumento do pensamento dialético	Newman & Newman, 1988; Palkovitz, 1996.
Maior capacidade de resolução de problemas	Cowan, 1988; Kuczynski et al. 2016.
Mudanças relacionais (principalmente nas relações conjugais)	Ambert, 2001; Cowan, 1991; Palkovitz, 2002.
Mudanças no envolvimento comunitário	Palkovitz, 2002.
Mudanças no envolvimento profissional	Ambert, 2001.
Mudança nos hábitos de saúde	Ambert, 2001; Palkovitz, 2002.
Influência dos filhos adolescentes nas atitudes e comportamentos dos pais, na área da política, religião, lazer, desportos e cuidados pessoais	Peters, 1985 <i>cit. in</i> Kuczynski et al., 2016.

Apesar da maioria dos pais considerar a paternidade como um valioso modelador das suas vidas para melhor (Ambert, 2001; Palkovitz, 2002), nem todas as mudanças associadas à criação dos filhos são percebidas como agradáveis ou positivas (Ambert, 2001; Palkovitz, 2002; Silva et al., 2017). Apesar dos efeitos positivos, a paternidade pode ser bastante difícil, *stressante* e experienciada como um choque, trazendo uma

mudança drástica ao sistema habitual dos homens, ao estilo de vida e autoconceito destes (Palkovitz et al., 2001; Silva et al., 2017).

Ser pai ao longo do tempo. O papel do pai varia ao longo do tempo, uma vez que o papel do pai de uma criança pequena não é igual ao papel do pai de um adulto. Será que as mudanças ao longo da paternidade estão relacionadas com o próprio desenvolvimento dos filhos? Tendo em conta diversos autores, pode-se considerar que realmente os pais assumem novos papéis à medida que os seus filhos crescem e se desenvolvem (Cabrera et al., 2000; Galinsky, 1987; Palkovitz & Palm, 2009).

Apoiando o referido, Belsky (1984) defende que as relações pais-filhos não são estáticas, havendo a necessidade de ajustes e adaptações frequentes. Estas devem-se ao facto dos pais e filhos mudarem, desenvolverem e experimentarem diferentes circunstâncias, desafios e recursos (Palkovitz, 1987 *cit. in* Palkovitz & Palm, 2009).

À medida que os pais interagem com os seus filhos em desenvolvimento, existem graus de desequilíbrio que iniciam mudanças cognitivas, comportamentais e emocionais nos pais. Quando as mudanças se integram nos padrões existentes nos relacionamentos pais-filhos, ocorrem então transições, transições essas que representam importantes pontos de mudança que facilitam o desenvolvimento dos pais (Palkovitz & Palm, 2009).

Tendo em conta o referido, o modelo clássico de Galinsky (1987) define seis etapas da parentalidade, defendendo que o crescimento e desenvolvimento parental surgem em paralelo com o crescimento e desenvolvimento dos filhos. Este modelo apoia-se no facto dos pais terem que adaptar o seu papel parental tendo em conta a fase de desenvolvimento onde os seus filhos se encontram. A autora referiu então que os pais enfrentam novos desafios e tarefas ao longo do desenvolvimento dos filhos, sendo necessário que os pais ajustem as suas imagens (construções cognitivas) às novas realidades comportamentais, cognitivas e emocionais quando os filhos entram numa nova fase de desenvolvimento.

Na Tabela 2 serão descritas as seis etapas da parentalidade descritas por Galinsky (1987), etapas essas que proporcionam uma oportunidade para o crescimento dos pais e a reorganização das suas atitudes, conhecimentos e capacidades (Galinsky, 1987).

Tabela 2. *As seis etapas da parentalidade*

Etapas	Idade do filho	Principais tarefas
Etapa 1 (Criação de imagens)	Gravidez	Quando os pais criam imagens sobre o que é ser pai e preparam as mudanças para receber um filho.
Etapa 2 (Nutrição)	Nascimento – 18 meses/ 2 anos	Quando os pais desenvolvem uma relação de apego com o filho, reconciliando as imagens do bebê imaginário com o bebê real.
Etapa 3 (Autoridade)	2- 4/5 anos	Quando os pais estabelecem regras para orientar o comportamento e o desenvolvimento do filho, decidem quando as regras serão impostas e o que ocorre quando estas não são cumpridas.
Etapa 4 (Interpretativa)	4/5 anos – Início da adolescência	Quando os pais ajudam o filho a interpretar as suas experiências com o mundo social além da família.
Etapa 5 (Interdependente)	Adolescência	Quando os pais redefinem o relacionamento com o seu filho adolescente para permitir um poder compartilhado na tomada de decisões.
Etapa 6 (Partida)	Pré- adultez	Quando há a saída do filho e os pais avaliam os seus sucessos e falhas enquanto pais. A partida de um filho envolve um conjunto complexo de tarefas: cuidar, estar disponível, ajudar sem controlar, aceitar a identidade separada do filho crescido.

Nota. Baseado na teoria de Galinsky (1987)

Etapas do ciclo vital da família. Relvas (1996), sem focar diretamente nos pais, também defende que o papel destes sofre mudanças ao longo do tempo. Esta autora refere então que existem diferentes etapas do ciclo vital da família, cujas etapas incluem: 1) Formação do casal; 2) Família com filhos pequenos; 3) Família com filhos na escola; 4) Família com filhos adolescentes; 5) Família com filhos adultos (Relvas, 1996). Em seguida serão descritas as etapas relacionadas com a paternidade.

Família com filhos pequenos. A segunda etapa do ciclo vital da família inicia-se quando o primeiro filho nasce. Nesta etapa surgem assim os papéis parentais, e a eles associados nascem também novas funções, novas tarefas e um conjunto de reorganizações relacionais, dentro e fora da família. Nesta etapa os pais questionam-se “como me vejo enquanto pai?” (Relvas, 1996; Alarcão, 2000).

Família com filhos na escola. A terceira etapa inicia-se quando os filhos entram na escola primária. Este acontecimento é um marco importante no ciclo vital porque ocorre a socialização dos filhos num contexto fora da família, havendo a partilha da educação com outra “instituição” (Relvas, 1996). Nesta etapa do ciclo vital, a separação e a autonomia constituem importantes tarefas para a família. Os pais, apesar de continuarem a proteger os seus filhos, têm que lhes ir dando cada vez mais autonomia ao mesmo tempo que lhes vão impondo cada vez mais regras e normas de atuação (Alarcão, 2000).

Família com filhos adolescentes. Esta etapa do ciclo vital é marcada pela adolescência dos filhos, sendo um período onde ocorrem bastantes mudanças, tais como a redefinição do equilíbrio individual, social e familiar (Relvas, 1996; Alarcão, 2000). Existem duas questões centrais nesta etapa: a autonomia e o poder. Os filhos cada vez mais desejam a sua autonomia, causando receio nos pais, então, uma tarefa fundamental nesta etapa é os pais reaprenderem a serem pais de filhos que se estão a transformar em adultos. Os filhos desejam também ter poder, e para não haverem desencontros, deverá haver um equilíbrio entre os pais e os filhos, de forma a que os adolescentes exerçam o seu poder, mas sob imposição de limites por parte dos pais. Na diferença, no desacordo de opiniões e nas diferentes visões do mundo, vai-se construindo a autonomia e identidade dos adolescentes (Alarcão, 2000).

Família com filhos adultos. Esta etapa é um período de grande movimentação familiar, marcado por múltiplas saídas e entradas no sistema (e.g. maridos ou esposas) e por transformações relacionais importantes. Nesta etapa os pais devem facilitar a saída dos filhos adultos, promovendo a separação, autonomia e identidade própria destes. Contudo, os pais devem estar disponíveis para apoiar, confortar e, eventualmente, aconselhar em situações de dificuldade ou *stress* (Alarcão, 2000).

Estes modelos demonstram que a paternidade varia consoante a fase de desenvolvimento dos filhos. No entanto, a evolução do tempo histórico, que despoletou mudanças sociais e culturais, e a constante transformação da paternidade, torna estes modelos desenquadrados para a realidade atual. Existem então diversas alterações em

função do tempo histórico. Atualmente, devido aos aspetos socioeconómicos, os filhos já não permanecem em casa com os familiares até frequentarem a escola. Isto deve-se ao facto de os pais e, principalmente, as mães estarem fortemente envolvidos no mercado de trabalho, sendo então necessário que os filhos frequentem a creche, iniciando a socialização dos filhos mais cedo do que referido nos modelos apresentados. No entanto, a última etapa dos modelos é a que sofre maiores alterações. Nos dias atuais, a vivência dos pais com filhos adultos não é marcada pela “partida” destes, uma vez que os filhos saem tardiamente da casa dos seus pais, havendo assim um prolongamento da transição para a vida adulta.

Parte II - Estudo Empírico

Enquadramento e Objetivos do Estudo

A presente investigação aborda a paternidade, conceito que remeta para o papel do homem enquanto pai, sendo uma função bastante complexa que tem como objetivo proporcionar a melhor qualidade de vida aos seus filhos (Leite, 2009).

A paternidade ainda é um tema pouco estudado, e apesar de haver uma crescente atenção dada aos pais, quando comparamos a investigação feita sobre a paternidade com a feita sobre a maternidade, verifica-se ainda uma enorme diferença (Pleck, 2012). Os estudos realizados focam-se essencialmente no papel materno, e os que se focam no papel paterno, abordam principalmente o processo de transição para a paternidade (tornar-se pai). Visto ser esta uma das limitações de grande parte da literatura (Parke, 2002), para se conseguir ter uma visão de vida da paternidade é necessário examinar o ser pai com filhos adultos (Parke, 2002). Então, de forma a explorar a paternidade de uma forma distinta do que existe na literatura, este estudo pretende estudar as vivências da paternidade ao longo do ciclo de vida dos pais, e não apenas no início desse processo.

Em termos teóricos, a investigação torna-se então pertinente uma vez que pretende explorar as vivências da paternidade ao longo do ciclo de vida e a forma como esta se vai transformando, tentando colmatar as limitações da literatura existente. Em termos práticos, a presente investigação poder-se-á revelar de alguma importância visto que ser pai é tão importante e complexo como ser mãe e um conhecimento mais aprofundado sobre o tema poderá contribuir para a elaboração de planos de intervenção sustentados e adequados tanto para os pais como para a família. Perceber-se o que os homens sentem ao vivenciarem a paternidade é uma mais valia para trabalhar terapeuticamente, por exemplo, caso estes apresentem dificuldades na paternidade (depressão, etc.) ou na vivência familiar.

O presente estudo tem então como objetivo geral “Compreender e explorar a vivência da paternidade ao longo do ciclo de vida, dando voz ao sujeito que a experienciou”.

Atendendo ao objetivo geral foram formulados os seguintes objetivos específicos que servirão de orientação à presente investigação:

1. Explorar como a paternidade vai sendo vivida ao longo do ciclo de vida do pai.
2. Explorar como as vivências de paternidade se vão transformando em função do crescimento dos filhos.
3. Explorar a percepção que os pais têm em relação ao seu envolvimento com os seus filhos e a forma como este se mantém ou se transforma ao longo do processo do desenvolvimento dos filhos e dos próprios pais.

Desenho de Investigação

O método de investigação deve ser escolhido, ajustado e desenvolvido tendo em conta a natureza do fenómeno em estudo, sendo que é o fenómeno que determina o método e as características dos participantes (Groenewald, 2004). A abordagem metodológica qualitativa de natureza fenomenológica, tratando-se de uma “metodologia qualitativa que contempla os requisitos do método fenomenológico e da Psicologia como ciência humana” (Giorgi & Sousa, 2010, p. 13), foi considerada a mais adequada para esta investigação.

Os métodos qualitativos, nomeadamente o método fenomenológico são abordagens de estudo credíveis em psicologia, procurando compreender a complexidade da experiência humana a partir de uma aproximação ao “mundo da vida” (Giorgi & Sousa, 2010). São um grande contributo à psicologia, pois têm como objetivo investigar as experiências únicas e individuais tais como elas são sentidas e descritas (Groenewald, 2004). A psicologia fenomenológica pretende então estudar e investigar os fenómenos intencionais da consciência, em que o objeto de estudo é a vivência intencional (Giorgi & Sousa, 2010). O método fenomenológico aplicado à psicologia é um método descritivo, em que se aplica a redução fenomenológica, pesquisando-se a essência do fenómeno, através de uma análise eidética, e presume uma relação intencional entre o sujeito e o objeto (Giorgi & Sousa, 2010).

Este método apresenta então vários momentos. Num primeiro momento, inicia-se a recolha das descrições de experiências vividas por outros sujeitos (os participantes). Num segundo momento, desenvolve-se a redução fenomenológica-psicológica, adotando-se simultaneamente uma perspetiva psicológica sobre o tema de estudo. Por

fim, num terceiro momento, o investigador procura estabelecer a “essência” do objeto de estudo através da variação livre imaginativa, baseando-se na análise eidética, definindo-se sínteses de significados psicológicos sobre o tema, os constituintes-chave/constituintes essenciais. Como geralmente, cada descrição de estrutura da experiência engloba vários constituintes-chave, torna-se igualmente importante explicitar as relações entre estes que englobam a estrutura final (Giorgi & Sousa, 2010).

Os resultados das pesquisas fenomenológicas são generalizáveis, tipificadas em estruturas, não representando um nível individual ou idiossincrático. Contudo, estão dependentes do contexto, não se pressupondo uma validade universal (Giorgi & Sousa, 2010). Então, a estrutura final tem como objetivo transmitir o que é verdadeiramente essencial, em termos psicológicos, explicitando um carácter geral associado ao fenómeno investigado (Giorgi & Sousa, 2010).

Em suma, esta investigação é de carácter qualitativo e descritivo, recorrendo-se ao método fenomenológico para a análise dos dados, dados recolhidos através de entrevistas narrativas. Este estudo é considerado transversal uma vez que a recolha de dados ocorre apenas num único ponto no tempo.

Método

Participantes. No âmbito deste estudo, os critérios de seleção da amostra recaem sobre o objetivo de “compreender e explorar a vivência da paternidade ao longo do ciclo de vida, dando voz ao sujeito que a experienciou”. Foram definidos como critérios de inclusão para o recrutamento de participantes as seguintes condições: 1) Nacionalidade Portuguesa; 2) pais de filhos adultos. Definiram-se como critérios de exclusão: a) homens diagnosticados com perturbações mentais. Para se constituir a amostra para este estudo, através de contactos fornecidos por colegas, foram contactados telefonicamente nove homens que correspondiam aos critérios definidos. Apenas cinco homens se mostraram disponíveis para colaborar, constituindo assim a amostra final do estudo (N= 5).

Todos os participantes consentiram a sua participação no presente estudo, assinando um consentimento informado (Anexo A). De forma a preservar o anonimato dos mesmos, os participantes serão identificados por P1, P2, P3, P4, P5.

Características dos participantes. Os pais participantes têm idades compreendidas entre os 52 e os 57 anos, cuja média é de 54,6 anos. Todos os participantes são da Região do Alentejo, concentrando-se no concelho de Évora. Todos os homens são casados com as mães dos seus filhos, cujas idades são superiores a 20 anos. A Tabela 3 resume as principais características sociodemográficas dos participantes.

Tabela 3. *Características sociodemográficas dos participantes*

Participante	Idade	Residência	Estado civil	Habilitações Literárias	Profissão	Nº de filhos/as	Idade dos filhos/as
P1	55	Évora	Casado	9º	Desempregado	2 filhas	29 e 25 anos
P2	52	Borba	Casado	12º	Empresário	1 filho	23 anos
P3	57	Évora	Casado	12º	Industrial de Panificação	1 filho 1 filha	30 anos 26 anos
P4	52	Montemor-o-Novo	Casado	6º	Encarregado de Armazém	1 filha	22 anos
P5	57	Évora	Casado	6º	Técnico comercial	2 filhos 1 filha	31 e 24 anos 20 anos

Instrumento. Considerando o problema de investigação, neste estudo de natureza qualitativa, a entrevista narrativa foi o instrumento utilizado para a recolha de dados, de forma a recolher narrativas das histórias do ciclo de vida dos participantes, principalmente relacionado com a paternidade. Ao ir além das tradicionais entrevistas baseadas em perguntas e respostas, as entrevistas narrativas revelam-se um importante instrumento para se realizar investigações qualitativas, uma vez que permitem o aprofundamento das investigações (Muylaert, Sarubbi Jr, Gallo, Neto & Reis, 2014). A entrevista narrativa é um instrumento não estruturado que visa aprofundar aspetos específicos/acometimentos importantes da história de vida do entrevistado e do seu contexto social (Muylaert, et al., 2014; Weller & Zardo, 2013). Posto isto, o objetivo da entrevista narrativa, para além de reconstruir a história de vida do participante, também permite compreender os contextos em que essa biografia foi construída e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações do entrevistado (Jovchelovitch & Bauer, 2002).

Durante todo o processo, também é importante ter em conta as características para-linguísticas envolvidas (tom da voz, pausas, mudanças na entoação, silêncio, expressões, entre outras), que são fundamentais para se entender o não dito. No processo de análise de narrativas, para além de se explorar o que é dito, também se explora como é dito (Muylaert et al., 2014).

Para além do referido, as entrevistas narrativas apresentam uma importante característica, a colaboração, visto que a história emerge a partir da interação, da troca, do diálogo entre o investigador e os participantes (Creswell, 2014 *cit. in* Muylaert, et al., 2014). Ao elaborar a narrativa, o entrevistado dá a oportunidade do investigador a escutar e a transformar de acordo com a sua interpretação. Portanto, o facto do investigador não se excluir da situação, é sensível aos efeitos subjetivos das trocas conscientes e inconscientes, verbais e não verbais dos participantes (Muylaert et al., 2014).

Muylaert et al. (2014), tendo em conta diversos autores, referem que as entrevistas narrativas propõem aos entrevistados que falem livremente a partir de uma questão aberta, não havendo o condicionamento das respostas (Callahan & Elliott, 1996; Silva, 2005; Clandinin & Connelly, 2011). De acordo com os mesmos, o referido permite que os participantes tenham liberdade de narrar as suas vivências da forma que lhes fizer mais sentido, havendo a construção de uma história com tendências próprias, em que os conteúdos implícitos e os não ditos emergem com maior naturalidade e mais próximos da realidade quotidiana. No presente estudo, solicitou-se aos participantes que elaborassem uma narrativa oral sobre a vivência de ser pai, recorrendo à questão aberta “O que é para si ser pai?”.

Procedimentos de recolha de dados. O processo de recolha de dados teve vários momentos. O primeiro momento deste processo foi o convite a homens pais para participarem neste estudo, tendo-lhes sido esclarecido detalhadamente a finalidade e os procedimentos do mesmo. Num segundo momento, procedeu-se então ao agendamento das entrevistas.

O terceiro momento deste processo foi assinalado com a realização das entrevistas. Estas foram realizadas num local calmo e discreto escolhido pelos participantes. Todas as entrevistas foram registadas com um gravador áudio, e posteriormente transcritas na íntegra para um documento digital. As entrevistas foram realizadas entre Dezembro de 2019 e Fevereiro de 2020, sendo que as mesmas tiveram uma duração média de 39 minutos (Tabela 4). No início das entrevistas, a investigadora agradeceu a disponibilidade para a participação no estudo, clarificou-se novamente os objetivos e procedimentos da investigação, dando aos participantes o consentimento informado para assinarem. Foi também dado aos participantes espaço para colocarem questões, de forma a tomarem uma decisão informada. Nesta fase inicial da entrevista foi criado um ambiente informal e empático. Todas as entrevistas ocorreram ao tempo dos participantes, não se estabelecendo um tempo limite para responderem à questão de

investigação, e ao longo da entrevista tentou-se aprofundar a mesma. A entrevista iniciou-se então com a questão aberta “O que é para si ser pai?”.

Tabela 4. *Entrevistas – datas e duração*

Participantes	Data	Duração
P1	18/12/2019; 12/12/2019	1:14:31
P2	2/01/2020	0:31:45
P3	14/01/2020	0:32:47
P4	18/01/2020	0:25:17
P5	15/02/2020	0:33:14

Procedimentos análise de dados. Tendo em conta o carácter qualitativo da presente investigação e os objetivos propostos, a análise dos dados será realizada através do método fenomenológico de investigação em psicologia. A escolha deste método prendeu-se com a necessidade de explorar as vivências subjetivas da paternidade dos participantes.

De modo a se proceder à análise dos dados, primeiramente realizou-se a transcrição das entrevistas, registando-se integralmente os conteúdos expressos, incluindo tempos de pausa e expressão de sentimentos (e.g., chorar, rir). Concluído este passo, iniciou-se a análise de dados, de acordo com o método fenomenológico de investigação em psicologia, baseado em Giorgi e Sousa (2010). O método fenomenológico procura alcançar o significado da experiência, sendo que todos os passos do método giram em torno de significados (Giorgi & Sousa, 2010). Então, de acordo com estes autores, realizaram-se quatro passos fundamentais para a análise através do método fenomenológico: 1) Estabelecer o sentido geral; 2) Determinação das partes: divisão das unidades de significado; 3) Transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico; 4) Determinação da estrutura geral de significados psicológicos.

O primeiro passo consistiu na familiarização com o “sentido do todo”, pretendendo-se apenas obter uma compreensão geral das narrativas dos participantes. Para tal, leram-se e releeram-se as transcrições de todas as entrevistas realizadas, apreendendo-se o sentido da experiência na sua globalidade (Giorgi & Sousa, 2010). No segundo passo, retomou-se a leitura de cada entrevista, identificando-se todas as unidades de significado, unidades essas que expressavam o sentido implícito das experiências dos participantes (Giorgi & Sousa, 2010). Num terceiro passo, a linguagem quotidiana/ do

senso comum dos participantes foi transformada em expressões que têm como objetivo clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições elaboradas pelos participantes. Isto é, transformaram-se as unidades de significado (em linguagem dos participantes), em expressões de carácter psicológico (em linguagem mais rigorosa) (Giorgi & Sousa, 2010). Por fim, no quarto passo, a investigadora, fazendo uso da variação livre imaginativa, transformou as unidades de significado numa estrutura descritiva geral. Estrutura geral que resulta da “descrição dos sentidos mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas várias unidades de significado, assim como das relações que existem entre estes últimos” (Giorgi & Sousa, 2010, p. 90).

Resultados

Estrutura Geral de Significados Psicológicos. Depois do estabelecimento do sentido geral, da divisão das unidades de significado e respetiva transformação em expressões de carácter psicológico de todas as entrevistas (Anexos B a F), importa determinar a estrutura geral de significados psicológicos, tal como referido anteriormente, que engloba os sentidos mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas unidades de significado transformadas em linguagem psicológica, assim como das relações que existem entre estes.

Os participantes envolvidos neste estudo relataram que a vivência da paternidade era uma vivência positiva e inexplicável, podendo ser considerada a melhor vivência das suas vidas. Contudo, para além dos momentos positivos, também existem momentos mais difíceis, designados pelos participantes como altos e baixos. Para além destes aspetos relativos ao significado emocional de ser pai, os participantes relataram ainda que ser pai causa preocupação, visto que os pais estão sempre preocupados com os seus filhos, independentemente das situações ou da fase de desenvolvimento destes. Ser pai também acarreta sofrimento, causado pelas escolhas dos seus filhos e pela vivência do próprio sofrimento dos filhos, em que os pais vivem mais intensamente o sofrimento dos filhos do que os próprios filhos.

Os participantes têm a representação que ser pai é desejar o bem-estar dos filhos, e sempre que for necessário ajuda-los, os pais devem estar disponíveis para tal. Ser pai inclui ainda educar, transmitindo os valores que consideram melhores, demonstrando que a educação é idiossincrática. A melhor forma de educar é dar o exemplo, em que os pais desejam que os seus filhos os considerem os seus modelos de

vida. Contudo, não são apenas os filhos que aprendem com os pais, os participantes consideram ainda que estão continuamente a aprender com os seus filhos.

A paternidade despoleta bastantes mudanças. A partir do momento que um filho nasce, os pais começam a viver para ele, tornando-se a prioridade das suas vidas. A paternidade obriga então a que os pais sigam uma trajetória de vida diferente. Perante isto, ocorrem então mudanças nas rotinas dos pais, e mudanças nas emoções e sentimentos experimentados, a nível da felicidade, dos medos, da tolerância, na atenção e na paciência. Uma das principais mudanças que os participantes também relataram foi a mudança da responsabilidade, que não se compara às responsabilidades antes de se ter um filho.

Ao longo do ciclo de vida, a vivência da paternidade sofre mudanças. Os filhos, à medida que se desenvolvem, vão ganhando a sua autonomia, tornando-se menos dependentes dos pais, mas também vão ganhando a sua liberdade, havendo assim a diminuição da autoridade dos pais. Relacionado com estes aspetos, existe ainda a diminuição do envolvimento do pai ao longo do desenvolvimento dos filhos.

O envolvimento paterno também é um aspeto importante na vivência da paternidade, sendo que “estar presente” é a forma de envolvimento eleita pelos participantes. Existem ainda diferentes formas de estar presente ao longo do desenvolvimento dos filhos, formas essas adaptadas às idades dos filhos. Os participantes consideram que é sempre importante estar-se envolvido com os filhos, independentemente da idade, havendo benefícios na relação pai-filhos. Contudo, a profissão tem impacto no envolvimento paterno, visto que por vezes a carga horária excessiva não permite que os pais tenham disponibilidade para estarem envolvidos com os seus filhos.

Sistematização dos constituintes essenciais. Neste estudo foram identificados e selecionados 22 constituintes essenciais, agrupados em 5 áreas (Significado emocional de ser pai, Representação do que é ser pai, Mudanças resultantes da paternidade, Vivência da paternidade ao longo do ciclo de vida e Envolvimento paterno). Os constituintes foram agrupados de acordo com a área a que estão mais diretamente ligados. Apesar de se realizar uma análise individual de cada constituinte essencial, estes não são independentes, pertencem a uma rede de fenómenos que se interrelacionam. Estes constituintes tiveram origem nas vivências da paternidade narradas pelos participantes.

A Figura 2 esquematiza as vivências da paternidade, representando os constituintes essenciais identificados neste estudo.

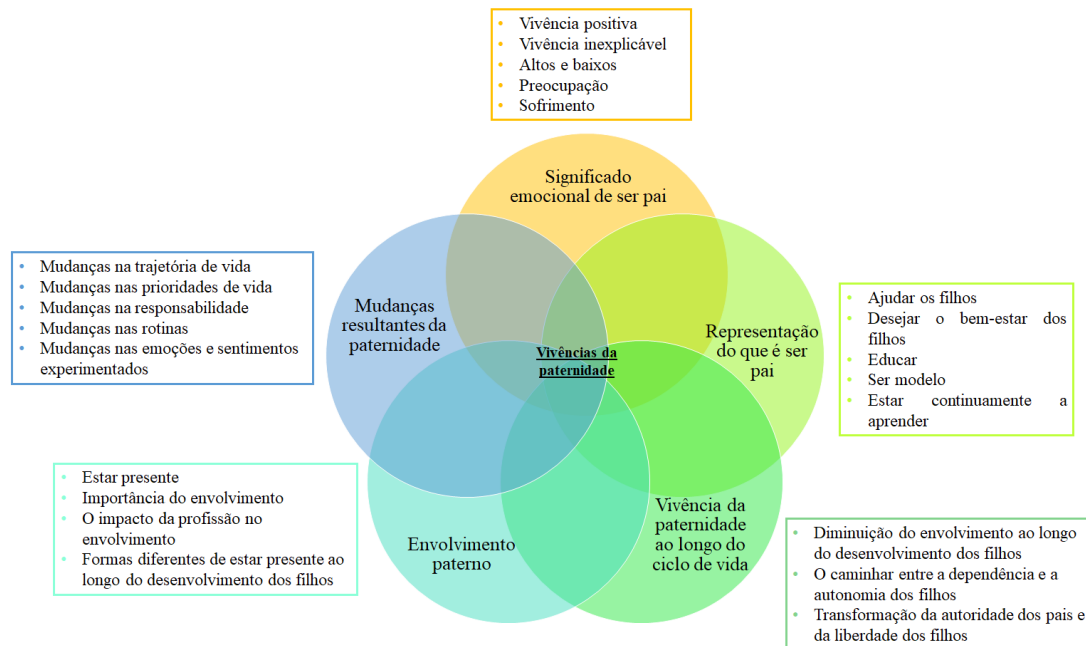


Figura 2. Esquematização das Vivências da paternidade, identificadas as áreas e os respectivos constituintes essenciais.

Significado emocional de ser pai.

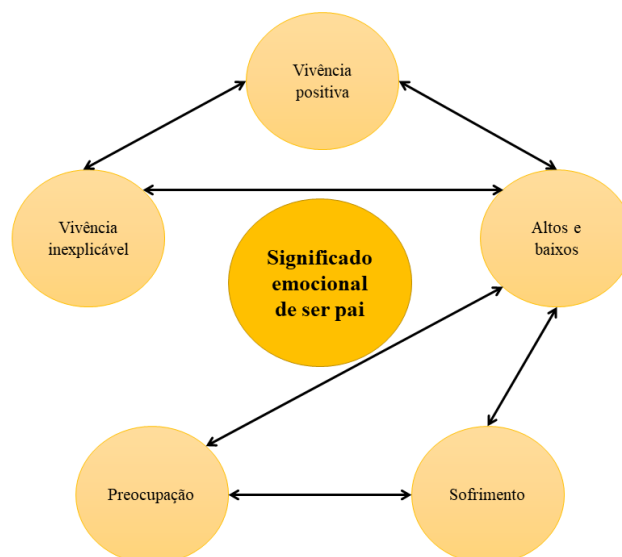


Figura 3. Relação dos constituintes essenciais do Significado emocional de ser pai.

Vivência positiva. Todos os participantes percebem que a paternidade é uma vivência positiva, alguns referem mesmo que é a melhor vivência das suas vidas.

“Tanto faz como o homem e a mulher, um pai ou uma mãe é das melhores coisas que pode existir no mundo. Fazendo uma frase feita, é do melhor que há, é das experiências melhores do mundo, nem acredito que haja experiência melhor que essa [sorriso].” (P1)

“Tem sido muito boa (...). Porque realmente ter um filho foi a melhor coisa que me aconteceu.” (P2)

“A vivência de ser pai tem sido excelente.” (P3)

“(...) mas é boa, a experiência é boa. (...) Porque eles são o melhor da vida, independentemente de serem maus, serem bons, mas é o melhor da vida.” (P4)

“Ser pai pfff é uma das maiores dádivas que podemos ter.” (P5)

Vivência inexplicável. Os participantes percebem que a vivência da paternidade é inexplicável, havendo dificuldade em expressar o que é ser pai.

P1 afirma que a experiência de ser pai não tem descrição, percebendo que é das melhores experiências que o ser humano pode ter.

“A experiência de ser pai pffff é indescritível. Penso eu que não tem descrição porque é uma das coisas mais maravilhosas que um ser humano pode pffff sei lá.”

P2 e P4 não conseguem exprimir o que é ser pai, considerando que é uma vivência inexplicável, pessoal e idiossincrática.

“Não consigo exprimir em palavras aquilo que sinto (...). Ser pai é uma coisa tão única e pessoal, que não consigo explicar o que sinto. É uma coisa fora do normal, só quando estamos na situação é que sabemos.” (P2)

“Pergunta o que é ser pai, mas nem há palavras para explicar, percebe? É uma coisa tão nossa, tão forte que não se consegue explicar.” (P4)

Altos e baixos. Todos os participantes relatam que apesar da paternidade ser uma vivência positiva e inexplicável, esta vivência tem momentos positivos e momentos difíceis, podendo ser designados por altos e baixos.

P1 refere que a paternidade tem fases mais difíceis, principalmente na fase da adolescência, mas é uma experiência inesquecível.

“Há sempre fases mais conturbadas, da adolescência, isso tudo mas é uma experiência inesquecível, isso é, sem dúvida.”

P2 e P4 referem que a paternidade tem sido uma vivência positiva, mas existem altos e baixos.

“Tem sido muito boa, com muitas aprendizagens, altos e baixos.” (P2)

“Isto de ser pai tem altos e baixos, como é óbvio, tem momentos bons, tem momentos mais [eleva o tom]... menos bons, ah mas no ponto geral é uma coisa, uma experiência boa.” (P4)

P3 considera que durante a sua paternidade não tem vivenciado grandes problemas, apesar dos problemas do cotidiano.

“(...) quer dizer, não tenho tido grandes problemas assim de maior, há sempre aqueles do dia a dia.”

P5 refere que durante a paternidade existem momentos positivos e momentos difíceis, e os últimos estão associados às asneiras dos filhos.

“[a vivência de ser pai tem sido] de altos e baixos. (...) há momentos mais baixos, momentos mais difíceis, grandes cabeçadas que às vezes eles dão, cabeçadas no bom sentido, das asneiras que fazem.”

Preocupação. Alguns participantes enfatizam que ao se ser pai, se está preocupado com os filhos, independentemente das situações ou das idades dos filhos.

P1 refere que os pais têm “milhões de preocupações”, e que estão constantemente preocupados com os seus filhos.

“(...) Milhões, milhões, milhões de preocupações! (...) os pais estão preocupados, mas isso preocupados estão todos os dias, todas as horas, todos os minutos, os pais estão sempre preocupados com os filhos.”

Perante a questão da investigadora “e os pais estão sempre preocupados com essas escolhas dos filhos?”, o participante P3 responde afirmativamente, enfatizando que essa preocupação das escolhas dos filhos se tem verificado ao longo do desenvolvimento destes, mas atualmente já não se preocupa tanto, pois considera que os filhos devem aprender com os próprios erros.

“Sim, de vez em quando temos ali momentos mais leves quando pensamos que está tudo encaminhado, mas às vezes surge qualquer conversa, isto não está bem, há aqui qualquer coisa que se está a passar, o fulano ou fulana ainda não vai ficar por aqui, ainda quer outra coisa, e isso tem-se passado comigo ao longo destes anos, ao longo da criação dos meus filhos isso tem acontecido muita vez. (...) mas cada um só se sabe levantar depois de cair, se nunca cair nunca se chega a levantar, a minha questão já é essa, já não me preocupo também por causa disso (...) mas é sempre um problema para nós é esse, às vezes estarmos a ver que eles vão cair e eles não evitarem.”

P4 refere que um pai está sempre preocupado com um filho, independentemente da fase de desenvolvimento do mesmo.

“Um pai está sempre preocupado com o filho né, independentemente da idade que tenha né, e isso não vai mudar, acho eu. (...) eu vou preocupar-me com ela sempre, independentemente da idade que ela tenha, e sempre que ela precisar eu vou estar aqui.”

Sofrimento. Os participantes percebem que a paternidade também traz sofrimento aos pais, sofrimento causado pelas decisões dos filhos, como sofrimento ao vivenciarem o sofrimento dos filhos.

P1 refere que o sofrimento dos filhos é vivenciado mais intensamente pelos pais do que pelos próprios filhos.

“Viver com a dor de um filho não tem explicação, porque como se costuma dizer, e é verdade, se a um filho dói um dente, ao pai e à mãe doem-lhe todos. (...) Se o filho tem um problema, seja ele qual for, desde o momento compartilhado, esse problema para os pais é sem dúvida o dobro, o dobro.”

P3 refere que os pais sofrem com as decisões dos filhos, principalmente quando estas levam os filhos por direções que os pais não consideram as melhores, sendo então difícil para os pais lidarem com essas situações.

“(...) por isso é que às vezes é mais difícil lidar com a situação quando nós estamos a ver que eles vão cair quase dentro de um abismo e eles continuarem a dar passos na direção de esse abismo”

P4 demonstra que sofre com as decisões da filha, mas tem que as respeitar, uma vez que a filha já é adulta.

“O coração de um pai sofre com estas coisas né, mas o que podemos fazer né? Ela já é grande, já pensa por ela, já tem as ideias dela.”

P5 refere que os pais se apercebem do sofrimento dos filhos primeiro que os próprios filhos, enfatizando que os pais sofrem mais com uma situação de sofrimento de um filho, do que uma situação de sofrimento próprio.

“ahhh e quando eles sofrem por algum motivo, nós somos os primeiros a sentir na pele, e somos os primeiros a apercebermo-nos que não estão, e sofreremos tanto ou mais do que eles. (...) acredito que uma situação menos boa que aconteça a um filho, ou que aconteça a um pai, o pai sofre mais viver a situação de sofrimento do filho, se for ligado a ele, consegue desligar mais facilmente, se for

com os filhos não, as coisas complicam-se mais. Acho que o sofrimento de um filho é superior ao sofrimento do pai.”

Representação do que é ser pai.

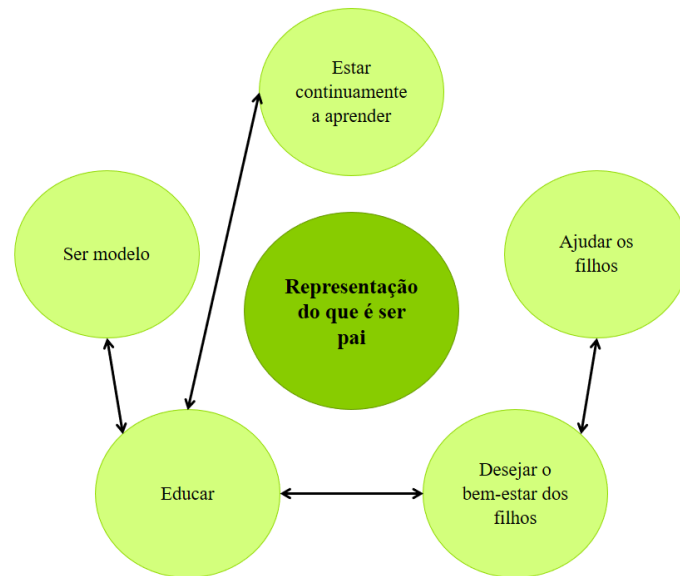


Figura 4. Relação dos constituintes essenciais da Representação do que é ser pai.

Ajudar os filhos. Todos os participantes consideram que os pais devem ajudar os seus filhos.

P1 refere que os pais devem tentar solucionar os problemas dos filhos, nunca desistindo da tentativa de ajuda-los.

“(…) E aí temos que ter, como pais, nem todos conseguimos, mas temos que ter capacidade de tentar minimizar esse problema do filho ao zero, que era o ideal, nem sempre se consegue, mas era o ideal. (…)

No entanto, um pai, pelo menos pela lógica da vida, nunca, mas mesmo nunca deve desistir, há sempre qualquer coisa que diz que o pai pode ajudar o filho.”

P2 refere que os filhos chegam a uma fase do desenvolvimento que tomam as suas decisões, mas quando precisam de ajuda, os pais devem ajuda-los.

“Eles chegam a uma fase que querem seguir os caminhos deles, pensam eles que conseguem seguir, (…)

depois quando encontram a primeira barreira recorrem logo aos pais, e tu tens que o ajudar nessas barreiras.”

P3 refere que a insatisfação dos filhos faz com que os pais procedam de forma a que os filhos sejam felizes ao longo do seu desenvolvimento.

“(…) mas nota-se que as pessoas parecem que nunca estão satisfeitas com o que têm, portanto querem sempre mais alguma coisa, e isso também nos coloca

em dificuldade porque pensamos que as coisas à partida poderão estar encaminhadas e quando vamos a ver não estão, não estão encaminhadas e isso faz-nos ainda trabalhar mais e faz-nos pensar mais como poderemos proceder para que eles sejam felizes enquanto vão crescendo e vão caminhando.”

P4 refere que se deve ajudar os filhos, dando-lhes os recursos que necessitam, satisfazendo primeiro as necessidades dos filhos.

“(…) se nós os pudermos ajudar e dar-lhes a eles o que eles precisam, nós damos-lhes a eles e não ficamos para nós, acho que seja assim.”

P5 refere que os pais devem ajudar sempre os filhos, e é isso que tem feito.

“estamos sempre dispostos e ajudamos na medida do possível. (…) O papel do pai também deve estar bem vinculado e deve ajudar sempre, pelo menos assim o faço e tento fazer.”

Desejar o bem-estar dos filhos. Todos os participantes relatam que desejam o melhor, a felicidade, o bem aos filhos, desejam então o seu bem-estar.

P1 refere que os pais desejam o melhor aos filhos, o que interessa é que sejam felizes, independentemente da profissão que tenham.

“(…) só queremos que a criança vá até ao topo. Para nós, ser pedreiro, ser estucador, ser doutor, ser engenheiro, ser primeiro ministro, filho é filho, independentemente da profissão. (…) desde o momento que o filho esteja feliz, e os pais verem um filho feliz, felizes também estarão [sorriso].”

P2 refere que age sempre em prole do bem do filho, mesmo que este nem sempre reconheça isso.

“Nós fazemos tudo a pensar no bem do filho mas ele nem sempre vê isso, mas nós damos sempre, sempre o melhor para ele.”

P3 refere que procede para que os seus filhos sejam felizes.

“(…) faz-nos pensar mais como poderemos proceder para que eles sejam felizes enquanto vão crescendo e vão caminhando.”

P4 refere que deseja que a filha tenha a melhor vida possível, que tenha uma boa profissão.

“(…) e já lhe tenho dito isso várias vezes, não queria que ela passasse pelo mesmo que eu passo e a mãe, que é trabalhos de, de segunda categoria vá (...), se ela puder ser doutora, não quero que ela seja uma empregada de caixa num supermercado, é um trabalho como outro qualquer como é óbvio, mas preferia que ela tivesse um trabalho melhor do que um trabalho pior, é só por isso.”

P4 também refere que apenas deseja a felicidade da filha.

“Eu só quero que ela seja feliz, e se ir para a Coreia é ir atrás da felicidade, eu apoio-a.”

P5 demonstra que deseja o melhor aos filhos, pois refere que é necessário adaptar aos filhos para se atingir os objetivos que consideram melhores para os mesmos.

“(…) tem é que se tratar de maneira diferente para conseguirmos atingir os objetivos que achamos que são os melhores para eles.”

Educar. Os participantes também têm a representação que educar faz parte da paternidade, e consideram que a educação é idiossincrática, isto é, os pais educam à sua maneira, transmitindo os valores que consideram melhores.

P1 refere que tentou educar as suas filhas da melhor forma, transmitindo os valores que considerava melhores.

“ [educação] certamente não sei se foi a melhor, mas a pior também não foi (…). Nós fizemos o que pensámos que era melhor, transmitimos os valores que pensávamos que eram os melhores, acredito que não foi a 100%, mas 20% não foi de certeza, foi sempre acima dos 70, 80%, para os nossos filhos transmitirem isso aos filhos delas.”

P2 refere que não existe um manual para educar um filho, educando-se de forma idiossincrática.

“Mas isso não há um manual para educar um filho. (…) ensinamos-lhes outras coisas, demos-lhe educação, à nossa maneira.”

P3 refere que desde sempre tentou educar, da melhor forma possível.

“tenho a minha consciência tranquila que fiz o que era possível fazer né, tentando educar sempre, ainda hoje continuo a educar, se aprendem ou não”

P5 refere que os pais têm o dever de transmitir aos seus filhos os valores que consideram melhores, valores esses que variam de pai para pai, dependendo da educação que cada um teve.

“(…) depois temos sempre o dever de transmitir valores que nós entendemos que são os melhores para eles, e nós nos organizamos por eles, ahhh há quem tente transmitir valores que podem não ser os mais corretos, mas isso tem a ver com a educação de cada um, do adulto que teve em criança, quem não tem, não pode dar, como se costuma dizer.”

Ser modelo. Ser modelo foi constituinte essencial relatado pelos participantes, constituinte que divide opiniões. P1, P3 e P5 desejam ser os modelos para os seus filhos,

no entanto, P2 considera que ao se desempenhar o papel de pai, não se recorre a nenhum modelo.

P1 deseja que as filhas sigam o seu exemplo.

“(...) quando elas forem mães, que tentem fazer aquilo que mais ou menos nós fizemos, e depois a partir daí é uma escada.”

P2 refere que não recorreu ao modelo dos pais, visto que desempenha o seu papel de pai tendo em conta o seu sentimento. O referido demonstra que o participante não considera que vá ser um modelo para o filho, visto que considera que não se segue o modelo dos pais.

“O amor e a proteção são sentimentos teus, tu nunca vais buscar a outra coisa, podes ir buscar a ... não vais buscar. Não há um modelo, é o teu modelo, porque os teus sentimentos são teus, tu nunca vais buscar os teus sentimentos a outra pessoa, ao teu pai ou à tua mãe, nunca, nunca vais buscar modelos a ninguém porque o sentimento é teu, o amor é teu.”

P3 considera que todos os pais desejam que os seus filhos os considerem um modelo, um herói, independentemente das condições monetárias e materiais.

“Nós queremos sempre que seja, nós queremos ser sempre o modelo de vida para os nossos filhos, se conseguimos ou não... depende muito às vezes se estamos ou não presentes, se estamos ou não ausentes (...). Acho que qualquer pai deseja ser modelo, independentemente da condição financeira, da condição de trabalho, independentemente de qualquer coisa, todos nós, penso eu, julgamos que os filhos nos vejam como uns heróis”

P5 considera que a melhor forma de educar é dar o exemplo aos filhos, ser um modelo para os mesmos, modelo esse que sabe responder consoante as situações. P5 também refere que os pais gostam quando os filhos os consideram modelos, que são os melhores.

“(...) a melhor forma de educar é o exemplo, ahhh se eles virem num pai um exemplo, um modelo a seguir, um herói até, não é que seja um durão, não, quando é preciso rebolar com eles na lama rebola com eles na lama, quando é preciso dar uma palmada, dá-se uma palmada, mas tudo na hora certa. (...) Eu acho que todos os pais se sentem vaidosos se o filho disser ‘o meu pai é o melhor pai do mundo’, ‘o meu pai faz isto que mais ninguém faz’.”

Estar continuamente a aprender. Os participantes percebem que as vivências com os seus filhos despoletam aprendizagens constantes nos próprios pais.

P1 refere que realiza aprendizagens diariamente com os seus filhos ao longo do desenvolvimento destes.

“É uma aprendizagem para eles e para nos pais, umas vezes mais complicadas outras menos, mas é todos os dias, todos os dias é uma aprendizagem desde que o filho nasce até se tornar adulto é todos os dias é uma aprendizagem muito forte, uns dias mais positivos e outros menos positivos, mas é todos os dias, todos os dias uma aprendizagem.”

P3 enfatiza que os filhos despoletam aprendizagens nos pais, aprendendo a serem pais ao longo do desenvolvimento dos filhos.

“O que marca a paternidade é amor e aprendizagem, temos que ir aprendendo também com o filho. (...) Mas nós também aprendemos com o filho, porque vamos aprendendo a ser pais ao longo do tempo, enquanto ele cresce, nós temos que nos adaptar a ele.”

P5 refere que não são apenas os pais que despoletam aprendizagens nos filhos, os filhos, ao longo do seu desenvolvimento, também desencadeiam aprendizagens diárias nos próprios pais.

“(...) é assim, todos nós aprendemos, por muito ... nós tentamos educar, mas estamos sempre a aprender com eles (...). Todos nós estamos a aprender, e todos nós todos os dias aprendemos coisas novas, e vamos aprendendo consoante o crescimento deles e com o feitio de cada um, uns têm mais aptidões para umas coisas, outros têm para outras, mas vai-se sempre aprendendo com eles.”

Mudanças resultantes da paternidade.

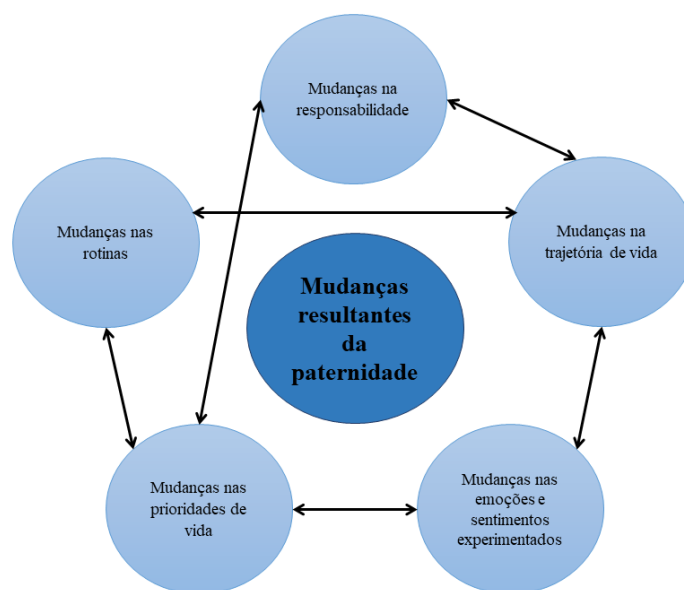


Figura 5. Relação dos constituintes essenciais das Mudanças resultantes da paternidade.

A paternidade despoleta diversas mudanças. Esta área engloba as razões que levam às mudanças (Mudanças na trajetória de vida e Mudanças nas prioridades de vida) e os aspetos que mudam (Mudanças nas rotinas, Mudanças na responsabilidade e Mudanças nas emoções e sentimentos experimentados).

Mudanças na trajetória de vida. Tendo em conta os participantes P1, P2 e P4, a paternidade faz com que os homens sigam uma trajetória de vida diferente do que tinham até ao momento de se tornarem pais.

P1 percebe que a sua trajetória de vida sem filhos teria sido completamente diferente da trajetória de vida que teve.

“(…) se não tivesse tido filhos, ou por opção ou por alguma razão extra, ah de certeza que a vida tinha sido completamente diferente. Mas sem dúvida nenhuma, porque os filhos ajudam-nos e chateiam-nos, mas ajudam-nos todos os dias e é uma vida completamente diferente.”

P2 refere que a paternidade obriga a que se siga uma diferente trajetória de vida.

“Porque são caminhos que se desviam conforme as situações. Neste caso tens um filho, tens outro caminho obrigatório em que tens que ir por aí porque tens um filho”

P4 considera que a paternidade alterou a sua vida por completo.

“(…) foi uma coisa que veio mudar a minha vida por completo.”

P4 refere também que é necessário realizar mudanças com o nascimento de um filho.

“há coisas que nós temos que começar a fazer de maneira diferente, e acho que isso aconteceu comigo”

Mudanças nas prioridades de vida. A partir do momento que os participantes se tornaram pais, os seus pensamentos focaram-se nos filhos, visto que estes se tornaram as suas prioridades de vida. Alguns participantes referem mesmo que as suas vidas se tornaram dependentes dos filhos.

P1 percebe que as filhas se tornaram a sua prioridade, referindo mesmo que a sua vida passou a ser delas.

“A partir daí, o mundo, sem duvida, gira à volta do que lá está. Do que lá está onde? Em casa, seja onde for, que é o filho. E a partir daí o pai e a mãe não fazem nada da vida sem antes pensar no filho.”

“(…) porque desde o momento que uma pessoa se torna pai ou mãe, a partir daí a nossa vida deixa de ser um bocadinho nossa, passa a ser do nosso filho, da nossa filha.”

P2 refere que os seus pensamentos passaram a se focar no filho, visto que este se tornou a sua prioridade, até que se torne adulto e independente.

“Os dois, os pais, a pensar só naquilo, só no filho. Aquilo é o objetivo, até ter pernas para andar sozinho [sorriso]. Basicamente é isso.”

P4 considera que a partir do momento que a filha nasceu, a sua vida começou a ser vivida em função dela, demonstrando que esta se tornou a sua prioridade.

“A partir do momento que a minha filha nasceu começamos a a estarmos mais dependentes para ela porque aquela criatura que ali está, está dependente de nós, a partir do momento que ela nasce nós começamos a viver mais para ela do que propriamente para nós, acho que foi mesmo isso assim.”

P5 refere que a paternidade faz com que os pensamentos se deixem de focar no próprio, no casal, e se passem a focar na família, demonstrando implicitamente que os filhos se tornaram uma prioridade.

“nós deixamos de pensar só em nós, só no casal, e começamos a pensar numa família, é totalmente diferente, é muito diferente.”

Mudanças nas rotinas. Os participantes relataram que as suas rotinas mudaram quando foram pais.

P2, para além de referir que a paternidade alterou as suas rotinas, também refere que a adaptação às novas rotinas foi fácil devido ao amor que sente pelo filho.

“Altera é rotinas de vida, mas é uma coisa fácil de adaptar a essas rotinas, porque é uma coisa com amor, que a gente quer. É fácil.”

P4 também percebeu que o nascimento da sua filha mudou as rotinas que tinha. Contudo, o participante refere que as mudanças que ocorrem ao longo da paternidade não são tão percebidas como as mudanças que ocorreram na transição para a paternidade.

“(…) mas pronto, mas muda, muda as nossas rotinas, agora estar a especificar as rotinas é complicado, porque, isto é, coisas que vão, a gente nem se apercebe bem, a mudança que isso provoca, eu lembro-me perfeitamente da mudança que provocou mais na altura que ela nasceu, do que propriamente a partir de uma certa altura que ela começa a não estar tão dependente”

P5 defende que o nascimento de um filho despoleta mudanças, como por exemplo saídas noturnas, que se tornam impensáveis porque têm um filho para cuidar.

“(...) até do sair à noite por exemplo, quando os filhos são pequenos é impensável, porque temos mais alguém que temos que cuidar”

Mudanças na responsabilidade. Os participantes relataram as mudanças na responsabilidade é uma das principais mudanças que ocorrem na paternidade.

P1 enfatiza que o nascimento de um filho despoleta uma grande responsabilidade nos pais, uma vez que estes têm que assumir o papel de pai e comportarem-se consoante esse papel que requer muita responsabilidade.

“(...) desde o momento que ele nasce, desde o momento da gravidez, a partir daí a responsabilidade dos pais é ... tudo, e ao ser tudo, o pai ou a mãe ‘amanhã vou além, espera, está ali o nosso filho, a mãe diz que vai acolá, espera, está ali o filho, tudo isso, tudo isso é uma mudança radical, radical porquê? Porque o pai e a mãe desde o momento que assumiram aquela situação, ser pais, têm, mas têm mesmo que assumir o filho.”

P3 também refere que ser pai é uma grande responsabilidade, logo desde o nascimento dos filhos, considerando mesmo que a responsabilidade caracteriza a paternidade.

“Ser pai é ... uma grande responsabilidade desde logo (...). A paternidade caracteriza a... responsabilidade, sem dúvida, responsabilidade, é a palavra que mais que mais penso.”

P3 acrescenta ainda que os pais ao serem responsáveis, transmitem responsabilidade aos filhos.

“(...) a responsabilidade, ser responsável, porque se fores responsável também estás a incutir responsabilidade.”

P4 refere que a responsabilidade antes e depois de se ter filhos é diferente, sendo maior a partir do momento que se é pai.

“(...) porque nós não temos responsabilidades nenhuma, quer dizer, temos sempre responsabilidades né, mas é uma coisa diferente, porquê? tínhamos uma vida que íamos para todo o lado sem responsabilidades nenhuma”

P5 refere a responsabilidade foi uma das maiores mudanças que a paternidade lhe trouxe.

“(...) mais responsáveis, essa é uma das principais também.”

Mudanças nas emoções e sentimentos experimentados. Os participantes consideram que a paternidade é um acontecimento que despoleta bastantes mudanças a nível das emoções e sentimentos.

P1 percebe que os sentimentos, a felicidade e os medos mudaram a partir do momento que se tornou pai.

“(…) todos os nossos sentimentos mudam e até acredito que a nossa felicidade muda, lógico, porque a nossa felicidade, os nossos medos, também acontecem desde o momento que somos pais, são completamente diferentes do que antes.”

P4 também refere que a paternidade teve repercussões na sua personalidade, tornando-se uma pessoa mais tolerante, atribuindo mesmo essa mudança ao nascimento da sua filha.

“ahhh... como é que eu hei de dizer, é uma coisa que nos muda, que nos muda mesmo a nós, na nossa maneira de ser, ahh muda. (...) Ai mudei mudei mudei, mudei muito, eu sempre fui uma pessoa que fervia em pouca água, ahh, era a coisa que mais detestava, ainda hoje detesto, só que hoje tolero, antes não tolerava, (...) acho que foi desde o nascimento da G. que isso aconteceu.”

P5 relata que a paternidade despoletou mudanças na atenção, na tolerância, na paciência e na personalidade.

“(…) com a vinda dos filhos tornamo-nos muito mais pacientes, mais atentos (...). Mas que há grandes mudanças há (...) do ser mais paciente, mais tolerante, muda o feitio.”

Vivência da paternidade ao longo do ciclo de vida.

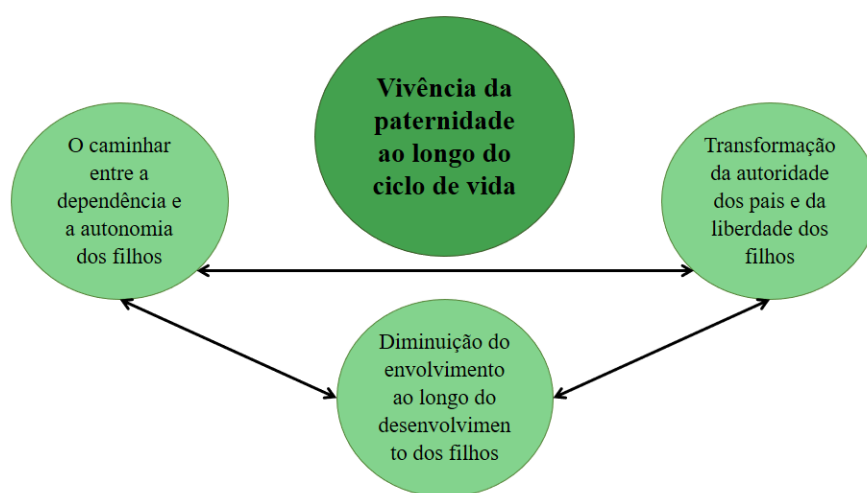


Figura 6. Relação dos constituintes essenciais da Vivência da paternidade ao longo do ciclo de vida.

O caminhar entre a dependência e a autonomia dos filhos. Ao longo do desenvolvimento dos filhos, estes vão ganhando a sua autonomia, tornando-se menos dependentes dos pais. Os participantes percebem esse caminho que se faz entre a dependência e a autonomia dos filhos.

P1 refere que até aos 10 anos os pais têm o controlo dos filhos (os filhos são dependentes), mas a partir dos 10/12 anos os filhos começam a enfrentar/confrontar os pais.

“ali até aos 10, nós pensamos que nós é que mandamos, nós e que dizemos é assim ou assado, e depois a partir de uma certa altura, dentro dessas idades, 10, 12 anos, já começamos a ser confrontados pelos filhos, com algumas perguntas, com algumas afirmações, e com algumas situações”

P1 refere que a partir dos 10 anos os filhos iniciam uma fase mais complicada, em que os pais não sabem como devem tratar os filhos, devido ao processo de autonomização.

“os 10 já é aquela fase, nem são adolescentes, nem querem ser crianças, é ali aquele misto de confusão que começa a fase da complicação. Com 10 anos já não querem que os tratem como bebés, como é lógico, (...) e depois os anos passam, e depois vêm aí os 12, 13 anos, os pais aí passam-se da cabeça, passam-se numa maneira de dizer. Não se sabe muito bem o que se há de fazer, para as tratar de uma maneira é uma coisa, para os tratar de outra maneira é outra.”

P2 menciona que a infância foi uma fase fácil porque o filho era dependente dos pais, e eram estes que pensavam e executavam as tarefas. Quando o filho cresceu e desenvolveu a sua personalidade, começou a ter as suas próprias ideias, opiniões e gostos, tendo que haver uma adaptação de ambas as partes. P2 refere ainda que ao atingir a fase da adolescência, os filhos consideram que são detentores da razão, sendo uma fase complicada para os pais.

“quando ele era pequenino era mais fácil, porque aí é tudo connosco, ele só se movimenta com as nossas ideias, não quer dizer que seja bom, mas é mais fácil sermos nós a pensar, e executar as coisas. Depois já não é assim, quando começa a crescer temos que aceitar as ideias dele, os gostos dele, as saídas dele, “quero ir aqui”, e nós às vezes já temos que adaptar ao filho, mas ele a nós também.”

“Mas há uma idade normal deles que chegam àquela idade e acham que eles é que sabem tudo e não ouvem os pais, e às vezes é complicado.”

P4 demonstra que a vivência varia ao longo do desenvolvimento da filha, referindo que na fase da infância “é uma coisa”, e atualmente é diferente. Na fase da infância, a filha estava totalmente dependente dos pais para o seu cuidado. Na fase da adolescência, quando se começou a desenvolver, iniciou a realizar as suas tarefas, ganhando autonomia. Atualmente, a filha já é adulta e autónoma.

“Quando ela é pequenina é uma coisa, agora ela é maior é diferente né, ahhhh”

“(…) eu lembro-me mais quando ela era mais pequenina e estava mais dependente de mim não é, porque não conseguia tomar banho, não se conseguia vestir, eu é que tinha que lhe fazer isso (…) mas a partir de uma certa altura ela começa a ter uma idade diferente, já começa a fazer as coisinhas dela, começa a estar mais independente, e agora que ela é adulta e está mais dependente dela.”

P5 demonstra que o processo de autonomização deve ser gradual, visto que na adolescência tentava ir ao encontro das ideias e dos gostos dos filhos, mas haviam proibições sempre que necessário.

“Na adolescência epah tentamos ahhhh ir ao encontro dos ideais deles e das ideias deles, nem sempre, há proibições que têm que ser feitas e nem sempre se pode fazer as vontades todas, mas sempre tentando, na medida do possível, ir ao agrado deles e à vontade deles.”

Transformação da autoridade dos pais e a liberdade dos filhos. Os filhos, ao longo do seu desenvolvimento, desejam ter a sua liberdade, a sua privacidade, o seu espaço, e os participantes respeitam isso. Existe então uma transformação, enquanto os pais vão perdendo a sua autoridade, os filhos vão ganhando a sua liberdade.

P1 considera que a partir da fase da adolescência os pais devem começar a dar liberdade aos filhos, mas nesta fase é uma liberdade controlada, em que as filhas deviam dar “satisfações” aos pais.

“(…) Depois vêm os 15 anos (…) Temos que os ir deixando ir mais ou menos onde querem ir, mas o pai e a mãe é que controlam a situação. Depois lá vêm as respostas “lá estão vocês, eu já sei cuidar de mim”, e é difícil lidar com isto, (…) esta fase que querem tudo, e pensam que têm direito a tudo.”

“[dos 15 aos 18 anos] Embora os pais tenham que dar liberdade aos filhos mas os filhos também têm que dar alguma satisfação aos pais, é uma liberdade q.b.”

P1 considera que na fase da adultez, os pais já não têm autoridade para controlar as filhas, mas estas, com a sua liberdade, devem ter atenção para com os pais.

“(…) e nem sempre os pais ahhhh deixam, ou neste caso, como adultas, ahhhh já não é bem a questão de deixar ou não deixar, mas é sempre saudável ver as filhas e os filhos a crescerem, mas a crescerem de maneira, não é, utilizando aquelas palavras do dia a dia, ser pai ou mãe galinha, mas é elas crescerem dentro da sua liberdade, mas sempre com uma atenção para com os pais neste caso.”

P3 defende que tantos os filhos como os pais têm o seu espaço, espaço esse que tem que ser respeitado, de forma a que haja uma convivência familiar positiva.

“cada um tem que ter o seu espaço, e tem que se respeitar o espaço de cada um, e só assim se consegue viver em família né”

P3 demonstra ainda que ocorrem alterações nas regras que se estabelecem, demonstrando que os pais vão perdendo autoridade. Quando os filhos são adultos, P3 considera que já não tem autoridade de lhes estabelecer regras. Quando o filho era pequeno, o pai tinha autoridade de o mandar deitar cedo, atualmente não tem.

“Agora quando ele tem trinta anos, não lhe posso dizer “vai-te deitar cedo”, quando ele andava na escola sim, agora ele é responsável, (...) mas são coisas que hoje em dia já não posso, já não tenho esse poder de dizer “vai-te deitar agora que amanhã tens isto para fazer”.

P4 defende que se deve respeitar o espaço dos filhos, uma vez que refere que respeita a privacidade que a filha, já adulta, deseja.

“(…) ela quer a privacidade dela e eu respeito isso”

“obviamente que ali a partir de uma certa altura que isso já não acontece, ela neste momento já está numa fase que já tem a sua privacidade (...) já passou há muito tempo a idade de querer ter a sua privacidade que não tinha quando era pequenina né”

Diminuição do envolvimento ao longo do desenvolvimento dos filhos. Os participantes demonstram que o envolvimento dos pais com os seus filhos se altera ao longo do desenvolvimento destes, sendo que alguns participantes relatam mesmo que o envolvimento diminui.

P2 considera que tem de aproveitar o tempo que passa com o filho, porque esse tempo diminui com a idade, referindo mesmo que as relações dos pares se tornam mais frequentes que as relações com os pais, mas considera isso normal do desenvolvimento humano.

“(…) Temos que arranjar um desporto, alguma coisa que gostamos para estarmos juntos a fazermos a mesma coisa, e é aí que podemos aproveitar. Aproveita-lo bem a ele, a companhia dele, porque depois torna-se mais difícil ter a companhia dele, já tem namorada, já pensa nas saídas, os pais já ficam um bocadinho para trás, que é normal né.”

P3 também considera que o envolvimento com os seus filhos diminuiu ao longo do desenvolvimento dos mesmos, referindo que os filhos quando são adultos e têm capacidade para tomar as suas decisões, o papel dos pais é menos ativo, menos envolvido.

“(…) quando são mais pequenos o envolvimento é sempre maior, depois chega a uma altura, nesta fase que começam a ser maiores de idade, desde que cada um já saiba tomar as iniciativas que tem e já tenha feito as suas escolhas, eu acho que a partir daí o papel dos pais, o meu tem sido, tem sido mais afastado estando de olho né, naquilo que se faz, naquilo que estão a tentar fazer, sempre alerta para isso mas não não manifestando muito”

P4 refere que na fase da infância brincava bastante com a sua filha, demonstrando envolvimento. Atualmente esse envolvimento não se verifica, devido à falta de disponibilidade de ambos para tal.

“(…) quando ela era pequenina nós tomávamos banho juntos, brincávamos muito, hoje em dia não tenho tempo para isso, quer dizer, nem tenho tempo para isso, pronto também estamos numa situação diferente, chegamos a casa tarde todos os dias, não temos grande espaço de manobra para isso, e ela já tem as coisas dela, prefere estar a fazer as coisas dela, no computador, fazer trabalhos, falar com os amigos dela, já não tem propriamente a disponibilidade, eu também não tenho, sinceramente, estar a dizer que é só dela, não é dela, é dela e de mim, também não tenho, chego a casa quero é tomar banho, jantar e tenho pouco tempo para pouco mais que isso, a seguir vou-me deitar, e no outro dia é outro dia, e basicamente os dias são todos assim.”

Envolvimento paterno.

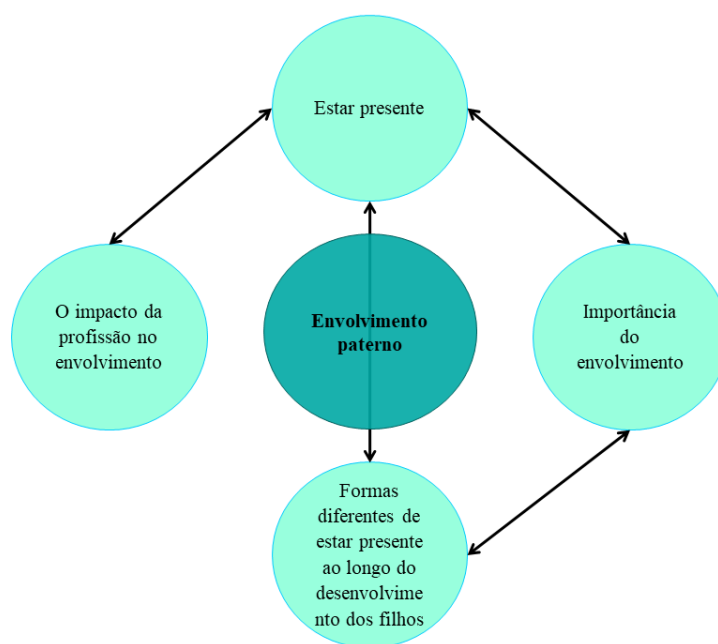


Figura 7. Relação dos constituintes essenciais do Envolvimento paterno.

Importância do envolvimento. Os participantes consideram que é importante estar envolvido com os seus filhos, havendo benefícios na relação pai-filhos.

Para P1 é importante que se mantenha um envolvimento com os filhos, para que a afinidade e a relação com estes não se percam.

“(…) passa sempre pela aproximação, é sempre a aproximação, porque se houver um afastamento dos pais, dos filhos, a coisa vai deteriorando, deteriorando de tal maneira que esse dia a dia deixa de existir, deixa de existir a paternidade, e depois a afinidade por parte dos filhos”

P2 refere que é importante estar envolvido com o seu filho, fazer atividades com este, desde a infância até à adultez, afirmando também que gosta de realizar atividades com o seu filho.

“(…) é sempre bom ir fazendo atividades com ele, é sempre bom, desde pequenino até ser adulto. É sempre bom, o pai sente-se sempre bem ao fazer atividades com ele.”

P3 demonstra que o envolvimento dos pais é importante em todas as fases de desenvolvimento dos filhos, principalmente na infância.

“(…) essa fase de acompanhamento em pequeno é sempre bom, aliás, ela é sempre toda fundamental. (…) inicialmente na, logo nos primeiros anos, sempre estive lá, faz toda a diferença, tendo um bom acompanhamento, quer dizer, é

diferente estarmos todos os dias com o pai em casa ou por exemplo o pai ser camionista e vir cá de quinze em quinze dias, quer dizer, às tantas nem dá pelo crescimento que ele fez, nem dá pelas primeiras palavras, não dá por algumas coisas que ele precisa.”

P3 também percebe que a falta de envolvimento com os filhos na fase da infância pode prejudicar o papel do pai quando os filhos são adultos, não entendendo certos comportamentos dos mesmos, daí a importância do envolvimento.

“(…) e sinto que às vezes não tenho essa, não consigo perceber às vezes certas reações que eles podem ter e se calhar eu tivesse acompanhado mais de perto, ou de perto mesmo poderia ter uma resposta mais mais eficaz, mais cabal para a resolução de certas questões que se colocam”

P5 considera que as crianças reconhecem a presença dos pais, daí a importância de estes estarem envolvidos com os seus filhos.

“As crianças por incrível que pareça, logo desde muito novas começam logo a dar valor e a aperceber-se quem está presente e quem não está presente, e quem dá o ombro amigo.”

P5 também percebe que as relações familiares se dissipam devido à diminuição do incentivo para o envolvimento.

“(…) acho que muitas das vezes, muitas famílias acabam por se dispersar porque não há incentivo para se juntarem, cada um tem a sua vida, cada um tem a sua casa, principalmente quando são mais velhos, mas se houver um incentivo, se houver alguma dinâmica que faça com que as pessoas se juntem, eah, os laços familiares não são quebrados como em muitas famílias acontece.”

Estar presente. Todos os participantes percebem que estiverem presentes na vida dos filhos, considerando a presença uma forma de envolvimento.

P1 refere que desde o nascimento das filhas sempre esteve presente nas diversas atividades das mesmas, tendo consciência que nem sempre procedeu corretamente.

“(…) mas desde o momento que elas nasceram, onde elas estavam, nós estávamos lá, se melhor, se pior, se era o sítio certo ou não, nós estávamos, como pais estávamos lá. Desde a consulta no dentista, desde a consulta no médico pediatra, reunião da escola, primeiro teatro, nós estávamos lá.”

P2 refere que apesar dos filhos darem pouca importância aos pais, os pais devem estar sempre presentes na vida dos filhos, e quando estes precisarem, saberem que os pais “estão lá”.

“Mesmo que ele não te dê muita importância, há alturas que é assim, mas tu tens que estar presente quando ele te chamar pai, tu tens que estar presente, saber que estás lá quando ele precisar de ti.”

P3 também considera que esteve sempre presente nas atividades dos filhos ao longo do desenvolvimento destes.

“(…) acompanhei-os em todas as atividades que eles tinham de... jardim de infância, depois na escola, estando em todas as atividades que eles podiam fazer, acompanhava-os sempre nas atividades extracurriculares, de futebol, de ballet, de dança, de equitação, dessas coisas todas.”

P4 refere que esteve presente na fase da infância da filha, realizando as atividades de cuidado.

“(…) eu saía do trabalho e ia busca-la à da minha sogra, levava-a para casa, eu é que lhe dava banho, eu é que lhe dava de comer, e isso assim, desde pequeninha, mas chegou a uma certa altura que ela começou a estar maiorzinha, já não é preciso dar-lhe banho que ela já toma banho sozinha [sorriso]”

P5 refere que ser pai é estar presente na vida dos filhos, tanto nos momentos bons como nos momentos maus, principalmente nos maus.

“(…) e principalmente estar muito presente, ahh o papel de um pai e como educador, é estar sempre presente, tanto nos momentos bons deles, como nos momentos maus, e até nos maus, porque ... ainda faz mais falta quando eles estão a passar um mau bocado, estarmos presentes e darmos a palmadinha nas costas”

P5 também refere que desde o nascimento dos filhos, sempre que possível, esteve presente nas atividades dos filhos.

“(…) sempre que possível participamos em atividades que eles ... por exemplo na escola, no infantário, sempre que podíamos estar presentes estávamos sempre presentes em tudo aquilo que eles se dispunham a fazer e faziam”

O impacto da profissão no envolvimento. Outro aspeto relevante que os participantes destacaram no envolvimento paterno, foi o impacto da ocupação profissional no mesmo.

P3 percebe que o tempo gasto na ocupação profissional limita o envolvimento com os seus filhos.

“(…) o tempo hoje em dia é tão pouco para a nossa vida profissional que às vezes escoramos um bocado o nosso papel do pai, de educador, de seguir os passos ahhh dos nossos filhos. (...) falta de tempo hoje em dia com os afazeres

profissionais limitam-nos noutras coisas, para podermos ter de um lado não podemos ter do outro.”

P4 refere que a sua carga horária de trabalho faz com que os seus dias sejam completamente preenchidos, não havendo tempo para estar envolvido com a sua filha.

“(…) nós temos a vida preenchida, dias completamente preenchidos, é difícil chegarmos a casa e, infelizmente, termos tempo para tudo e mais alguma coisa, não posso dizer que tenho porque não tenho, porque tenho uma... carga horária de trabalho muito elevada, que saio de casa às sete, sete e meia da manhã todos os dias, chego a casa todos os dias oito, nove, conforme, portanto, o espaço de manobra que tenho é muito pouco, tanto para ela como para mim né. E isto afeta, porque por muito que queira fazer coisas com ela, não tenho tempo para isso. Não tenho tempo para mais.”

P5 refere que a ocupação profissional absorve muitas horas aos trabalhadores, havendo pouco tempo para se estar com a família. Mas no seu caso, o facto de ter isenção horária, consegue moldar o seu horário de trabalho em função das atividades dos filhos para poder estar presente.

“(…) o trabalho absorve-nos muitas horas, secalhar em alguns casos, 10h, 12h, 14h horas por dia, ahh e em algumas situações que eu conheço e até mais, epah e depois fica-se com muito pouco tempo para a família, que é uma pena.”

“(…) eu tenho a sorte de ter isenção de horário, tanto posso sair de casa às 7h da manhã, e chegar às 10h da noite, como posso sair às 10h da manhã e chegar às 5h da tarde. Tento sempre moldar o meu horário de trabalho em função de algumas atividades que eles possam ter, ahhh no dia dos anos, tudo o que eu possa estar presente, tento sempre moldar o meu horário de trabalho para poder estar presente”

Formas diferentes de estar presente ao longo do desenvolvimento dos filhos. Os participantes P2, P4 e P5 demonstram, recorrendo às suas vivências, que existem diferentes formas de estar presente ao longo do desenvolvimento dos filhos, realizando-se diferentes atividades com os mesmos.

P2 refere que na fase da infância, realizava jogos com o seu filho, atualmente pratica pesca, sendo um desporto que permite estar envolvido com o mesmo.

“Mais pequeno era mais jogos, agora é a pesca. Eu adoro pesca, estar com ele à pesca, porque é uma coisa que fazemos em conjunto [sorriso]. (...) É um

desporto para estarmos juntos. O pai sente-se muito bem em ter um filho, um desporto, a fazermos as mesmas coisas que gostamos.”

P4 demonstra que as atividades variam ao longo de desenvolvimento dos filhos, uma vez que brincava com a sua filha no banho, e a partir de uma certa idade deixou de o fazer. P4 também refere que atualmente a atividade que poderá realizar com a sua filha é passear.

“Obviamente quando ela era criança, a coisa que ela mais gostava era de estar sempre de água, ela sempre gostou muito de... de estar dentro de água, e eu gostava muito de tomar banho com ela, metia a água na banheira e brincávamos muita vez, e era capaz de lá estar com ela uma hora ou mais na água a brincar, obviamente que ali a partir de uma certa altura que isso já não acontece, ela neste momento já está numa fase que já tem a sua privacidade.”

“(...) fazer coisas com ela em conjunto só se for um passeiozinho de vez em quando e pouco mais.”

P5 demonstra que, para além das atividades variarem consoante o desenvolvimento dos filhos, as atividades também variam consoante os filhos. Quando os seus filhos estavam na fase da infância, com o T. e a H. ia à pesca e tinha brincadeiras “puras”, enquanto que com o D. fazia desenhos. Na fase da adolescência, jogos didáticos eram as atividades que realizavam em conjunto. Atualmente, P5 vai às eucarísticas com os filhos, e realiza almoços de família ao Domingo.

“(...) quando eles eram mais novos, chegávamos a ir à pesca, com o T. principalmente, e o D. nem tanto, mas com a H., com o D., logo desde pequeno, era mais fazer desenhos (...) Ahhh os outros era mesmo mais brincadeira pura, era mais brincadeira. (...) [Adolescência] desde jogos didáticos, desde batalha naval, noite de monopólio, sempre jogamos todos cá em casa.”

“Ahhh temos também por hábito irmos às eucarísticas, eu já há alguns anos que faço animação na eucaristia, tocar viola, eles quando podem normalmente vão sempre”

“Temos o hábito também cá em casa que é, salvo raras exceções, ao Domingo, mesmo depois já de adultos, fazemos sempre os possíveis ao Domingo ao almoço juntarmos a família toda.”

Apesar da divisão dos constituintes essenciais pelas cinco áreas apresentadas, e das relações entre os constituintes na própria área, estes apresentam relações com

constituintes das outras áreas. A Figura 8 apresenta as relações entre os constituintes essenciais das diversas áreas.

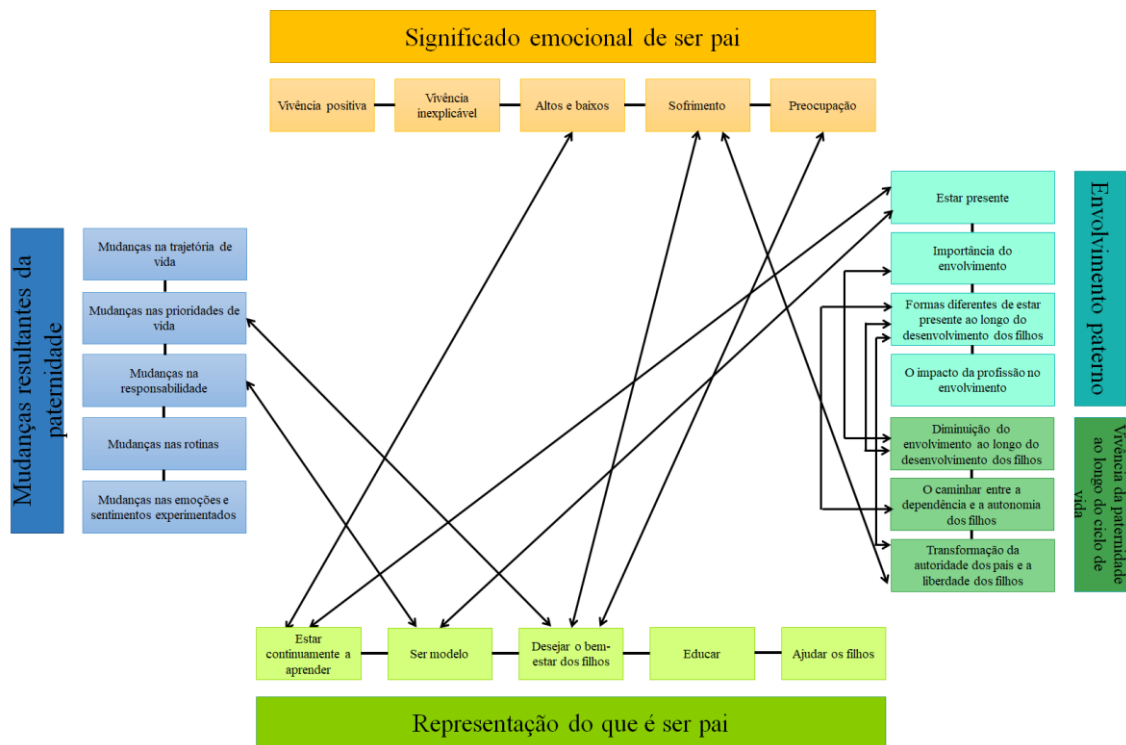


Figura 8. Relações entre os constituintes essenciais das diversas áreas.

Discussão

O objetivo geral desta investigação era estudar as vivências da paternidade, dando voz ao sujeito que a experienciou. Com esse objetivo a recolha de dados foi feita através de entrevistas narrativas realizadas a cinco pais com filhos adultos.

A partir duma análise fenomenológica (Giorgi e Sousa, 2010), identificaram-se 22 constituintes essenciais que se agruparam em cinco áreas: Significado emocional de ser pai, Representação do que é ser pai, Mudanças resultantes da paternidade, Vivência da paternidade ao longo do ciclo de vida e Envolvimento paterno. Visto que os constituintes essenciais estão interrelacionados, tentaram-se agrupar na área em que se enquadravam melhor.

O primeiro objetivo específico desta investigação consistia em explorar como a paternidade vai sendo vivida ao longo do ciclo de vida do pai. O segundo objetivo específico consistia em explorar como as vivências da paternidade se vão transformando em função do crescimento dos filhos. De facto, estes objetivos estão intimamente relacionados, pois um acompanha inevitavelmente o outro.

As narrativas dos pais sobre a sua paternidade mostram que esta é vivida como uma experiência bastante positiva (alguns participantes percebem mesmo que ter filhos é a melhor experiência das suas vidas), com um significado emocional tão elevado, que se torna difícil explicar o que é ser pai, fazendo com que esta seja uma vivência inexplicável. Mas para além de todos os momentos positivos, esta vivência também tem momentos mais difíceis, que surgem associados quer a problemas do quotidiano e dificuldades específicas vividas pelos filhos, quer à fase da adolescência destes, experimentada pelos pais como o período mais complicado. Os momentos mais difíceis despoletam então preocupação e sofrimento nos pais, sentimentos associados. Estes resultados verificam-se porque ser pai é uma vivência bastante significativa na vida dos participantes. Será que estes resultados são universais? Quais seriam os resultados em famílias disfuncionais? Será que todos os homens consideram a paternidade como um importante papel nas suas vidas?

Os resultados apresentados não são inesperados, sendo fortemente corroborados pela literatura existente. Tendo em conta Belsky (1986 *cit. in* Hutteman et al., 2014), a paternidade acompanha muitos aspetos positivos e alegres, e apesar de todas as dificuldades que os pais possam enfrentar, no global, a paternidade modela as suas vidas para melhor (Ambert, 2001; Palkovitz, 2002). A preocupação relatada também parece estar inerente ao papel de pai, uma vez que remete para um conceito já existente, a preocupação parental, que é alvo de diversas investigações (e.g., Algarvio & Leal, 2004; Algarvio & Leal, 2016; Algarvio, Leal & Maroco, 2010).

Na representação que os participantes neste estudo têm do que é ser pai, inclui-se também, o educar, de forma idiossincrática, transmitindo os valores que consideram melhores. A melhor forma de educar parece passar pelo dar o exemplo, o que faz com que os participantes desejem ser o modelo de vida dos seus filhos. Este constituinte essencial (ser modelo) vai ao encontro da literatura existente, uma vez que o papel do pai inclui ser um modelo/ser um exemplo positivo (Kimmel, 1997 *cit. in* Morman & Floyd, 2006; Palkovitz & Palm, 2009). Ao longo do ciclo de vida, os participantes consideram ainda que, à medida que vão educando os filhos, também eles pais estão continuamente a aprender.

O educar dos filhos aparece relacionado com o desejo do bem-estar destes. Assim, procura-se educar da melhor forma possível, para promover o bem-estar e a felicidade dos filhos. E sempre que este bem-estar está comprometido, os pais estão disponíveis a ajudar os filhos a alcançarem-no. O desejo do bem-estar parece estar ainda relacionado

com dois constituintes essenciais referidos anteriormente, o sofrimento e a preocupação. Os pais preocupam-se e sofrem quando o bem-estar dos filhos está comprometido.

Quando os homens se tornam pais, existe um grande choque nas suas vidas, associado às mudanças radicais no estilo de vida, e à alteração das suas trajetórias de vida (Palkovitz et al., 2001). Os participantes consideram que a mudança da trajetória de vida e das prioridades desta fazem com que ocorram diversas mudanças. Ocorrem então mudanças nas rotinas, nomeadamente as saídas noturnas. P2 considera que é fácil a adaptação a estas mudanças devido ao amor que se sente pelos filhos. Estas mudanças podem estar relacionadas com as mudanças nos estilos e planos de vida referidas por diversos autores (Ambert, 2001; Cowan, 1988; Newman & Newman, 1988; Palkovitz, 2002). Os resultados mostram ainda que ocorrem mudanças ao nível das emoções e sentimentos experimentados (mudanças na felicidade, nos medos, na tolerância, na atenção, na paciência). De facto, era esperado que os participantes relatassem estas mudanças, pois tendo em conta diversos autores, os pais sofrem mudanças qualitativas e duradoras nos seus pensamentos, crenças, sentimentos, atitudes e comportamentos (Kuczynski et al., 1999; Palkovitz, 2002; Palkovitz et al., 2001).

Um das principais mudanças que os participantes relataram foi a mudança no sentido da responsabilidade, que faz com que esta se transforme em algo não comparável com o vivido anteriormente. Este constituinte (mudanças na responsabilidade) era altamente esperado, pois para além da responsabilidade ser umas das repercussões da paternidade no desenvolvimento adulto (Palkovitz, 1996; Palkovitz et al., 2001), também é um dos componentes do modelo do envolvimento paterno de Lamb e seus colaboradores (Lamb et al., 1985). De facto, a responsabilidade é um conceito bastante relacionado com a paternidade, e os participantes reconhecem isso.

A paternidade aparece assim, no discurso dos entrevistados, como uma vivência que despoletou um conjunto grande de mudanças, tanto ao nível de rotinas como ao nível intrapessoal. Mas embora estas mudanças ocorram ao longo do ciclo de vida dos pais acompanhando o desenvolvimento dos filhos, são mais sentidas na transição para a paternidade. É no momento do “tornar-se pai” que as mudanças são vividas como mais drásticas, havendo lugar a uma mudança completa na vida dos pais.

Os resultados mostram que a vivência da paternidade se transforma ao longo do desenvolvimento dos filhos, explorando diretamente o segundo objetivo específico proposto. De facto, as relações pais-filhos não são estáticas, havendo a necessidade de ajustes e adaptações frequentes (Belsky, 1984). Os resultados mostram então que ao longo

do desenvolvimento dos filhos ocorre um caminhar entre a dependência e a autonomia dos filhos, uma vez que estes vão ganhando a sua autonomia, tornando-se menos dependentes dos pais; também ocorre a transformação da autoridade dos pais e a liberdade dos filhos, enquanto os pais vão “perdendo” a sua autoridade, os filhos vão ganhando a sua liberdade. É então possível fazer uma diferenciação destes aspetos nas diversas etapas do desenvolvimento dos filhos.

Na fase da infância, considerada a fase mais fácil, os pais são os detentores da autoridade (são os pais que mandam), são estes que executam as tarefas, nomeadamente as tarefas de cuidado, havendo uma dependência total dos filhos.

Na fase da adolescência, fase mais complicada, os filhos consideram que são os detentores da autoridade, confrontando os pais, uma vez que pensam que têm direito a tudo. Os filhos nesta fase também começam a ganhar alguma autonomia, alguma liberdade e os pais devem aceitar as ideias e gostos dos filhos, contudo, são os pais que mantêm o controlo, a autoridade, aplicando proibições sempre que necessário. Estes resultados são esperados uma vez que são corroborados pela literatura existente. Tendo em conta Alarcão (2000), na adolescência os filhos desejam a sua autonomia e poder, sendo necessário haver um equilíbrio entre os pais e os filhos, de forma a que os adolescentes exerçam o seu poder, mas sob imposição de limites por parte dos pais.

Por fim, na adultez, os filhos já são autónomos (executam sozinhos as suas tarefas) e livres, e os pais não têm a autoridade que anteriormente tinham, não se podendo impor as regras que anteriormente se impunham. De facto, quando os filhos se tornam adultos, os pais devem estar disponíveis para os apoiar e ajudar, e, eventualmente, aconselhar em situações de dificuldade ou *stress*, mas não devem controlar, aceitando a identidade separada dos filhos (Alarcão, 2000; Galinsky, 1987).

Relacionado com estes resultados, os participantes consideram que ao longo do desenvolvimento dos filhos, o envolvimento dos pais vai diminuindo. À medida que os filhos crescem, ganham a sua autonomia, a sua liberdade, as relações com os pais tornam-se mais frequentes do que as relações com os pais. Este afastamento é normal do desenvolvimento humano, justificando o facto de o envolvimento dos pais diminuir ao longo do tempo. Recorrendo às investigações existentes, nem todas são congruentes em relação à transformação do envolvimento, mas Parke (2002) refere que o nível absoluto de envolvimento do pai diminui à medida que os filhos se desenvolvem, corroborando os resultados obtidos.

Em síntese, podemos dizer que os resultados mostram claramente que as vivências se vão transformando à medida que os filhos crescem, estando diretamente relacionado com a área “Vivência da paternidade ao longo do ciclo de vida”. Ao longo do desenvolvimento dos filhos, ocorre um caminhar entre a dependência e a autonomia dos mesmos, a transformação da autoridade dos pais e a liberdade dos filhos e a diminuição do envolvimento paterno. Estas mudanças resultam das transformações inerentes ao processo de desenvolvimento dos filhos, às quais os pais vão sendo desafiados a adaptarem o seu papel paternal. O encontrar de novos equilíbrios na relação com os filhos e a diminuição do envolvimento fazem parte dessa adaptação.

Esta transformação do envolvimento, para além de estar relacionada com o segundo objetivo específico, também está fortemente relacionada com o terceiro objetivo específico desta investigação, que consistia em explorar a perceção que os pais têm em relação ao seu envolvimento com os seus filhos e a forma como este se mantém ou se transforma ao longo do processo do desenvolvimento dos filhos e dos próprios pais.

Apesar de haver a diminuição do envolvimento ao longo do desenvolvimento dos filhos, associado à adaptação do papel do pai, os resultados mostram que os participantes consideram que o envolvimento paterno é importante, daí a disponibilidade destes para estarem envolvidos com os filhos em todas as fases de desenvolvimento, havendo benefícios nas relações entre pais e filhos. Os benefícios relatados foram: acompanha-se o crescimento dos filhos, não se perde a afinidade com os mesmos e os laços familiares não são quebrados. P3 referiu ainda que a falta de envolvimento na fase da infância pode prejudicar o papel do pai quando os filhos são adultos, visto que por vezes não entende certos comportamentos dos mesmos. Estes resultados são coerentes com a literatura, pois o envolvimento que os pais têm com os seus filhos é bastante importante, trazendo realmente benefícios à relação pai-filho, havendo o fortalecimento dessa relação (Monteiro et al., 2008).

Este reconhecimento da importância do envolvimento, faz com que os participantes do nosso estudo procurem ativamente esse envolvimento com os seus filhos, sendo o “estar presente” a forma de envolvimento mais referida. Assim, estes pais dizem-nos que estiveram e estão presentes na vida dos filhos, nomeadamente nas atividades destes, desde as tarefas de cuidado, consultas no médico, atividades escolares, atividades extracurriculares. No discurso de P5, esta importância dada ao envolvimento leva-o a considerar que é este estar presente na vida dos filhos, quer nos momentos positivos, quer nos negativos, que define o papel do pai.

Os participantes reconheceram ainda que existem formas diferentes de estar presente ao longo do desenvolvimento dos filhos, realizando-se atividades adaptadas às idades. O caso do participante P5 retrata esta transformação do estar presente ao longo do desenvolvimento dos filhos. Na fase da infância, quando estava com os seus filhos, brincava, ia à pesca, desenhava com eles; na adolescência, os jogos didáticos passaram a ser as atividades eleitas, enquanto na fase da adultez, ir à eucaristia com os filhos e realizar almoços de família ao Domingo são as formas de estar presente nesta fase.

De facto, estes resultados eram bastante esperados, estando fortemente relacionados com a literatura. Parece haver algum consenso sobre os objetivos gerais da paternidade envolvida, e estar presente é um deles (Palkovitz & Palm, 2009). Para além disto, estar presente também está englobado no componente “disponibilidade” no modelo de envolvimento paterno de Lamb e seus colaboradores, visto que este se caracteriza pela disponibilidade (física e psicológica) para estar em interação com o filho, estar presente ou acessível ao mesmo (Lamb et al., 1985). Realizar atividades com os filhos, também está relacionado com este modelo, uma vez que o componente “interação” refere-se ao contacto direto do pai com o filho por meio de atividades de cuidado e outras atividades compartilhadas (Lamb et al., 1985). Atividades essas que variam ao longo do desenvolvimento dos filhos (Parke, 2002), aspeto fortemente corroborado pelos resultados obtidos.

Contudo, este “estar presente” é fortemente influenciado pela profissão, na linha do que referido na literatura sobre os determinantes da paternidade, também considerados determinantes do envolvimento paterno, (Barroso & Machado, 2010; Belsky, 1984; Christiansen & Palkovitz, 2001). Para os participantes, a profissão tem impacto (negativo) no envolvimento com os filhos, pois como refere P3, “para podermos ter de um lado não podemos ter do outro.” Como refere P4 o facto de sair tardiamente do seu local de trabalho, faz com que em casa não tenha disponibilidade para estar envolvido com a filha, apenas tendo a possibilidade de a acompanhar no jantar.

Os resultados mostram então que os participantes têm a perceção que é bastante importante estar envolvido com os seus filhos, e estão presentes sempre que possível, independentemente da fase de desenvolvimento dos mesmos. Realmente a vivência da paternidade é bastante significativa na vida dos participantes, daí haver a valorização do envolvimento com os filhos. No entanto, a profissão tem impacto (negativo) neste envolvimento, diminuindo realmente o “estar presente” que os participantes tanto referem. Os homens parecem estar ainda muito enraizados na vida profissional,

principalmente na fase da infância dos filhos dos participantes, quando estes homens viveram o tornar-se pai não havia ainda tantos direitos para os pais comparado com as mães.

Os resultados mostram ainda que o envolvimento se transforma ao longo do processo do desenvolvimento dos filhos e dos próprios pais (inevitavelmente relacionados). Para além de irem ocorrendo formas diferentes de estar presente ao longo do desenvolvimento dos filhos (havendo variação das atividades realizadas), o envolvimento dos pais também diminui ao longo deste. À medida que os filhos se desenvolvem, a relação com os pais vai progressivamente ocupando menos espaço, havendo então necessidade de se ajustar o envolvimento paternal.

Conclusão

A paternidade é uma experiência vivida por um grande número de homens, mas ainda se verifica uma reduzida investigação nesta área, particularmente em Portugal. Apesar da crescente atenção dada aos pais, a maternidade ainda é alvo de maior interesse, e as investigações existentes sobre a paternidade, focam-se principalmente no processo de transição (tornar-se pai). Procurando contribuir para o colmatar destas limitações, o presente estudo centrou-se na paternidade, olhada ao longo de todo o ciclo de vida. Realizou-se então uma investigação qualitativa, recorrendo à análise fenomenológica.

A investigação fenomenológica não tem como objetivo oferecer fórmulas universais ou respostas irrefutáveis. Ao invés, passa pela clarificação de fenómenos intencionais, a partir da análise dos relatos individuais da vivência estudada, neste caso, a vivência da paternidade. Os dados deste estudo, recolhidos através de entrevistas narrativas, permitiram então recolher informação qualitativa do ponto de vista do participante.

As narrativas recolhidas remetem para uma variedade de experiências ao longo da vivência da paternidade, identificando-se 22 constituintes essenciais. Em suma, este estudo mostra que os participantes percebem que ser pai é uma vivência bastante positiva e inexplicável, sendo considerada a melhor vivência das suas vidas. Contudo, existem momentos positivos e momentos negativos (momentos mais difíceis). Esta vivência despoleta diversas mudanças, principalmente na transição para a paternidade, mas as mudanças também ocorrem ao longo do ciclo vital, tanto dos pais como dos filhos, estando inevitavelmente interligados. Ao longo do crescimento dos filhos, a vivência da paternidade varia, ocorrendo mudanças na forma/lugar da autoridade dos pais, um caminhar entre a dependência e a autonomia dos filhos, e ainda a diminuição do

envolvimento paterno. O envolvimento é um aspeto bastante relevante na vivência da paternidade, sendo o “estar presente” a forma de envolvimento mais relatada. O envolvimento tem que ser adaptado às fases de desenvolvimento dos filhos, nomeadamente as atividades realizadas. Este estudo mostra que ser pai requer adaptações constantes ao longo do desenvolvimento dos filhos, adaptações essas que permitem que o papel do pai seja adequado, pois ser pai de uma criança é diferente de ser pai de um adulto. Parece que estas mudanças e adaptações necessárias na paternidade promovem o desenvolvimento do próprio homem, que ocorre em paralelo ao crescimento dos filhos.

Este estudo não é livre de limitações. A primeira prende-se com a dimensão e as características da amostra, no qual não permite a generalização dos resultados. Uma segunda limitação está relacionada com a entrevista e a gravação da mesma, uma vez que os participantes podem ter sentido algum nervosismo, limitando as suas narrativas. Outra limitação está relacionada com os dados recolhidos, uma vez que estes remetem para um processo que se iniciou há muito tempo, com o nascimento do primeiro filho, havendo a possibilidade de as narrativas serem alteradas pela memória. Por fim, o investigador também contribui para as vulnerabilidades da investigação, devido à sua subjetividade e às suas interpretações, uma vez que estas são influenciadas pelos seus conhecimentos e experiências.

Constatou-se um aspeto interessante nas narrativas dos participantes que foi a dificuldade que todos sentiram de elaborar as suas narrativas a partir da questão aberta “O que é para si ser pai?”, alguns referiram mesmo que não conseguiam explicar. Corroborando, os participantes realizaram bastantes pausas e manifestaram através do seu comportamento não verbal, a referida dificuldade. Parece que ser pai é um papel que se exerce sem se pensar nele. Será que as mães também teriam dificuldade em elaborar as suas narrativas? Será que a pouca socialização em criança no papel de pai faz com que os homens não tenham bem definido o seu papel de pai?

Tendo em conta o referido, de facto, é essencial a expansão dos estudos sobre a paternidade, para além da necessidade de atualização dos estudos existentes, também é necessário colmatar a escassez de investigações nesta área.

Também haveriam benefícios de uma replicação do estudo, visto que todos os participantes eram do distrito de Évora, devendo assim replicar-se o estudo a uma amostra com participantes de áreas geográficas distintas. Também seria relevante incluir na amostra pais divorciados ou solteiros, de forma a ter-se uma maior variação de narrativas

sobre as vivências da paternidade. Ter em conta estes dois aspetos (contextos geográficos e estado civil dos pais), tornariam a amostra mais abrangente.

De forma a completar este estudo, seria interessante elaborar investigações que pretendessem compreender como o passado relacional dos pais se repercute nesta experiência, tal como a influência das mães no papel de ser pai.

O presente estudo apresenta diversas contribuições para a literatura existente. Uma das contribuições, advém de se centrar num tema pouco estudado, dando aos pais a importância merecida. Ao aprofundar a representação que os pais têm sobre o que é “ser pai”, traz contributos à definição deste papel. Por fim, sendo uma das contribuições mais importantes, este estudo explorou o que é ser pai ao longo do ciclo de vida, não se focando apenas na transição para a paternidade (tornar-se pai). Daí a importância dos dados recolhidos para a compreensão da vivência da paternidade ao longo do tempo, nomeadamente da forma como esta se vai transformando e, simultaneamente, transforma quem a experiencia.

Referências Bibliográficas

- Abidin, R. R. (1992). The Determinants of Parenting Behavior. *Journal of Clinical Child Psychology*, 21(4), 407–412. doi:10.1207/s15374424jccp2104_12
- Alarcão, M. (2000). Desenvolvimento familiar. In M. Alarcão (Ed.), *(Des) equilíbrios familiares: uma visão sistemática* (pp. 108-201). Coimbra: Quarteto Editora.
- Aldous, J., Mulligan, G. M., & Bjarnason, T. (1998). Fathering over time: What makes the difference?. *Journal of Marriage and the Family*, 60(4), 809-820. doi:10.2307/353626
- Algarvio, S., & Leal, I. (2004). Preocupações parentais: validação de um instrumento de medida. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5(2), 145-158. doi:10.4000.12/1057
- Algarvio, S., & Leal, I. (2016). Definição de preocupações parentais: revisão sistemática de literatura. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 17(3), 423-440. doi:10.15309/16psd170310
- Algarvio, S., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Preocupações parentais em pais de crianças do sexo masculino e pais de crianças do sexo feminino: Estudo comparativo. In C. Nogueira, et al. (Eds.), *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, (pp. 1024-1037). Braga: Universidade do Minho.
- Allen, J. M., & Hawkins, A. J. (1999). Maternal gatekeeping: Mothers’ beliefs and behaviors that inhibit greater father involvement in family work. *Journal of Marriage and the Family*, 61(1), 199–212. doi.10.2307/353894

- Ambert, A. (2001). Areas of Parents' Lives. In A. Ambert (Ed.), *The effect of children on parents* (pp. 49-68). New York: The Haworth Press, Inc.
- Arruda, S. L., & Lima, M. C. (2013). O novo lugar do pai como cuidador da criança. *Estudos interdisciplinares em Psicologia*, 4(2), 201-216. doi:10.5433/2236-6407.2013v4n2p201
- Azar, S. T. (2002). Adult development and parenthood: A socialcognitive perspective. In J. Demick (Ed.), *Handbook of adult development* (pp. 391-415). New York: Kluwer Academic.
- Balancho, L. S. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22(2), 377-386. doi:10.14417/ap.198
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52 (1), 211-229. doi:10.14195/1647-8606_52-1_10
- Bayle, F. (2005). A parentalidade. In I. Leal (Ed), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp.317-343). Lisboa: Fim de Século Edições.
- Beitel, A., & Parke, R. (1998). Maternal and paternal attitudes as determinants of father involvement. *Journal of Family Psychology*, 12(2), 268-288. doi:10.1037/0893-3200.12.2.268
- Belsky, J. (1984). The Determinants of Parenting: A Process Model. *Society for Research in Child Development*, 55(1), 83-96. doi:0009-3920/84/5501-0003\$01.00]
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39. doi:10.7213/rpa.v29i64.19835
- Brannen, J., & Nilsen, A. (2006). From fatherhood to fathering: Transmission and change among British fathers in four-generation families. *Sociology*, 40(2), 335-352. doi:10.1177/0038038506062036
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C., Bradley, R., Hofferth, S., & Lamb, M. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child development*, 71(1), 127-136. doi:10.1111/1467-8624.00126
- Christiansen, S., & Palkovitz, R. (2001). Why the "Good Provider" Role Still Matters: Providing as a form of Paternal Involvement. *Journal of Family Issues*, 22(1), 84-106. doi:10.1177/019251301022001004
- Coverman, S. (1985). Explaining husbands' participation in domestic labor. *Sociological Quarterly*, 26(1), 81-87. doi:10.1111/j.1533-8525.1985.tb00217.x

- Cowan, P. A. (1988). Fatherhood as an opportunity for adult development. In P. Bronstein & C. P. Cowan (Eds.), *Fatherhood today: Men's changing role in the family* (pp. 13 - 35). New York: John Wiley & Sons.
- Cowan, P. A. (1991). Individual and Family Life Transitions: A Proposal for a New Definition. In P. A. Cowan & M. Hetherington (Eds.), *Advances in family research series. Family transitions* (pp. 3-30). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Deutsch, F. M., Servis, L. J., & Payne, J. D. (2001). Paternal participation in child care and its effects on children's self-esteem and attitudes toward gendered roles. *Journal of Family Issues*, 22(8), 1000-1024. doi:10.1177/019251301022008003
- Doherty, W., Kouneski, E., & Erikson, M. (1998). Responsible fathering: An overview and conceptual framework. *Journal of Marriage and the Family*, 60(2), 277–292. doi:10.2307/353848
- Figueiredo, B. (2013). *Mães e pais - envolvimento emocional com o bebé*. Braga: Psiquilibrios edições.
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253-261. doi:10.1590/S1413-294X2011000300007
- Galinsky, E. (1987). *The six stages of parenthood*. New York: Perseus Books
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de século.
- Groenewald, T. (2004). A phenomenological research design illustrated. *International Journal of Qualitative Methods*, 3(1), 42-55. doi:10.1177/160940690400300104
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. Solis-Pontom (Ed.), *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio* (pp. 47-51). São Paulo: Casa do psicólogo.
- Hutteman, R., Bleidorn, W., Keresteš, G., Brković, I., Butković, A., & Denissen, J. (2014). Reciprocal associations between parenting challenges and parents' personality development in young and middle adulthood. *European Journal of Personality*, 28(2), 168-179. doi:10.1002/per.1932
- Ishii-Kuntz, M., & Coltrane, S. (1992). Predicting the sharing of household labor: Are parenting and house- work distinct?. *Sociological Perspectives*, 35(4), 629-647. doi:10.2307/1389302

- Jovchelovitch, S., & Bauer M. W. (2002). Entrevista Narrativa. In: M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.
- Karacan, E. (2014). Timing of parenthood and generativity development: An examination of age and gender effects in Turkish sample. *Journal of Adult Development*, 21(4), 207-215. doi:10.1007/s10804-014-9192-z
- Kuczynski, L., Harach, L., Bernadini, S. (1999). Psychology's child meets sociology's child: Agency, influence, and power in parent-child relationships. In C. L. Shehan (Ed.), *Through the eyes of the child: Revisioning children as active agents of family life* (pp. 21 - 52). Stamford, CT: JAI Press.
- Kuczynski, L., Pitman, R., Ta-Young, L., & Harach, L. (2016). Children's influence on their parent's adult development: Mothers' and fathers' receptivity to children's requests for change. *Journal of Adult Development*, 23(4), 193-203. doi:10.1007/s10804-016-9235-8
- Lamb, M. E. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise psicológica*, 10, 19-34. doi:10400.12/2706
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25 (3), 883-894. doi:10.2307/3883043
- Lamb, M., Frodi, M., Hwang, C., & Frodi, A. (1983). Effects of paternal involvement for mothers and fathers. *Child Development*, 54(2), 450-458. doi:10.2307/1129706
- Leite, M. (2009). *A paternidade versus parentalidade*. Retirado de <http://csfeiracentrodesaude.blogspot.com/2009/07/paternidade-versus-parentalidade.html>
- Marsiglio, W. (1995). Father's diverse life course patterns and roles: Theory and social interventions. In W. Marsiglio (Ed.), *Fatherhood: Contemporary theory, research, and social policy* (pp. 78-101). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- McMullin, J. A., & Marshall, V. W. (1996). Family, friends, stress and well-being: Does childlessness make a difference? *Canadian Journal on Aging*, 15, 355-373. doi:10.1017/S0714980800005821
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395-409. doi:10.14417/ap.502

- Morgan, S. P., & King, B. R. (2001). Why have children in the 21st century? Biological predisposition, social coercion, rational choice. *European Journal of Population*, 17, 3–20. doi:10.1023/A:1010784028474
- Morman, M. T., & Floyd, K. (2006). Good fathering: Father and son perceptions of what it means to be a good father. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers*, 4(2), 113-137. doi:10.3149/fth.0402.113
- Muylaert, C., Sarubbi Jr, Gallo, P., Neto, M., & Reis, A. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(2), 184-189. doi:10.1590/S0080-623420140000800027
- Negreiros, T. C., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 4(1), 34-45. doi:10.12957/epp.2004.11109
- Newman, P. R., & Newman, B. M. (1988). Parenthood and adult development. In R. Palkovitz & M. B. Sussman (Eds.), *Transitions to parenthood* (pp. 313-338). New York: Haworth Press.
- Oliveira, A. G., & Silva, R. R. (2017). Pai contemporâneo: diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008. *Psicologia argumento*, 29(66), 354-360. doi:10.7213/rpa.v29i66.20297
- Palkovitz, R. (1996). Parenting as a generator of adult development: Conceptual issues and implications. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13(4), 571-592. doi:10.1177/0265407596134006
- Palkovitz, R. (2002). *The dynamics of involved fathering and men's adult development: Provisional balances*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Palkovitz, R., & Palm, G. (2009). Transitions within fathering. *Fathering: A Journal of Theory, Research & Practice About Men as Fathers*, 7(1), 3-22. doi:10.3149/fth.0701.3
- Palkovitz, R., Copes, M. A., & Woolfolk, T. N. (2001). "It's Like... You Discover a New Sense of Being" Involved Fathering as an Evoker of Adult Development. *Men and masculinities*, 4(1), 49-69. doi:10.1177/1097184x01004001003
- Palkovitz, R., Marks, L. D., Appleby, D. W., & Holmes, K. E. (2002). Parenting and Adult Development: Contexts, Processes, and Products of Intergenerational Relationships. In L. Kuczynski (Ed.), *Handbook of Dynamics in Parent-Child Relations* (pp. 307-324). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

- Parke, R. D. (2002). Fathers and Families. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Volume 3 Being and Becoming a Parent* (pp. 27-75). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Perren, S., VonWyl, A., Burgin, D., Simoni, H., & VonKlitzing, K. (2005). Intergenerational transmission of marital quality across the transition to parenthood. *Family Process*, 44(4), 441-459. doi:10.1111/j.1545-5300.2005.00071.x
- Pinto, T. M., Figueiredo, B., Pinheiro, L. L., & Canário, C. (2016). Fathers' parenting self-efficacy during the transition to parenthood. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 34(4), 343-355. doi:10.1080/02646838.2016.1178853
- Pleck, E. H., & Pleck, J. H. (1997). Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. In M.E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp.33-48). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3rd ed., pp. 66-103). New York: John Wiley & Sons.
- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 67-107). New York: Wiley.
- Pleck, J. H. (2012). Integrating Father Involvement in Parenting Research. *Parenting: Science and Practice*, 12(2-3), 243–253. doi:10.1080/15295192.2012.683365
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, C. R., Gomes, R., & Moreira, M. C. (2015). A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(11), 3589–3598. doi:10.1590/1413-812320152011.19252014
- Rohner, R. P., & Veneziano, R. A. (2001). The importance of father love: History and contemporary evidence. *Review of General Psychology*, 5(4), 382-405. doi:10.1037/1089-2680.5.4.382
- Silva, M. D., Gabriel, M. R., Cherer, E. D., & Piccinini, C. A. (2017). Os conceitos de envolvimento e experiência nos estudos sobre paternidade. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 69(3), 116-132. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v69n3/09.pdf>

- Silva, M. M. (2007). O processo histórico de construção das concepções de paternidade. In J. L. Pereira, C. Fanelli, R. C. Pereira & S. Rios (Eds.), *A sexualidade na adolescência no novo milênio* (pp. 54-65). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-reitoria de Extensão.
- Snarey, J., Son, L., Kuehne, V. S., Hauser, S., & Vaillant, G. (1987). The role of parenting in men's psychosocial development: A longitudinal study of early adulthood infertility and midlife generativity. *Developmental psychology*, 23(4), 593-603. doi: 10.1037/0012-1649.23.4.593
- Souza, C. L., & Benetti, S. P. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paideia*, 19(42), 97-106. doi:10.1590/S0103-863X2009000100012
- Wall, G., & Arnold, S. (2007). How Involved Is Involved Fathering?. *Gender & Society*, 21(4), 508–527. doi:10.1177/0891243207304973
- Weller, W., & Zardo, S. P. (2013). Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. *Revista da FAEEDBA-Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 131–143. doi:10.21879/faeeba2358-0194.2013.v22.n40.p131-143

Anexos

Anexo A – Consentimento informado



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Psicologia

Mestrado em Psicologia Clínica

Consentimento Informado

No âmbito da minha dissertação de mestrado, estou a realizar esta entrevista com o objetivo de estudar as vivências da paternidade. Sendo assim, solicito a sua colaboração para falar sobre as suas vivências enquanto pai. Não haverá tempo limite para a entrevista, sendo que esta será ao seu ritmo. Solicito também a sua autorização para a gravação da entrevista e posterior transcrição que terá como único objetivo trabalhar as informações recolhidas. Garanto que estas permanecerão confidenciais e anónimas e só serão utilizadas na minha dissertação de mestrado.

A sua colaboração é fundamental para a realização do estudo em causa. No entanto, a sua participação será inteiramente voluntária, pelo que terá o direito de não participar ou interromper em qualquer momento a sua participação. Se esta situação ocorrer, a sua entrevista deixará de ser contabilizada para a investigação.

Posteriormente, se pretender esclarecer dúvidas relativamente à investigação ou aos seus direitos como participante neste estudo, poderemos conversar no final ou então poderá contactar a Prof^a Constança Biscaia, minha orientadora, através do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora.

Desde já agradeço a sua colaboração.

(Patrícia Barroso)

Declaro que aceito participar nesta entrevista e que a mesma seja gravada, para fins exclusivos de investigação,

Data _____

Assinatura _____

Anexo B – Transformação das Unidades de Significado do Participante P1 em Expressões de Caráter Psicológico

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>1. I – O que é para si ser pai? P1 – A experiência de ser pai pffff é indescritível. Penso eu que não tem descrição porque é uma das coisas mais maravilhosas que um ser humano pode pffff sei lá. Tanto faz como o homem e a mulher, um pai ou uma mãe é das melhores coisas que pode existir no mundo. Fazendo uma frase feita, é do melhor que há, é das experiências melhores do mundo, nem acredito que haja experiência melhor que essa [sorriso].</p>	<p>1. P1 afirma que a experiência de ser pai não tem descrição. Perceciona a paternidade como a melhor experiência da sua vida, a melhor que existe. Demonstra felicidade ao abordar a paternidade.</p>
<p>2. I – Mas como tem sido a sua experiência de ser pai? P1 – Ser pai, para já, começa logo desde o momento que sabemos que vamos ser pais, mas um bocadinho sem acreditar, acreditar numa maneira de dizer.</p>	<p>2. P1 refere que ser pai inicia-se na gravidez (no momento que sabe que vai ser pai), mas que nesta fase ainda não acredita que vai ser pai.</p>
<p>3. No meu caso, no caso de ser pai é ... vou ser pai mas a mãe é que vai gerar o filho digamos assim, é aquela longa espera até a criança nascer.</p>	<p>3. P1 refere que o processo de gravidez é uma longa espera. Existe então um tempo de espera que se transforma depois do nascimento.</p>
<p>4. E a partir daí, quando a criança nasce é pffff é uma loucura [sorriso], é desde o primeiro dia, a primeira hora, se sei pegar, se não sei pegar, se sei mudar uma fralda, se não sei.</p>	<p>4. P1 refere que surgem dúvidas após o nascimento de um filho.</p>
<p>5. É tudo, foi tudo uma experiência, uma coisa fora do normal.</p>	<p>5. P1 considera que a paternidade é uma experiência diferente do que já experienciou.</p>
<p>6. (...) E depois desde do bebé vamos passando aquela fase toda (...), depois vamos passando, depois vão para a escola, para o segundo ciclo, depois por aqui, por ali, por ali e quando damos por nós pfff temos filhas adultas, o que não é fácil. Há sempre fases mais conturbadas, da adolescência, isso tudo mas é uma experiência inesquecível, isso é, sem dúvida.</p>	<p>6. P1 perceciona que o desenvolvimento das filhas ocorreu rapidamente. A paternidade tem fases difíceis, principalmente na fase da adolescência. Apesar de ser um processo difícil, a paternidade é uma experiência inesquecível.</p>
<p>7. No meu caso pessoal nunca tive nada “tchanan” mas pronto, sempre foi uma</p>	<p>7. P1 considera que a situação financeira (“nunca tive nada tchanan”) não</p>

<p>situação de estar atento, estar aquilo, estar o outro, mas acho que nunca tive assim problemas mas é sempre uma situação muito complicada. Temos que estar sempre muito atentos, o que se passa, o que não se passa, porque é que foi, porque é que não foi. É tudo, tudo muito complicado, principalmente na adolescência de um filho.</p>	<p>prejudicou o seu papel de pai. P1 considera que o pai deve estar atento aos seus filhos (saber o que acontece). P1 refere novamente que é um processo difícil, principalmente na adolescência.</p>
<p>8. (...) os filhos pensam, e secalhar nalguns casos até é verdade, que sabem mais que os pais, e nem sempre aceitam aquilo que os pais lhe dizem.</p>	<p>8. P1 percebe que a partir de uma certa fase de desenvolvimento, os filhos começam a considerar que são detentores da razão.</p>
<p>9. (...).E quando o filho tem 17 anos, 18 ou 16 ou 15, “pai vou sair, mãe vou sair” ou isto ou o outro, e os pais perguntam “então e como é?”, “chegas a que horas”, já é um problema, porque é que os pais têm que perguntar a que horas é que chegam e tudo isso, mas secalhar devíamos dizer “vais sair tudo bem mas vai avisando o pai, a mãe”. Sem os pais quererem um controlo a 200%, bastava uma palavrinha. Há telemóveis, há isto há o outro, uma palavrinha para os pais estarem um bocadinho mais descansados, para os pais estarem mais em paz. (...) Embora os pais tenham que dar liberdade aos filhos mas os filhos também têm que dar alguma satisfação aos pais, é uma liberdade q.b.</p>	<p>9. P1 refere que os filhos adolescentes querem a sua liberdade, e os pais devem respeitar isso, mas os filhos devem dar algumas satisfações aos pais, para que estes fiquem mais descansados.</p>
<p>10. (...) Milhões, milhões, milhões de preocupações!</p>	<p>10. P1 refere que os pais se preocupam bastante com os seus filhos.</p>
<p>11. (...) Porque desde o momento que uma pessoa se torna pai ou mãe, a partir daí a nossa vida deixa de ser um bocadinho nossa, passa a ser do nosso filho, da nossa filha. Porquê? Porque temos que estar sempre, e devia ser sempre assim, sempre ao lado dos nossos filhos.</p>	<p>11. P1 percebe que os filhos se tornam a prioridade dos pais (o filho está no centro do sistema), referindo mesmo que a sua vida passou a ser das filhas. P1 refere que os pais devem estar sempre disponíveis para os filhos.</p>
<p>11. (...) desde o momento que ele nasce, desde o momento da gravidez, a partir daí a responsabilidade dos pais é ... tudo, e ao ser tudo, o pai ou a mãe, “amanhã vou além, espera, está ali o nosso filho”, “a</p>	<p>11. P1 refere que a paternidade envolve muita responsabilidade.</p>

<p>mãe diz que vai acolá, espera, está ali o filho”</p>	
<p>12. tudo isso, tudo isso é uma mudança radical, radical porquê? Porque o pai e a mãe desde o momento que assumiram aquela situação, ser pais, têm, mas têm mesmo que assumir o filho, o que não quer dizer que os pais tenham que deixar de ter vida por causa dos filhos, sem duvida, (...) mas sem esquecer a responsabilidade que tanto faz um pai e uma mãe têm nessa criança.</p>	<p>12. P1 considera que o nascimento de um filho despoleta uma mudança radical na vida dos pais.</p>
<p>13. (...) Porque, penso eu, mas pronto, pode ser muito bonito “vou ser pai”, mas depois “deixa lá, alguém há de tomar conta”, não pode existir, não pode!</p>	<p>13. P1 considera que os pais e as mães é que devem cuidar dos filhos.</p>
<p>14. (...) Mas desde o momento que os pais assumam essa responsabilidade, que é muita, e que começa logo na gravidez.</p>	<p>14. P1 refere novamente que a paternidade requer bastante responsabilidade.</p>
<p>15. (...) E o futuro que o pai e a mãe vêm nessa criança, só queremos que a criança vá até ao topo. Para nós, ser pedreiro, ser estucador, ser doutor, ser engenheiro, ser primeiro ministro, filho é filho, independentemente da profissão. É lógico, se perguntarem “queres ver o teu filho uma vida inteira pastor ou o teu filho advogado?” (...) desde o momento que o filho esteja feliz, e os pais verem um filho feliz, felizes também estarão [sorriso].</p>	<p>15. P1 refere que os pais desejam o melhor aos filhos, o que interessa é que sejam felizes, independentemente da profissão que tenham. A felicidade dos filhos despoleta a felicidade dos pais.</p>
<p>16. (...) Mas nem sempre os filhos fazem a carreira que os pais desejavam, mas nem sempre acontece. Normalmente os pais querem sempre qualquer coisa e os filhos querem outra coisa, mas desde o momento que as coisas corram bem, está tudo mais ou menos orientado.</p>	<p>16. P1 refere que as escolhas dos filhos nem sempre vão ao encontro das escolhas dos pais.</p>
<p>17. I – Para si ser pai é querer que os seus filhos sejam felizes? P1 – Sim, sim. Acima de tudo, que sejam felizes [sorriso]. Repetindo um pouco do que disse à pouco, se me perguntarem se gostaria que ele fosse pastor, não é que seja ofensivo, ou se fosse advogado ou primeiro ministro, prefira que fosse primeiro ministro ou advogado do que</p>	<p>17. P1 refere que os pais não devem forçar os filhos a seguirem rumos de vida que não desejam. Os pais devem respeitar as decisões dos filhos, o que interessa é a felicidade destes.</p>

<p>pastor, por ser complicado a vida de campo, a chuva, o frio, mas se o meu filho for feliz a ser pastor, que seja. Se os pais aos filhos disserem que pagam aquilo, pagam aquilo, damos-te o mundo, e vais para advogado ou médico e ele não ser feliz (...). Só esta ali porque o pai e a mãe entenderam que isso acontecesse.</p>	
<p>18. (...) Porque desde o momento que as minhas filhas nasceram, não devo ter feito tudo o que devia ser feito, como é lógico, também devo ter feito asneiras</p>	<p>18. P1 refere que deve ter cometido erros na sua vivência de paternidade.</p>
<p>19. mas desde o momento que elas nasceram, onde elas estavam, nós estávamos lá, se melhor, se pior, se era o sítio certo ou não, nós estávamos, como pais estávamos lá. Desde a consulta no dentista, desde a consulta no médico pediatra, reunião da escola, primeiro teatro, nos estávamos lá.</p>	<p>19. P1 refere que foi um pai presente e envolvido nas atividades das filhas.</p>
<p>20. Se fizemos tudo certo? Ninguém faz tudo certo, a vida é mesmo assim, por isso é que existe aquele ditado “errar é humano”. Mas a intenção foi sempre aquela, uma vai além estamos lá, a outra vai além, estamos lá.</p>	<p>20. P1 refere ainda que tem consciência que não nem sempre procedeu corretamente, que é normal as pessoas errarem.</p>
<p>21. (...) quando elas forem mães, que tentem fazer aquilo que mais ou menos nós fizemos, e depois a partir daí é uma escada.</p>	<p>21. P1 refere que deseja que as filhas sigam o modelo dos pais.</p>
<p>22. (...) Educação (...) certamente não sei se foi a melhor, mas a pior também não foi (...) Nós fizemos o que pensámos que era melhor, transmitimos os valores que pensávamos que eram os melhores, acredito que não foi a 100%, mas 20% não foi de certeza, foi sempre acima dos 70, 80%, para os nossos filhos transmitirem isso aos filhos delas.</p>	<p>22. P1 considera que deu uma educação às suas filhas, de forma a que eduquem os seus filhos de forma semelhante. P1 refere que deu a melhor educação que conseguiu. P1 refere que transmitiu os melhores valores que considerava.</p>
<p>23. (...) mas desde o momento que os pais tentem fazer e organizar a vida em prole dos filhos para que eles tenham uma educação, uma situação na vida, principalmente de boa educação</p>	<p>23. P1 refere que os pais devem viver em função dos filhos, para educarem os seus filhos positivamente.</p>

<p>24. (...) Resumindo isto por fases, quando se tem 5 anos é a loucura, a gracinha constante, é isto, é aquilo, é o outro, não há explicação, tudo tem graça</p>	<p>24. P1 refere que até aos 5 anos tudo é divertido.</p>
<p>25. (...) depois passa para os 6, 7 8, 9 anos, depois 10, os 10 já é aquela fase, nem são adolescentes, nem querem ser crianças, é ali aquele misto de confusão que começa a fase da complicação. Com 10 anos já não querem que os tratem como bebês, como é lógico, (...) e depois os anos passam, e depois vêm aí os 12, 13 anos, os pais aí passam-se da cabeça, passam-se numa maneira de dizer. Não se sabe muito bem o que se há de fazer, para as tratar de uma maneira é uma coisa, para os tratar de outra maneira é outra (...)</p>	<p>25. P1 refere que a partir dos 10 anos os filhos iniciam uma fase mais complicada, em que os pais não sabem como devem tratar os filhos, visto que estão numa fase de transição da infância para a adolescência.</p>
<p>26. (...) Depois vêm os 15 anos (...) Temos que os ir deixando ir mais ou menos onde querem ir, mas o pai e a mãe é que controlam a situação. Depois lá vêm as respostas “lá estão vocês, eu já sei cuidar de mim”, e é difícil lidar com isto, (...) esta fase que querem tudo, e pensam que têm direito a tudo. (...)</p>	<p>26. P1 refere que depois dos 15 anos os filhos vão ganhando a sua liberdade, mas os pais é que controlam. P1 refere que nesta fase os filhos pensam que tem direito a tudo.</p>
<p>27. (...) Os 18 anos é a questão de um dia, desde anterior que não fazem anos (...) Não é por chegarem a casa e dizerem que já têm 18 anos, “agora vou para a China”. (...) Agora, até pode ter 25 anos e não ter a situação orientada, eu nem falo da situação financeira, falo da situação pessoal, da personagem. (...) Não é só por fazer 18 anos que pode ir para todo o lado, penso que não pode ser assim, porquê? Porque as coisas têm que ser feitas gradualmente, se a pessoa chegou aos 17 anos e 364 dias, porque é que no dia a seguir tem uma liberdade completamente diferente do que teve até ali? Se tiver capacidade para isso, tudo bem, mas não é só porque fez os 18 anos que tem de explodir “a vida é minha, ninguém manda em mim”</p>	<p>27. P1 percebe que a passagem para os 18 anos não deve ser uma mudança radical, em que tudo muda. P1 refere que deve ser um processo gradual.</p>

<p>28. (...) Ao fim ao cabo, cada fase é engraçada, uns porque são bebês, levantam-se, caem, e depois esta fase que querem tudo, e pensam que têm direito a tudo.</p>	<p>28. P1 refere que todas as fases de desenvolvimento dos filhos são especiais.</p>
<p>29. I - Como pai, como é deixar ir o filho? P1 – Face a essa situação, há uma maneira muito simples, no meu caso, com os meus filhos, comecei a deixar a coisa fluir até muito cedo, mas sempre com a certeza que estava a confiar em quem estava no outro lado, neste caso no outro lado eram os meus filhos, porque, e repetindo um bocadinho o que disse a pouco, cada caso e um caso.</p>	<p>29. P1 enfatiza que o processo de liberdade das filhas foi realizado gradualmente ao longo do tempo.</p>
<p>30. (...) Sempre que havia alguma situação mais fora do controlo, se é que houve, a gente estava ali para dizer “não”, “vê lá”, “não é assim”, “é assado”. Penso que fazer isso como pai, que é das coisas mais importantes de tudo. (...) se as coisas forem feitas logo de início é diferente, é como fazer uma casa. Primeiro começa-se a fazer o alicerce, depois é feita a parede em tijolo, depois é o telhado, e depois começa-se a rebocar. Se nós com os filhos esquecemos o alicerce, a parede e o telhado, quando vamos tentar rebocar não há hipótese. (...) Mas a nível familiar, se conseguirmos fazer o alicerce, e depois o acompanhamento, até aos 20, 25 anos, como o mundo está, parece-me que a coisa vai lá, mas a vida é mesmo assim.</p>	<p>30. P1 refere que é importante os pais estarem presentes nas vidas dos filhos, ajudando-os. P1 refere ainda que é fundamental criar uma vinculação segura desde o início do desenvolvimento dos filhos, estabelecendo-se ao longo do tempo.</p>
<p>31. (...) Às vezes levamos com situações... impensáveis (...) Aí temos de ir buscar forças onde pensávamos que não existiam, quando acontece uma situação completamente fora da caixa a um filho teu, e depois tens de ir buscar forças onde ninguém sabe que elas lá estão, podemos ser uma família cristã, menos cristã, mas temos que lá ir, temos que ir buscar essas forças, temos que resolver a situação.</p>	<p>31. P1 refere que perante situações difíceis dos filhos, os pais têm que arranjar forças inimagináveis.</p>
<p>32. (...) agora vamos é começar a caminhar, a correr, a fazer não sei o quê, na altura que as pessoas não sabem muito bem o que vão fazer, mas temos que ir, e</p>	<p>32. P1 refere que os pais tentam arranjar todos os recursos possíveis para ajudar um filho. O importante é o bem-estar do filho.</p>

<p>temos que ir porquê? Porque é o nosso filho que está ali, ou a nossa filha, é a nossa filha que está ali, e a gente pergunta, mas vamos para onde, mas temos que ir, e ao termos que ir, é recuperar aquilo que a gente tinha que recuperar, (...) tínhamos ali uma filha a precisar de uma ajuda dos pais, do psicólogo, do médico, seja de quem for, mas tínhamos que lá ir.</p>	
<p>33. (...) Se não fôssemos, penso eu, estávamos a acobardar com medo (...) Fizemos o que podíamos, imaginamos que nós casal não o tivéssemos feito, hoje podíamos estar aqui a pensar, epahh e se e se e se, é sempre aquela questão e se? Mas ainda bem que o fizemos, e com a força de um e outro, do agregado familiar, a coisa correu bem.</p>	<p>33. P1 refere que apesar dos medos, dificuldades, dúvidas que surjam perante uma situação difícil, os pais agem em prole do bem-estar dos filhos.</p>
<p>34. I – Como foi para si vivenciar esse momento dramático? P1 – Foi muito mau [expressão de desânimo], porque houve alturas que a pessoa diz, porquê a mim? Não é aquela situação de desistir, desistir nunca, não está no nosso dicionário. Mas porquê? Mas nem é só o porquê? É o medo.</p>	<p>34. P1 perante situações dramáticas os pais não devem desistir da resolução de problemas dos filhos, mesmo que isso cause medo.</p>
<p>35. (...) é muito complicado, conviver com certas situações, utilizando aquele ditado antigo “só quem passa por elas é que sabe”. (...) Quando passa por nós e somos postos à prova, aí sim, é um ataque de uma violência que temos, nem toda a gente consegue, mas temos que vencer, temos que vencer.</p>	<p>35. P1 refere que para um pai é muito difícil lidar com as dificuldades dos filhos, sendo uma experiência dramática. Mas o mais importante é tentar ultrapassar essas dificuldades.</p>
<p>36. I – Como é viver com a dor de um filho? P1 – Viver com a dor de um filho não tem explicação, porque como se costuma dizer, e é verdade, se a um filho dói um dente, ao pai e à mãe doem-lhe todos. (...) Se o filho tem um problema, seja ele qual for, desde o momento compartilhado, esse problema para os pais é sem dúvida o dobro, o dobro.</p>	<p>36. P1 percebe que o sofrimento de um filho é mais vivido intensamente pelos pais do que os próprios filhos.</p>

<p>37. (...) E aí temos que ter, como pais, nem todos conseguimos, mas temos que ter capacidade de tentar minimizar esse problema do filho ao zero, que era o ideal, nem sempre se consegue, mas era o ideal.</p>	<p>37. P1 refere que os pais devem tentar resolver os problemas dos filhos.</p>
<p>38. (...) O problema do filho é 10, é reduzir até ao zero, mas quando nós pais não conseguimos mesmo depois de muito lutar, tentar reduzir o problema do nosso filho a quase nada, é uma frustração, uma revolta que não tem explicação, que não tem explicação. (...) Porque mesmo muito que tenham feito, não resolveram nada ao problema do filho (...) Isto é uma grande desilusão.</p>	<p>38. P1 refere que é uma frustração, revolta e desilusão quando os pais não conseguem resolver os problemas dos filhos.</p>
<p>39. No entanto, um pai, pelo menos pela lógica da vida, nunca, mas mesmo nunca deve desistir, há sempre qualquer coisa que diz que o pai pode ajudar o filho.</p>	<p>39. P1 defende que os pais nunca devem desistir da tentativa de resolver os problemas dos filhos.</p>
<p>40. Mesmo que seja o filho a precisar de ajuda, às vezes num qualquer pormenor, um pai tem um instinto, ali uma coisa qualquer, epah “bora, vamos por aqui”, e é extraordinário.</p>	<p>40. P1 refere que os pais sentem um instinto que orienta o percurso a realizar.</p>
<p>41. (...) E depois quando as coisas correm normalmente, digo normalmente quando as coisas mais ou menos acabam dentro do normal, uma felicidade extrema [sorriso].</p>	<p>41. P1 refere que sente uma felicidade extrema quando existe a resolução dos problemas dos filhos.</p>
<p>42. I – Para si ser pai é uma felicidade e das coisas mais maravilhosas que uma pessoa pode ter? P1 – Sem dúvida, podia ser casado e não ter filho. Embora aí termos de aceitar duas situações, há pessoas que não estão preparadas para serem pais, também temos que aceitar. Há pessoas felizes sem serem pais, pronto, temos que aceitar. No meu caso, não passaria, penso eu, casado há trinta anos, não ser pai, porque era o meu objetivo como casal sermos pais.</p>	<p>42. Para P1, ser pai foi um objetivo delineado com a sua mulher. P1 refere ainda que se deve respeitar as pessoas que não desejam ser pais.</p>
<p>43. (...) a partir do momento que fui pai pronto, toda a nossa vida muda, todos os nossos sentimentos mudam e até acredito que a nossa felicidade muda, lógico, porque a nossa felicidade, os nossos medos, também acontecem desde o</p>	<p>43. P1 percebe que a sua vida mudou completamente depois de se tornar pai. Acredita que os sentimentos, felicidade e medos tornaram-se diferentes do que eram.</p>

<p>momento que somos pais, são completamente diferentes do que antes.</p>	
<p>44. (...) Mas desde o momento que um casal entenda ser pai, muda um milhão %, é que nem tem comparação, se até ali dependíamos de nós, vou ali, tenho não sei o quê, aí é uma situação. A partir do momento que somos pais, muda porque se estamos a 10 km, espera aí, temos lá um filho, se estamos a 100, espera aí que temos lá o filho. A partir daí, o mundo, sem duvida, gira à volta do que lá está. Do que lá está onde? Em casa, seja onde for, que é o filho. E a partir daí o pai e a mãe não fazem nada da vida sem antes pensar no filho.</p>	<p>44. P1 refere novamente que a vida muda completamente com o nascimento de um filho. A vida dos pais torna-se dependente dos filhos, estes tornam-se a prioridade dos pais.</p>
<p>45. (...) à medida que os filhos vão crescendo nós também como pais também somos obrigados a crescer porque cada dia é um dia e quando os filhos têm meses é uma coisa, quando têm quatro cinco anos é outra e depois por ai em frente desde ali a partir dos dez e onze anos, que é a pré adolescência digamos assim</p>	<p>45. P1 refere que o desenvolvimento dos filhos despoleta o próprio desenvolvimento dos pais.</p>
<p>46. é uma aprendizagem para eles e para nos pais, umas vezes mais complicadas outras menos, mas é todos os dias, todos os dias é uma aprendizagem desde que o filho nasce até se tornar adulto é todos os dias é uma aprendizagem muito forte, uns dias mais positivos e outros menos positivos mas é todos os dias todos os dias uma aprendizagem.</p>	<p>46. P1 refere ainda que todos os dias são vividos de forma diferente, em que todos os dias ocorrem aprendizagens. Ao longo do processo existem dias positivos e negativos.</p>
<p>47. (...) E quando os filhos chegam à maior idade, digamos assim, e quando nós pensamos que fizemos um trabalho razoável é muito confortante e é muito bom de ver os resultados, mas nunca esquecendo que é muito complicado educar hoje em dia, educar um filho, (...) mas não deixa de ser muito reconfortante.</p>	<p>47. P1 refere que é reconfortante quando percebe que educou positivamente as suas filhas adultas, independentemente das dificuldades que tenha experienciado.</p>
<p>48. I – se todos os dias é uma aprendizagem, o que vai mudando? P1 – ahhhh vai mudando porque até ali uma certa idade, vá 6, 7 anos, 8, ali até aos 10, nós pensamos que nós é que</p>	<p>48. P1 refere que até aos 10 anos os pais têm o controlo dos filhos, mas a partir dos 10/12 anos os filhos começam a confrontar os pais. Os pais aprendem com</p>

<p>mandamos, nós e que dizemos é assim ou assado, e depois a partir de uma certa altura, dentro dessas idades, 10, 12 anos, já começamos a ser confrontados pelos filhos, com algumas perguntas, com algumas afirmações, e com algumas situações (...) nós pensamos que estávamos certos, e nem sempre estamos certo e esse confronto saudável é bom, e a partir daí dentro dessas idades que os filhos nos enfrentam com este pormenor ou aquele, e nós acabamos por aprender muito, como é lógico, com os nossos filhos, isso é sem dúvida.</p>	<p>os filhos, percebendo que nem sempre estão certos.</p>
<p>49. (...) quando dizemos a um filho “olha não, hoje não podes” ou isto, pronto, e o filho pergunta “porquê?”, e muitas vezes é muito complicados nós dizermos a um filho porquê. Porque grande parte das vezes nós dizemos que não porque nos apetece dizer que não, ou achamos que não, que o filho não deve ir, não deve fazer, pronto, mas depois dizer o porquê, ai às vezes é complicado, é complicado porque esse porquê às vezes não existe, é só porque nós achamos que é melhor o filho não fazer ou não ir, ou isto ou aquilo, mas nem sempre conseguimos responder à pergunta do filho, do porquê.</p>	<p>49. A partir de uma certa idade os filhos questionam as decisões dos pais, e nem sempre os pais conseguem responder, mesmo quando acham que a sua decisão é a melhor para o filho</p>
<p>50. I – E depois desse caminho, até agora, serem adultas, como se tem transformado? P1 – Pronto, e a partir daí, há sempre um... uma meia culpa, digamos assim, dos pais, e tentar perceber se o filho for, quais são os problemas que podem acontecer, mas isso podem acontecer seja numa festa, seja onde for, e noutras situações é dar um sentido de responsabilidade aos filhos. Dizer que não, muitas vezes é importante, outras nem por isso, mas é dar o sentido de responsabilidade aos filhos, sim vás, mas depois no final da noite, no final do dia falamos um bocadinho vá, e como correu, como é que não correu, e se foi positivo, se não foi positivo, se houve problemas, se não houve problemas</p>	<p>50. P1 refere que é importante transmitir responsabilidade aos filhos. P1 considera que é importante dizer não aos filhos (dependendo das situações).</p>

<p>51. (...) e passa muito por aí, pelo diálogo entre pais e filhos, principalmente um bom dia, um boa tarde, como é que foi, como é que correu, que é para a próxima, ter a capacidade para chegar à dos pais e pedir porque sabe que as coisas correram dentro da normalidade e os pais também cederem e dizerem que sim, porque realmente as coisas correram como estava previsto</p>	<p>51. P1 refere que os filhos devem comunicar sobre os aspetos da sua vida, para mais facilmente os pais autorizarem os filhos a fazerem o que desejam.</p>
<p>52. (...) No meu caso agora, de ser pai com filhas, neste caso com filhas adultas, é pfff é extraordinário porque secalhar desde esse início dos 10, 12 anos, que se foi mantendo sempre aquela situação de “pai posso ir? Mãe posso ir?” ahh “tô aqui, tô ali”, “já cheguei”, tudo isso faz, mal comparado, como se fosse uma casa, (...) se não tiver um bom alicerce, essa casa não vai aguentar muito, mas desde o momento que as coisas sejam bem enraizadas desde o início, depois o futuro será, e esperemos que seja sempre promissor, que seja sempre dentro da lealdade</p>	<p>52. Para P1 é gratificante ser pai de filhas adultas. P1 incutiu desde cedo às suas filhas o diálogo com os pais, havendo troca de informação. P1 considera isso como um alicerce fundamental, para que haja a continuação de uma boa relação.</p>
<p>53. (...) dos filhos falarem com os pais, dos pais falarem com os filhos, e sempre dizerem isto não está tão bem, aquilo não está tão bem, e os filhos também dizerem aos pais, “pai vê lá que não é bem assim, é mais assado” mas sempre dentro da linha da verdade e de chegar ao fim do dia, e quem diz ao fim do dia diz ao fim do ano, do mês e as coisas estarem dentro daquilo que foi mais ou menos programado.</p>	<p>53. P1 refere que deve haver um diálogo entre os pais e filhos em que existe troca de opiniões. Considera que a relação entre pais e filhos deve ser na base da verdade.</p>
<p>54. (...) Às vezes há aquele conflito agradável porque nem sempre os filhos fazem tudo o que os pais querem, como é lógico</p>	<p>54. P1 menciona que existem conflitos (agráveis) quando os filhos tomam as suas decisões, que não são concordantes com as ideias que os pais desejam.</p>
<p>55. (...) e nem sempre os pais ahhhh deixam, ou neste caso, como adultas, ahhhh já não é bem a questão de deixar ou não deixar, mas é sempre saudável ver as filhas e os filhos a crescerem, mas a crescerem de maneira, não é, utilizando aquelas palavras do dia a dia, ser pai ou mãe galinha, mas é elas crescerem dentro</p>	<p>55. P1 considera que é saudável ver as suas filhas crescerem e terem a sua liberdade, mas estas devem ter atenção para com os pais.</p>

<p>da sua liberdade, mas sempre com uma atenção para com os pais neste caso.</p>	
<p>56. (...) E volto a repetir, dentro do “está tudo bem”, “bom dia”, “boa tarde”, pronto, sempre aquela responsabilidade de ambas as partes para os pais saberem mais ou menos como é que estão as coisas e das filhas também se aperceberem que os pais estão preocupados</p>	<p>56. P1 considera que as filhas devem sentir responsabilidade de comunicar com os pais, não para as controlar, mas para os tranquilizar.</p>
<p>57. mas isso preocupados estão todos os dias, todas as horas, todos os minutos, os pais estão sempre preocupados com os filhos.</p>	<p>57. P1 considera que os pais estão em constante preocupação com os seus filhos.</p>
<p>58. (...) cada dia é um dia, e todos os dias, não nos apercebemos, mas quase todos os dias há novidades, quase todos os dias há uma história diferente, quase todos os dias há um acontecimento diferente, quase todos os dias temos uma pergunta para fazer, temos uma resposta para dar, todos os dias todos os dias é diferente.</p>	<p>58. P1 considera que ao longo do ciclo de vida todos os dias são uma vivência diferente.</p>
<p>59. (...) Todos os dias é, tivemos dois ou três dias sem ver uma filha, mas todos os dias falamos, como é que estão, como disse há pouco, basta um bom dia e um boa tarde (...) passa sempre pela aproximação, é sempre a aproximação, porque se houver um afastamento dos pais, dos filhos, a coisa vai deteriorando, deteriorando de tal maneira que esse dia a dia deixa de existir, deixa de existir a paternidade, e depois a afinidade por parte dos filhos,</p>	<p>59. P1 valoriza o contacto constante com os filhos (nem que seja apenas uma mensagem), para não haver um afastamento dos filhos com os pais.</p>
<p>60. (...) mas se houver aquela responsabilidade digamos assim, o amor familiar e tudo isso, de todos os dias haver um bom dia e um boa tarde, como é que as coisas estão, não é estar a querer meter o nariz a toda a hora, basta, como já tenho dito, um olá e um bom dia. É porque se houver isso todos, já não digo todos todos, dia sim dia não, mas se houver ali um compromisso, sem lhe chamar compromisso, das pessoas estarem em contacto permanentemente, é caminho andado.</p>	<p>60. P1 considera que deve haver a responsabilidade, um “compromisso” para se manter o contacto.</p>

<p>61. (...) se não tivesse tido filhos, ou por opção ou por alguma razão extra, ah de certeza que a vida tinha sido completamente diferente. Mas sem dúvida nenhuma, porque os filhos ajudam-nos e chateiam-nos, mas ajudam-nos todos os dias e é uma vida completamente diferente.</p>	<p>61. P1 considera que ter filhos muda a trajetória de vida dos pais. P1 considera que a sua vida sem filhos teria sido diferente da vida com filhos.</p>
<p>62. (...) os filhos, é, é uma frase muito batida, mas os filhos é o melhor que nós temos, sem duvida nenhuma.</p>	<p>62. P1 considera que ter filhos é a melhor experiência da sua vida.</p>
<p>63. I – Quer dizer que se não fosse pai não era o homem que é hoje? P1 – De certeza, de certeza, de certeza que não. Porque as vivências que nós temos com os filhos, se eu não tivesse sido pai, nunca as teria tido, como é normal, e todas essas vivências, até mesmo conflitos, entre aspas, todas essas situações nos fazem ser diferentes.</p>	<p>63. P1 menciona que a paternidade o transformou enquanto pessoa. P1 considera que as vivências que se tem com os filhos despoletam mudanças nos pais.</p>
<p>64. (...) eu, há sempre ali uma falta no ser humano, ser pai ser mãe, faz parte da humanidade e penso que é umas das grandes dádivas que nós temos.</p>	<p>64. P1 considera que não ter filhos causa uma falta nos seres humanos. P1 considera que ter filhos é das melhores experiências.</p>
<p>59. (...) o ser pai, além da responsabilidade, de tudo isso</p>	<p>59. P1 refere que ser pai é uma grande responsabilidade</p>
<p>60. (...) já falando um bocadinho mais à frente, o sonho, e a situação da vida, que ao ser pai ou ser mãe, alguns anos depois passa a ser a continuidade das coisas que é ser avô, ser avó, e tudo isso, desde o momento que se é pai, pensa-se em tudo</p>	<p>60. P1 refere que o ser pai faz com que pense em ser avô, sendo uma continuidade da família.</p>
<p>61. (...) é uma situação completa de uma vida, é a pessoa ser, desde o momento que opte por isso, desde o momento que opte por ser casado ou não, ou adotar, seja o que for, mas que tenha aquela responsabilidade de ser pai, é extraordinário, é tudo, e como pessoa é cinco estrelas, como se costuma dizer [sorriso].</p>	<p>61. P1 refere que se sente completo por ser pai. P1 percebe que a experiência de se ter a responsabilidade de ser pai é extraordinária.</p>

Anexo C – Transformação das Unidades de Significado do Participante P2 em Expressões de Caráter Psicológico

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
1. I – O que é para si ser pai? P2 – Epaí isso é uma pergunta... O que é para mim ser pai?	1. P2 considera “o que é ser pai?” uma pergunta complicada.
2. Isso já nasce com a gente, com os genes da gente né [riso].	2. P2 refere que ser pai é inato.
3. Ser pai... ser pai é educar, é amar. Basicamente é isso.	3. P2 resume que ser pai é educar e amar.
4. I – Como tem sido a sua experiência como pai? P2 – Tem sido muito boa, com muitas aprendizagens, altos e baixos. Mas geralmente é amor e aprendizagens.	4. P2 refere que a paternidade é uma vivência positiva, apesar de ter momentos positivos e momentos negativos. P2 refere ainda que a paternidade envolve amor e aprendizagens.
5. (...) Quando os filhos são pequenos é mais fácil, a gente controlamo-los melhor. Depois à medida que vão crescendo já não nos ouvem. Já são mais as ideias deles é que contam.	5. P2 considera que a vivência da paternidade varia consoante o desenvolvimento. P2 refere mesmo que é mais fácil ser pai quando os filhos estão na fase da infância, porque depois os filhos crescem e desenvolvem a sua personalidade e têm as suas opiniões.
6. (...) a gente tem que aprender com tudo, temos que adaptar à situação, para que dê tudo certo.	6. P2 considera que a paternidade despoleta aprendizagens constantes. P2 considera que os pais têm que se adaptar às situações, sempre com o intuito de que tudo corra bem.
7. I – Ao que teve que se adaptar ao ser pai? P2 – Eu acho que é uma coisa que nasce com a gente. Quando se tem filhos... nasce com a gente. Isso é um gene que a gente tem de proteção, aparece e estamos habituados. Tudo, tanto a mãe como o pai.	7. P2 percebe que ser pai é inato, que os pais sabem o que fazer no seu papel de pai. P2 refere que ser pai é sentir proteção pelos filhos, e age-se em função disso.
8. (...) Altera é rotinas de vida, mas é uma coisa fácil de adaptar a essas rotinas, porque é uma coisa com amor, que a gente quer. É fácil.	8. P2 refere que o nascimento de um filho altera as rotinas que se tinham. P2 considera que é fácil a adaptação às novas rotinas devido ao amor que se sente por um filho.
9. I – O que mudou nas rotinas? P2 – sai-se menos, saia-se menos, antes pensávamos em dois, agora pensa-se só num, no filho.	9. P2 menciona que o nascimento de um filho muda as rotinas, havendo menos saídas, e os pensamentos dos pais focam-se no filho.
10. Os dois, os pais, a pensar só naquilo, só no filho. Aquilo é o objetivo, até ter pernas para andar sozinho [sorriso]. Basicamente é isso.	10. P2 refere que os pensamentos dos pais se focam no filho, este torna-se a prioridade das suas vidas, até que se torne adulto e independente.

<p>11. Mas isso não há um manual para educar um filho, acontece, vamos crescendo, eles vão crescendo, e vamos adaptando uns aos outros, para sermos todos felizes, é só isso.</p>	<p>11. P2 refere que com o crescimento dos filhos os pais também crescem, havendo adaptação de ambos, com o intuito de todos serem felizes.</p>
<p>12. I – Ao que teve que se adaptar mais? P2 – É ir descobrindo, porque só tive um filho, é descobrir, a evolução dele, os comportamentos dele</p>	<p>12. P2 refere que ao longo da paternidade tem que ser ir descobrindo, seguindo a evolução do filho.</p>
<p>13. (...) ensinamos-lhes outras coisas, demos-lhe educação, à nossa maneira.</p>	<p>13. P2 refere que os pais educam de forma idiossincrática (à sua forma).</p>
<p>14. Mas pronto, isso é fácil, muito fácil. É muito fácil educar, quer dizer, crescer, vê-los crescer. Como hei de dizer [pausa].</p>	<p>14. P2 refere que é fácil educar e seguir o crescimento dos filhos.</p>
<p>15. Epah não há explicação, tu ages tão natural na evolução dele que nem pensas nisso, respondes por ocasião, sei lá, no momento, em certas situações mais complicadas, ou boas. Reage-se sempre no momento, nunca se programa, e nem se convêm programar, é mais ou menos viver o presente e..., e o presente até é o melhor, sentir o crescimento dele no presente, não pensar no futuro, senão sai sempre as contas furadas.</p>	<p>15. P2 considera que o papel do pai é natural, responde-se consoante as situações e sentimentos. Basicamente, responde consoante a fase de desenvolvimento do filho.</p>
<p>16. I – Como foi ser pai ao longo do crescimento do seu filho? P2 – É como lhe disse, quando ele era pequenino era mais fácil, porque aí é tudo connosco, ele só se movimenta com as nossas ideias, não quer dizer que seja bom, mas é mais fácil sermos nós a pensar, e executar as coisas. Depois já não é assim, quando começa a crescer temos que aceitar as ideias dele, os gostos dele, as saídas dele, “quero ir aqui”, e nós às vezes já temos que adaptar ao filho, mas ele a nós também.</p>	<p>16. P2 refere que o papel do pai varia consoante o desenvolvimento do filho. P2 menciona que a infância é uma fase fácil porque os filhos são dependentes dos pais, executando-se as ideias dos pais. Quando os filhos crescem e desenvolvem a sua personalidade, já têm as suas ideias, tem que haver uma adaptação de ambas as partes. Os pais têm que se adaptar aos filhos consoante a fase de desenvolvimento destes.</p>
<p>17. E isso é uma evolução, evolução natural, normal.</p>	<p>17. P2 considera que evolução dos filhos e a conseqüente evolução dos pais é um processo natural e normal.</p>
<p>18. O que marca a paternidade é amor e aprendizagem, temos que ir aprendendo também com o filho.</p>	<p>18. P2 refere que a paternidade se resume ao amor que se sente pelos filhos e as aprendizagens que os pais realizam.</p>
<p>19. I – O que sente que mais aprendeu? P2 – é muito difícil explicar. Era um amor que não conhecia</p>	<p>19. P2 percebe que nunca tinha vivido um amor como o amor por um filho.</p>
<p>20. (...) uma proteção que nós sentimos que não há explicação, é uma proteção de dar a vida por ele. Acho que é a única</p>	<p>20. P2 demonstra que o amor pelo seu filho é intenso, ao ponto de dar a sua vida pelo filho. Considera que ser pai é inato,</p>

<p>peessoa que damos a vida é por ele, sem hesitações. Os pais dão a vida por um filho, pelo menos é o que sinto. Eu dava a vida pelo F. sem hesitações. É uma coisa que está inculada na gente, nos nossos genes, como lhe disse. É proteger o filho até morrer, é isso, e dá a vida por ele, sem hesitações.</p>	<p>devendo-se proteger o filho ao longo de toda a sua vida.</p>
<p>21. Eu não consigo explicar, é um sentimento tão intenso que uma pessoa não sabe o que dizer.</p>	<p>21. Para P2 é difícil exprimir os seus sentimentos relacionados com a paternidade, porque é um sentimento intenso.</p>
<p>22. Porque realmente ter um filho foi a melhor coisa que me aconteceu.</p>	<p>22. Para P2 ser pai foi a melhor experiência que teve.</p>
<p>23. (...) Eu acho que tem sido fácil ser pai, ir acompanhando o crescimento dele, porque é uma coisa tão natural, que uma pessoa vai reagindo consoante os comportamentos do filho.</p>	<p>23. P2 refere que o papel do pai se desenvolve de forma natural. P2 considera que o seu papel de pai vai acompanhando o desenvolvimento do filho, respondendo-se consoante os comportamentos do mesmo.</p>
<p>24. Mas nós também aprendemos com o filho, porque vamos aprendendo a ser pais ao longo do tempo, enquanto ele cresce, nós temos que nos adaptar a ele.</p>	<p>24. P2 refere ao longo do desenvolvimento do filho ocorrem aprendizagens e adaptações pela parte do pai.</p>
<p>25. I – Quer explicar-me um bocadinho melhor como foi a sua experiência de ser pai ao longo do tempo? Como tem sido a evolução como pai? P2 – Tu evoluis conforme a evolução dele, a tua evolução é consoante a evolução dele.</p>	<p>25. P2 menciona que o próprio se desenvolve consoante a desenvolvimento do filho.</p>
<p>26. (...) mas isso é tudo pela proteção, proteção para o amor. (...) Quando são mais pequenos de uma maneira, quando são mais crescidos de outra. Quando eram crianças podes dar-lhe uma palmadinha, quando são maiores não, já tem que ser com palavras, com sentimentos, diferente. Em criança eles não ouvem as palavras, muitas vezes uma palmada é mais assertiva que uma palavra, mas uma palmada para não doer, para ele sentir que uma voz mais alta no momento do erro, uma voz mais alta, uma palmada, e depois mais velho não, não pode ser nada disso, já tem que ser por palavras, palavras suaves, se for aos gritos já não lá vai.</p>	<p>26. P2 refere que os comportamentos dos pais são em prole da proteção dos filhos, comportamentos adaptados à fase de desenvolvimento dos filhos. P2 refere que reagia fisicamente quando o filho era criança, e quando o filho cresceu, os seus comportamentos de proteção passaram a ser baseados no diálogo. A proteção baseia-se no amor que sente pelo filho.</p>
<p>27. E não quer dizer que não haja conflitos, há sempre conflitos, sim, porque somos pessoas diferentes, e eles já</p>	<p>27. P2 refere que surgem conflitos quando o seu filho já tem a sua personalidade desenvolvida.</p>

<p>começam a ter a sua personalidade e se ele tem uma personalidade vincada, e o pai tem uma personalidade vincada, já há conflitos.</p>	
<p>28. Mas há uma idade normal deles que chegam àquela idade e acham que eles é que sabem tudo e não ouvem os pais, e às vezes é complicado. Quando são pequenos é mais fácil mas depois quando crescem e pensam que sabem tudo já é mais complicado [riso].</p>	<p>28. P2 menciona que os filhos atingem uma fase do seu desenvolvimento em que consideram que são detentores da razão, sendo uma fase complicada para os pais.</p>
<p>29. I – O homem vai-se desenvolvendo, acha que ser pai ajudou nesse desenvolvimento? P2 – Não, são coisas diferentes. Eu posso ser homem sem ser pai. Uma coisa não implica à outra.</p>	<p>29. P2 considera que o desenvolvimento do próprio homem não está relacionado com a paternidade.</p>
<p>30. Porque são caminhos que se desviam conforme as situações. Neste caso tens um filho, tens outro caminho obrigatório em que tens que ir por aí porque tens um filho</p>	<p>30. P2 considera é que a paternidade faz com que se siga uma trajetória de vida diferente.</p>
<p>31. se não fosses pai eras bom homem à mesma. Conheço muitos homens que não têm filhos e são bons homens.</p>	<p>31. P2 considera que ser um bom homem não está relacionado com a paternidade, há bons homens sem serem pais.</p>
<p>32. É uma coisa que não há manual para isso. Acontece e tu tens que desenvolver com isso, age-se naturalmente. Um dia quando for mãe vai procurar como vou resolver isto, nunca vai procurar em livros, reage segundo a sua consciência, coração e o momento. É simples quanto isso, nunca se vai a um livro perguntar as coisas, se vai é má mãe, é porque não sente.</p>	<p>32. P2 considera que o desenvolvimento do pai ocorre naturalmente, responde-se consoante o momento, coração e consciência. P2 enfatiza que se tem que sentir o momento e responder consoante isso.</p>
<p>33. (...) Bates num filho, bater, um estalozinho pequeno para não aleijar claro, mas é para proteção, porque tens medo de o perder, tens medo que ele falhe. Por exemplo, quando ele mexe numa tomada, tu por instinto dás-lhe uma palmada numa mão, não é para o aleijar, é para o proteger para ele nunca mais fazer aquilo, porque tens medo que se magoe.</p>	<p>33. P2 refere que tenta proteger o filho, porque tem medo de o perder, que ele se magoe, que ele falhe.</p>
<p>34. I – Quer dizer que a paternidade e a proteção estão ligadas? P2 – Sim sem dúvida, e depois depende das idades. Há idades que reages de uma maneira, mas depois reages de outra. Depois quando já são mais crescidos já não pode ser com palmadas, tem que ser</p>	<p>34. P2 refere que a paternidade e a proteção estão relacionadas, e o tipo de proteção depende da fase de desenvolvimento do filho. Quando o filho era criança dava-lhe palmadas para o proteger, quando o ficou mais velho,</p>

com palavras, é diferente. Pois, é isso ser pai [sorriso].	a proteção procedeu-se através de comunicação verbal.
35. I – Qual é a sua percepção em relação ao envolvimento que tem e teve com o seu filho? P2 – É sempre bom ires fazendo atividades com ele, é sempre bom, desde pequenino até ser adulto. É sempre bom, o pai sente-se sempre bem ao fazer atividades com ele. Mais pequeno era mais jogos, agora é a pesca.	35. P2 considera que é sempre bom realizar atividades com os filhos, independentemente da idade, isto é, que deve haver o envolvimento dos pais com os filhos. P2 refere que se sente bem ao realizar atividade com o filho. P2 percebe que as atividades realizadas com o filho variaram com a idade do mesmo, quando era criança realizava jogos com o filho, atualmente pratica pesca.
36. Eu adoro pesca, estar com ele à pesca, porque é uma coisa que fazemos em conjunto [sorriso]. (...) É um desporto para estarmos juntos. O pai sente-se muito bem em ter um filho, um desporto, a fazermos as mesmas coisas que gostamos.	36. P2 refere que adora pesca, principalmente por estar com o filho à pesca, terem uma atividade em conjunto. P2 refere que se sente bem em ter um desporto para estar filho, desporto que ambos gostam.
37. (...) Temos que arranjar um desporto, alguma coisa que gostamos para estarmos juntos a fazermos a mesma coisa, e é aí que podemos aproveitar. Aproveita-lo bem a ele, a companhia dele, porque depois torna-se mais difícil ter a companhia dele, já tem namorada, já pensa nas saídas, os pais já ficam um bocadinho para trás, que é normal né.	37. P2 considera que se tem que aproveitar o tempo passado com o filho, porque esse tempo diminui com a idade. P2 refere é difícil ter a companhia do filho, referindo mesmo que as relações dos pares se tornam mais frequentes que as relações com os pais, mas considera isso normal do desenvolvimento humano.
38. Depois passam para uma fase em que os amigos são mais importantes que os pais.	38. P2 refere que os filhos atingem uma fase em que as relações dos pares se tornam mais importantes que as relações com os pais.
39. A transição para esta fase não me deixou triste, porque também passei por isso, também sou filho. Aceita-se perfeitamente.	39. P2 considera que a transição para a fase adulta não lhe trouxe tristeza, pois apesar de estar menos tempo com o filho, considera isso normal do desenvolvimento, afirmando que também experienciou essa vivência.
40. Vais aceitar sempre o crescimento do teu filho, desde que ele esteja bem e tu tens que aceitar.	40. P2 percebe que se tem que aceitar o crescimento dos filhos, importando o bem-estar.
41. Mesmo que ele não te dê muita importância, há alturas que é assim, mas tu tens que estar presente quando ele te chamar pai, tu tens que estar presente, saberes que estás lá quando ele precisar de ti.	41. P2 refere que apesar da diminuição da importância que os filhos dão aos pais, os pais têm que estar presentes sempre que os filhos precisam.
42. Eles chegam a uma fase que querem seguir os caminhos deles, pensam eles que	42. P2 refere que os filhos chegam a uma fase do desenvolvimento que tomam as

<p>conseguem seguir, mas não conseguem, têm que ter sempre o apoio dos pais, depois quando encontram a primeira barreira recorrem logo aos pais, e tu tens que o ajudar nessas barreiras.</p>	<p>suas decisões, mas considera que os filhos precisam sempre do apoio e ajuda dos pais, então, quando os filhos, mesmo adultos, precisam de ajuda, os pais devem estar presentes para os ajudar.</p>
<p>43. Mas isso é fácil, é como lhe disse, não há um manual para isso, tu próprio vais conseguir fazer isso, todos conseguimos, pais normais. Já nasce com a gente, já está programado.</p>	<p>43. P2 considera que os pais nascem ensinados para o papel paterno, e que o processo da paternidade ocorre facilmente.</p>
<p>44. I – Acredita então que existe um instinto paternal? P2 – Sem dúvida. Existe o instinto paternal porque tens o instinto de proteção, que é o mais importante. E tens o instinto de proteção porque amas muito, eu acho que esses dois instintos estão associados. Só tens esse instinto se tiveres muito amor, se não tiveres não tens amor, só tens medo de perder uma coisa que amas. É só isso. Os pais que não têm esse instinto não amam.</p>	<p>44. P2 considera que os pais possuem um instinto paternal. P2 resume esse instinto paternal ao instinto de proteção e de amor. P2 considera que se protege um filho porque existe amor. Esse amor despoleta medo num pai, medo de perder, e esse medo faz com que o pai proteja o filho.</p>
<p>45. É só isso. E todos os pais que amam, tenham eles cursos superiores ou que nunca estudaram, é igual, educam exatamente igual, aqui não tem a ver com estudos, tem a ver com sentimento, basicamente é só isso, o sentimento. Podes ser um bom pai com quarta classe, e um médico pode ser um mau pai.</p>	<p>45. P2 considera que a paternidade não está relacionada com a escolaridade. P2 percebe que a paternidade está relacionada com o sentimento que se tem pelos filhos. Esse sentimento surge tanto nos pais com pouca escolaridade como em pais com formação académica.</p>
<p>46. O amor aqui é essencial para a proteção, para a proteção tens que ter amor, e para seres um bom pai tens que ter amor pois. Se tiveres amor de certeza que vais ser um bom pai ou mãe, de certeza.</p>	<p>46. P2 considera que o amor é a base do papel de um pai, amar para proteger.</p>
<p>47. O teu filho é que pode não te perceber, às vezes isso acontece. Nós fazemos tudo a pensar no bem do filho mas ele nem sempre vê isso, mas nós damos sempre, sempre o melhor para ele.</p>	<p>47. P2 refere que age sempre em prole do bem do filho, mesmo que este nem sempre reconheça isso.</p>
<p>48. Mas é normal em certas idades, naqueles crescimentos que eles pensam que sabem tudo, mas todos passamos por isso, eu também já passei por isso enquanto filho. Também cheguei a alturas que os meus pais também não me diziam nada, porque os pais percebem quando estamos nessas fases de que sabemos tudo.</p>	<p>48. P2 refere em certa fase do desenvolvimento, os filhos consideram que são detentores da razão e da sabedoria. P2 refere ainda que esses comportamentos e pensamentos são normais da idade, lembrando que também passou por essa fase de desenvolvimento.</p>

<p>49. (...) e os pais têm que se adaptar aos filhos, às diferentes fases que os filhos estão.</p>	<p>49. P2 enfatiza que os pais têm que se adaptar às diferentes fases de desenvolvimento dos filhos.</p>
<p>50. Os pais sabem que isso é normal e deixamos passar essa fase. A gente sabe que isso acontece porque já passamos por isso. Porque a gente, quando um filho está naquele momento, a reagir assim, nós revemo-nos também, “cá está, também já passei por isto”. É mais fácil responder a essa situação porque já passaste por ela, temos que tentar contornar essa situação porque sabes o que vai acontecer, já tiveste essa vivência e depois é fácil de contornar, e o teu filho não sabe (...).</p>	<p>50. P2 refere que as suas vivências passadas ajudam no papel de pai. P2 refere que o facto de os pais já terem experienciado a fase de desenvolvimento em que os filhos se encontram, é mais fácil de contornar a situação porque relembram a sua própria fase. Os pais sabem como resolver as situações porque viveram a mesma experiência.</p>
<p>51. I – Quer dizer que relembrar o que passou, o que viveu serve para a paternidade? P2 – Sim sim, a 100 por cento. A vivência é das coisas mais importante, é muito importante para a aprendizagem. Sempre sempre, sempre. A nossa evolução, para ficares maduro, para ficares com conhecimentos, tens que ter sempre uma vivência, uma aprendizagem e muitas vezes. E às vezes é essa vivência que dá capacidades para resolver a situação da altura dele, do momento dele, da idade dele, porque também já passaste.</p>	<p>51. P2 considera que as próprias vivências das fases de desenvolvimento passadas ajudam no papel de pai. A vivência passada dá capacidades aos pais para resolverem as situações próprias das idades dos filhos, porque já viveram essa fase. P2 considera então que as suas vivências são importantes para a aprendizagem, aprendizagem essa fundamental para a paternidade.</p>
<p>52. Depois adaptas-te a essa situação, ao comportamento dele, à personalidade dele, é isso.</p>	<p>52. P2 refere que tem que haver uma adaptação à situação, ao comportamento e à personalidade do filho.</p>
<p>53. E quanto mais simplificares as coisas melhor, melhora as situações. É difícil, mas tens que ceder numas coisas, contornar as coisas.</p>	<p>53. P2 considera que simplificar é uma boa opção na paternidade, sendo necessário ceder algumas vezes.</p>
<p>54. I – Ser pai também é ceder? P2 – Muito mesmo, muito mesmo, ceder muito [riso]. (...) Às vezes isto é complicado, às vezes não queria ceder mas depois é complicado, depois para não teres conflitos, para não haver desentendimentos, brigas, muitas vezes cedees de contra vontade, outras vezes não, porque achas que não deves ceder, sabes que ele não tem razão. E quando ele não tem razão a gente não pode ceder, mas muitas vezes cedemos, para não haver conflitos, mas aí erramos, erramos não sei, é para não haver conflitos.</p>	<p>54. P2 refere que durante a vivência da sua paternidade já cedeu muitas vezes perante o filho, mesmo quando considera que este não tem razão. P2 refere que cede para evitar conflitos com o filho.</p>

<p>55. Depois aqui há outro papel, a mãe. A mãe é mais mole, tem um papel mais mole, pronto, não quer dizer pior ou melhor. É mesmo assim, a constituição da mulher, é mais protetora, temos personalidades muito diferentes, o homem da mulher. A fêmea é diferente, é mais protetora, um protetor quase levado ao extremo, muito passiva, e aí o papel do homem seja importante, porque é mais ativo em certas coisas e não se deixa levar com tanta facilidade do que uma mulher.</p>	<p>55. P2 refere que o papel da mãe é diferente do papel do pai. P2 refere que a mãe é mais passiva e o pai é mais ativo (menos mole que a mãe).</p>
<p>56. Daí que sejam importantes no coiso, no crescimento de um filho, tem que haver os dois. Muitas vezes quando falta um elemento da família, a um filho que falta um pai ou uma mãe, a educação dele varia, não quer dizer que às vezes o pai ou mãe consiga fazer esse papel, mas geralmente há ali sempre umas falhas, que falha sempre uma outra parte. Sinto que é sempre importante haver as duas partes, o pai e a mãe, porque o papel do pai e da mãe são diferentes na educação.</p>	<p>56. P2 refere que é importante a presença do pai e da mãe na criação/educação de um filho, pois têm papéis diferentes. É importante para um filho ter contacto com esses dois tipos de papéis.</p>
<p>57. O pai é mais autoritário, é o que garante a segurança, o pilar mais coiso para fazer travões, é o que faz as travagens, é o stop. A mãe não tem stop, é sempre a andar, e o pai é o que consegue dizer não com mais facilidade. Muitas vezes no crescimento é preciso dizer não, e a mãe é mais difícil dizer não a um filho, e o pai está lá para isso, diz não com mais facilidade, com facilidade.</p>	<p>57. P2 considera que o pai é mais autoritário, garante a segurança, é o pilar da família, que diz “não” ao filho com mais facilidade do que a mãe.</p>
<p>58. Muitas vezes não custa dizer não, mas às vezes custa. Mas muitas vezes é essencial dizer não e não custa dizer não, porque tem que ser, e a mãe mesmo coiso não consegue dizer não. Pois, na evolução do F. muitas vezes foi assim, a mãe não conseguia dizer não. (...)</p>	<p>58. P2 refere que em certas situações custa dizer “não” mas noutras não custa. P2 menciona que é importante dizer “não” na criação de um filho. P2 refere que a mãe não dizia “não”.</p>
<p>59. I – Ter tido um pai e uma mãe também molda o seu papel enquanto pai? P2 – Não, porque isto, como lhe disse, o amor e a proteção são sentimentos teus, tu nunca vais buscar a outra coisa, podes ir buscar a ... não vais buscar. Não há um modelo, é o teu modelo, porque os teus sentimentos são teus, tu nunca vais buscar os teus sentimentos a outra pessoa, ao teu</p>	<p>59. P2 refere que não considera os seus pais como modelos na sua paternidade. P2 considera que os pais respondem consoante os seus sentimentos, e como esses sentimentos são únicos, a vivência da paternidade é única. P2 refere ainda que pode lembrar o papel dos seus pais, mas nunca adapta os comportamentos destes ao seu próprio papel de pai.</p>

<p>pai ou à tua mãe, nunca, nunca vais buscar modelos a ninguém porque o sentimento é teu, o amor é teu. E essa resposta nessa vivência tem que ser tua, nunca vais buscar, vais-te é depois lembrar desses comportamentos que já tiveste, do teu pai, mas nunca adaptas esse comportamento à tua vivência, porque tem que ser o teu sentimento, o teu comportamento.</p>	
<p>60. Se o teu sentimento for genuíno, tu reages à tua maneira, como o amor, tu reages ao amor, é teu, reages à tua forma, não vais buscar aos outros, não queres saber dos outros, reages ao teu amor, da tua forma, ao teu sentimento, e mais nada. Nos pais e filhos é assim, cada pessoa sente e reage ao seu sentimento de forma única e pessoal. Realmente eu amo muito o meu filho, mas estou a responder com o meu sentimento, vou responder com o meu sentimento, e nunca te vais lembrar do teu pai ou da tua mãe, que fez isto e aquilo, não, o teu sentimento é que conta. Como somos únicos, ser pai também é ser único. (...) Aquilo que a gente sente nunca se pode comparar ao que o outro sente, somos pessoas diferentes.</p>	<p>60. P2 refere novamente que a sua vivência de ser pai é própria e reage-se conforme os seus sentimentos, o seu amor, não recorrendo ao modelo dos seus pais. P2 enfatiza que os seus sentimentos são próprios, e são esses sentimentos que orientam o papel de pai.</p>
<p>61. Eu não consigo explicar o que sinto. É como disse, é o sentimento. Não consigo exprimir em palavras aquilo que sinto. Cada um sente de maneira diferente. (...)Ser pai é uma coisa tão única e pessoal, que não consigo explicar o que sinto. Epah é uma coisa fora do normal, só quando estamos na situação é que sabemos.</p>	<p>61. P2 não consegue exprimir por palavras o seu sentimento pelo filho. Ser pai é uma vivência única e inexplicável.</p>

Anexo D – Transformação das Unidades de Significado do Participante P3 em Expressões de Caráter Psicológico

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
1. I – O que é para si ser pai? P3 – Ser pai é ... uma grande responsabilidade desde logo.	1. P3 considera que ser pai é uma grande responsabilidade.
2. O tempo hoje em dia é tão pouco para a nossa vida profissional que às vezes escoramos um bocado o nosso papel do pai, de educador, de seguir os passos ahhh dos nossos filhos. (...) Essa é que é a grande questão hoje em dia, a falta de tempo para poder acompanhar, essa é que é a minha grande questão [tom assertivo].	2. P3 considera que o tempo despendido na ocupação profissional prejudica o papel de pai, havendo menos envolvimento e acompanhamento dos pais com os seus filhos. P3 demonstra que este aspeto o preocupa.
3. papel do pai, de educador, de seguir os passos ahhh dos nossos filhos	3. Para P3 o papel do pai engloba ser educador, e seguir o percurso dos filhos.
4. I – Como tem sido a sua vivência de ser pai ao longo do tempo? P3 – A vivência de ser pai tem sido excelente, quer dizer, não tenho tido grandes problemas assim de maior, há sempre aqueles do dia a dia.	4. P3 considera que ser pai tem sido uma vivência excelente, apesar dos problemas do quotidiano.
5. (...) mas nota-se que as pessoas parecem que nunca estão satisfeitas com o que têm, portanto querem sempre mais alguma coisa, e isso também nos coloca em dificuldade porque pensamos que as coisas à partida poderão estar encaminhadas e quando vamos a ver não estão, não estão encaminhadas	5. P3 considera que a insatisfação dos filhos dificulta o papel de pai. Os pais pensam que os seus filhos estão bem e existem momentos em que isso não está a acontecer.
6. e isso faz-nos ainda trabalhar mais e faz-nos pensar mais como poderemos proceder para que eles sejam felizes enquanto vão crescendo e vão caminhando porque ...	6. P3 refere que a insatisfação dos filhos faz com que os pais trabalhem e pensem mais como se pode proceder para que os filhos sejam felizes ao longo do seu crescimento.
7. as ofertas são tantas que depois é difícil acompanharmos tudo.	7. P3 refere que as demasiadas ofertas dificulta o acompanhamento pela parte dos pais.
8. I – Quer dizer que é difícil acompanhar os filhos? P3 – É muito difícil, sinceramente é muito difícil, os fazeres profissionais absorvem-nos muito, e as vezes pessoas com mais atividade também se colocam em muitas, em muitas situações de voluntariado, e	8. Para P3 é difícil acompanhar os seus filhos devido ao tempo gasto na ocupação profissional e nas atividades de voluntariado. Estas tarefas diminuem o tempo que se pode estar com os filhos.

depois também, por um lado também é bom né, (...) mas por outro lado também nos tira muito, às vezes algum tempo que gostaríamos de ter para dar, e às vezes não temos.	
9. A minha profissão sei lá, tira-me aquele tempo de férias em que toda a gente está descansada e descontraída para não ter horas para nada, e eu no meu caso, na minha, na minha vida profissional não, poucas vezes tive esses tempos, não é, e quando eles eram pequenos não os tive, até ao meu filho mais velho ter sei lá 7 anos, não tive esse tempo, esse tempo de férias, trabalhava sempre (...)	9. P3 refere que não teve férias quando os filhos eram pequenos, devido à sua ocupação profissional.
10. (...) por isso esse tempo não tive, essa parte falhou-me, mas pronto, o tempo não volta atrás	10. P3 considera que o facto de não ter tido férias foi uma falha sua.
11. (...) mas ainda acompanhei os tempos primeiros, de jardim de infância, disso, acompanhei sinceramente.	11. P3 refere que apesar de não ter tido férias com os seus filhos, que acompanhou os primeiros tempos dos filhos (tempo do jardim de infância).
12. I – E da segunda filha? P3 – Da segunda filha foi mais foi mais fácil, aí já consegui ter mais tempo disponível na minha vida profissional o que permitiu ter um acompanhamento diferente, já acompanhava as várias atividades que ela tinha extracurriculares, desde ballet, equitação, já acompanhei mais de perto, foi mais fácil, já tinha a minha vida mais estruturada de uma outra forma não era.	12. P3 percebe que esteve mais envolvido com a sua filha do que com o seu filho. Este aspeto deveu-se ao facto de ter a vida mais estabilizada e conseguir despende horas da sua vida profissional. P3 acompanhava a filha nas suas atividades extracurriculares.
13. A minha mulher também nunca trabalhou, trabalhou pouco tempo, optamos por ela ser mãe a tempo inteiro e ficar em casa, portanto isso também nos tirava ali alguma fonte de rendimento que tínhamos que colmatar com outro lado	13. P3 refere que a sua mulher nunca trabalhou para se tornar mãe a tempo inteiro. O facto de P3 ser a única fonte de rendimento, fez com que este trabalhasse mais tempo e não estivesse tão envolvido com os seus filhos.
14. (...) e portanto, mas já acompanhei muito mais a minha filha do que o meu filho.	14. P3 refere que acompanhou mais a sua filha do que o seu filho.
15. I – Tem pena de não ter acompanhado mais o seu filho? P3 – Tenho, tenho, realmente tenho pena porque são momentos, como estava a dizer, são momentos que já nunca voltam	15. P3 tem pena de não ter estado mais envolvido na criação do seu filho, porque os momentos que não viveu já não podem ser vivenciados.

<p>a trás. E que a gente, pronto, por muitas voltas que se dê não é capaz.</p>	
<p>16. Falta de tempo hoje em dia com os afazeres profissionais limitam-nos noutras coisas, para podermos ter de um lado não podemos ter do outro.</p>	<p>16. P3 refere novamente que a ocupação profissional limita, havendo então a diminuição do tempo de envolvimento com os seus filhos.</p>
<p>17. I – Quer dizer que no seu caso, o seu trabalho influenciou o seu papel como pai? P3 – sim, prejudicou nessa questão, mas por outro lado também com aquilo, com os rendimentos que tirava desse trabalho a mais, também permitiram dar-lhe outro tipo de situações, pô-los a ... fazer várias atividades, que era preciso capital para eles as desenvolverem, como leva-los a treinos de futebol, levá-los a jogos de futebol, levá-los aquelas coisas todas quer dizer, se não tivesse poder económico para isso também não podia fazer, (...) como tudo na vida, dinheiro, sem ovos dificilmente se faz uma omelete né [riso]. Essa é a questão.</p>	<p>17. P3 refere que a ocupação profissional prejudicou o seu papel enquanto pai, mas o facto de ter capital para as atividades dos filhos também compensa, porque lhes dá oportunidades que não teriam se não houvesse esse capital.</p>
<p>18. I – E como é ser pai ao longo do crescimento dos filhos? P3 – Bem, depende sempre muito dos laços que, por isso é que eu digo que essa fase, essa fase de acompanhamento em pequeno é sempre bom, aliás, ela é sempre toda fundamental</p>	<p>18. P3 considera que é fundamental haver envolvimento com os seus filhos ao longo do desenvolvimento destes.</p>
<p>19. mas em pequeno ganha-se, ganha-se muita coisa, ganha-se muitas vivências porque está-se a aprender com eles, eles vão-nos ensinando não é.</p>	<p>19. P3 considera que se aprende com os filhos pequenos.</p>
<p>20. Portanto ao longo do tempo ser ..., julgo que essa vivência que não tive me prejudicou porque podia ter aprendido coisas que não vim a aprender</p>	<p>20. P3 considera que a falta de envolvimento fez com que não realizasse certas aprendizagens que deveria ter realizado.</p>
<p>21. e sinto que às vezes não tenho essa, não consigo perceber às vezes certas reações que eles podem ter e secalhar eu tivesse acompanhado mais de perto, ou de perto mesmo poderia ter uma resposta mais mais eficaz, mais cabal para a resolução de certas questões que se colocam</p>	<p>21. P3 percebe que não entende certos comportamentos dos filhos, e se tivesse estado mais envolvido, provavelmente perceberia os comportamentos deles, conseguindo responder mais eficazmente. P3 considera então que a falta de envolvimento com os filhos na fase da infância pode prejudicar o papel do pai quando os filhos são adultos</p>

<p>22. I – Quer dizer que essa falta de acompanhamento de quando eles eram mais novos poderá ter repercussões agora que eles são mais velhos?</p> <p>P3 – Acho que sim, acho que sim, em tomadas de decisões, acho que isso tem tudo a ver com... e noto, noto que acompanhei mais de perto a minha filha, que ela é mais fácil de tomar decisões, (...) e às vezes ele já não é tão, tão eficaz nas decisões que toma, é mais rrr, às vezes decisões mais sem pensar bem</p>	<p>22. P3 considera que a falta de envolvimento dos filhos na fase da infância pode dificultar as suas tomadas de decisões em adultos, porque houve uma falha do pai (do modelo), falta de brincadeiras que poderiam ter despoletado aprendizagens nos filhos.</p>
<p>23. devido secalhar também à falta de eu o acompanhar naquela altura em que em brincadeiras se ensina muita coisa, e se ensina ...e secalhar isso torna, secalhar isso modela a forma de ser de cada pessoa</p>	<p>23. P3 refere que a falta de acompanhamento do filho em pequeno diminuiu as aprendizagens do mesmo. P3 considera que as brincadeiras ensinam muito, e essa falha prejudicou o filho.</p>
<p>24. (...) secalhar se tivesse acompanhado mais, secalhar teria sido, teria sido melhor [expressão apreensiva].</p>	<p>24. P3 refere que se tivesse acompanhado mais o seu filho, teria sido melhor.</p>
<p>25. (...) mas que tivesse acompanhado mais de perto, as brincadeiras seriam uma boa forma de educar, mais na positiva, do que assim, estando mais ausente.</p>	<p>25. P3 considera que as brincadeiras que poderia ter tido com os filhos teriam sido uma boa forma de educação.</p>
<p>26. I – Acha então que os pais têm uma grande influência nos filhos?</p> <p>P3 – Sim, acho que sim, inicialmente na, logo nos primeiros anos, sempre estive lá, faz toda a diferença, tendo um bom acompanhamento, quer dizer, é diferente estarmos todos os dias com o pai em casa ou por exemplo o pai ser camionista e vir cá de quinze em quinze dias, quer dizer, às tantas nem dá pelo crescimento que ele fez, nem dá pelas primeiras palavras, não dá por algumas coisas que ele precisa, para aprender, para se começar, até ganhar confiança em alguém que pode ser o seu modelo de vida ou não.</p>	<p>26. P3 considera que estar presente no desenvolvimento dos filhos é fundamental para que se estabeleça uma relação segura, de confiança entre pai e filhos. Apesar de considerar que a sua ocupação profissional prejudicou o envolvimento com os seus filhos, sempre esteve presente na vida destes, todos os dias estava com eles. P3 compara que um pai que não está presente todos os dias na vida de um filho, não acompanha o seu desenvolvimento e nem há o estabelecimento da tal relação segura.</p>
<p>27. Nós queremos sempre que seja, nós queremos ser sempre o modelo de vida para os nossos filhos, se conseguimos ou não... depende muito às vezes se estamos ou não presentes, se estamos ou não ausentes</p>	<p>27. P3 refere que os pais desejam ser o modelo de vida para os seus filhos. P3 considera que ser modelo pode estar relacionado com a presença dos pais.</p>
<p>28. além de ter muito, muito menos, menos tempo para acompanhar, devido ao</p>	<p>28. P3 considera que apesar de não ter estado envolvido com os seus filhos o</p>

meu trabalho, e essas brincadeiras não se realizaram, mas estava sempre presente todos os dias em casa, todos os dias via, todos os dias acompanhava, todos os dias via o crescimento.	tempo que desejaria, de terem falhado brincadeiras, devido à sua ocupação profissional, esteve presente regularmente na vida dos seus filhos. Acompanhou então o crescimento dos filhos.
29. Uns dias ia com eles ao médico, outros dias mudava fraldas, outros dias dava banho, portanto essas coisas são ... também fazem parte né, e isso é muito importante. Isso é muito importante, tomar contacto, tomar, meter as mãos mesmo, não se inibir de mudar fralda, de lavar um rabo, pôr pó de talco, ou ir com ele ao médico, essas coisas todas.	29. P3 realizava as diversas tarefas de cuidados dos seus filhos (ia ao médico, mudava as fraldas, dava banho), considerando essas tarefas fundamentais para estabelecer contacto, relação com os filhos.
30. Não tenho problema nenhum em fazer estas coisas, não deve ser uma atividade exclusiva das mães, qualquer pessoa, qualquer ser, acho que tudo juntos nos faz ser mais ligados às crianças, sem dúvida nenhuma. Isso aí não tenho a menor dúvida, de que é muito importante.	30. P3 considera que o cuidado das crianças (mudar fraldas, dar banho, etc.) não são tarefas exclusivas do papel das mães, os homens também devem participar nessas tarefas. P3 considera que a participação dos pais nessas tarefas permite que estes se envolvam, se liguem mais com os seus filhos.
31. I – Como tem sido a evolução de pai? P3 – A evolução foi sempre, foi sempre evolução epah, acho que considero normal, sempre tivemos um bom relacionamento, não tivemos muito atritos.	31. P3 concorda que tem ocorrido uma evolução no papel de pai. Essa evolução tem sido normal, com uma boa relação entre pai e filhos.
32. (...) acompanhei-os em todas as atividades que eles tinham de... jardim de infância, depois na escola, estando em todas as atividades que eles podiam fazer, acompanhava-os sempre nas atividades extracurriculares, de futebol, de ballet, de dança, de equitação, dessas coisas todas.	32. P3 considera que esteve sempre presente nas atividades dos filhos ao longo do desenvolvimento destes.
33. (...) a relação tem sido, foi... também se ganha muito com isso né, porque eles também sabem que estão ali com alguém que está, que está a apoia-los.	33. P3 considera que é importante o envolvimento dos pais nas atividades dos filhos, demonstrando-lhes que os apoiam.
34. Também trás bons ensinamentos para a vida, ao terem essas atividades, essas atividades ensinaram, essas atividades ensinaram a ser as pessoas que são hoje, responsáveis, atentas, simpáticas, educadas, principalmente educadas	34. P3 considera que as atividades que os filhos tiveram promoveram aprendizagens, ensinando-os a serem responsáveis, atentos, simpáticos e educados.
35. (...) cumprindo regras né, é uma parte importante, porque sem regras ... essa	35. P3 refere a importância do estabelecimento de regras ao longo do

<p>parte também tem sido muito importante, haver regras em casa, e regras ao longo do crescimento deles, que sem regras as coisas caem completamente no vazio, cada um faz o que quer e as coisas abalam-se.</p>	<p>desenvolvimento dos filhos. É fundamental haver regras em casa, para a boa convivência familiar.</p>
<p>36. I – Quer dizer que as regras ao longo do tempo são importantes. Como as regras vão evoluindo? P3 – A evolução das regras a... Agora quando ele tem trinta anos, não lhe posso dizer “vai-te deitar cedo”, quando ele andava na escola sim, agora ele é responsável, (...) mas são coisas que hoje em dia já não posso, já não tenho esse poder de dizer “vai-te deitar agora que amanhã tens isto para fazer”. Agora a...</p>	<p>36. P3 reconhece que as regras que se estabelecem aos filhos dependem da fase de desenvolvimento dos filhos. Quando os filhos são adultos, P3 considera que já não tem o direito de lhes estabelecer regras. Quando o filho era pequeno, o pai tinha o direito de o mandar deitar cedo, atualmente não tem o poder de manda-lo deitar cedo.</p>
<p>37. As bases foram lançadas, os ensinamentos que foram dados, e bem, agora cada um tem que se mexer e procurar um caminho, fazer uma escolha do que é melhor para ele, sempre na base da organização, do respeito pelos outros, e da pontualidade por exemplo, regras que para mim são fundamentais e que lhes transmitimos.</p>	<p>37. P3 considera que é importante ir transmitindo regras e ensinamentos aos filhos, dar-lhes as bases, para que no futuro, quando forem adultos e tomarem as suas próprias decisões, terem em conta os ensinamentos que lhes foram transmitidos.</p>
<p>38. I – Quer dizer que os pais transmitem regras e depois os filhos é que decidem como gerir a sua vida? P3 – Sim, hoje em dia, eah, coisa que respeito é o espaço de cada um né, a...as pessoas, cada uma tem o seu espaço, posso gostar muito de uma rapariga para ele namorar mas ele pode não gostar, portanto tenho que respeitar o espaço dele, e o espaço que é meu, quando escolhi a minha namorada também não lhe fui perguntar nada a ele, ele não era nascido né, mas se agora voltasse a escolher uma namorada também não lhe ia perguntar a opinião a ele, portanto acho que ele deve fazer a mesma coisa, ele tem um espaço e todos temos que respeitar o espaço de cada um né.</p>	<p>38. P3 considera que é fundamental respeitar o espaço dos filhos. P3 considera que os filhos têm poder nas suas decisões, e os pais têm que respeitar essas tomadas de decisão. Tanto os pais como os filhos têm que respeitar o espaço do outro.</p>
<p>39. I – Como a paternidade tem sido vivida ao longo da sua vida?</p>	<p>39. P3 percebe que ser pai é mais complicado atualmente do que quando foi filho.</p>

<p>P3 – a evolução... hoje em dia ser pai é diferente do que foi o meu pai, o meu pai, acho que foi mais fácil o meu pai ser pai para com os filhos dele, do que agora eu ser pai para com os meus filhos</p>	
<p>40. (...) porque as pessoas estão sempre insaciáveis com qualquer coisa, nunca se dão por satisfeitas, esse é o maior problema, a não satisfação pessoal das pessoas, às vezes a gente pensa que está tudo bem e vai a ver e há ali qualquer coisa que não está bem.</p>	<p>40. P3 refere que esta dificuldade se deve ao facto de haverem muitas oportunidades e os filhos não terem a capacidade de tomarem uma decisão. P3 considera que os filhos nunca estão satisfeitos com as suas decisões. Os pais consideram que está tudo bem, mas depois essa insatisfação dos filhos faz com que os filhos não estejam bem.</p>
<p>41. (...) enquanto o meu pai não tinha esse problema comigo, ele sabia que eu tinha aquilo e mais nada, não tinha mais nada. É a evolução dos tempos, é as muitas oportunidades que têm, e depois faz com que eles não sejam capazes de escolher, é capaz de isso ser um problema né.</p>	<p>41. P3 refere que quando era filho não haviam tantas oportunidades, daí considerar que o papel do seu pai era mais fácil do que o seu papel de pai.</p>
<p>42. I – E isso tem repercussões nos próprios pais? P3 – Sim, sem dúvida nenhuma. Nós pensamos que as coisas estão bem, esforçamo-nos para que, para que eles consigam aquilo que nós pensamos, não é aquilo que pensamos que é melhor para nós, isso já está fora de questão, isso... completamente já ultrapassei isso, já não me ponho a pensar “vai para este emprego que este emprego é que dá dinheiro”, não nada disso, já fora isso.</p>	<p>42. P3 considera que a insatisfação dos filhos tem repercussões nos próprios pais, pois pensam que os filhos tomaram decisões que os deixam felizes, mas depois isso não se verifica. P3 refere que os pais devem aceitar as escolhas dos filhos.</p>
<p>43. Acho que isso é um problema depois para nós, de vez em quando estamos a ouvir “não estou muito satisfeito aqui, não estou muito satisfeito alem”, quer dizer, acabamos por não perceber como é que foi a escolha, secalhar por isso é que acabei por dizer anteriormente, que há muitas oportunidades e depois as pessoas não conseguem escolher, acertar numa escolha né,</p>	<p>43. P3 reforça a ideia de que a insatisfação dos filhos a nível profissional afeta negativamente os pais.</p>
<p>44. (...) e o difícil é uma pessoa estar a fazer uma coisa que não gosta né, agora... (...) mas, se não se sentir realizado também defendo que é melhor abandonar</p>	<p>44. P3 defende que os filhos devem tomar outros rumos profissionais se não estão realizados nem satisfeitos com a atual ocupação profissional.</p>

<p>aquela ideia, e tentar outra coisa porque senão não vai dar mesmo.</p>	
<p>45. I – E os pais estão sempre preocupados com essas escolhas dos filhos? P3 – Sim, de vez em quando temos ali momentos mais leves quando pensamos que está tudo encaminhado mas às vezes surge qualquer conversa, isto não está bem, há aqui qualquer coisa que se está a passar, o fulano ou fulana ainda não vai ficar por aqui, ainda quer outra coisa, e isso tem-se passado comigo ao longo destes anos, ao longo da criação dos meus filhos isso tem acontecido muita vez.</p>	<p>45. P3 concorda que os pais estão sempre preocupados com as decisões dos filhos. Existem momentos mais calmos e tranquilos, mas P3 refere que depois existem momentos que os pais se apercebem que os seus filhos não estão felizes, que não estão satisfeitos. P3 refere que ao longo do seu papel como pai tem ocorrido muitas situações destas.</p>
<p>46. I – Como lida com essa situação? P3 – Tento... já lidei mais mal, já reagi muito negativamente, dizendo que as coisas não podem ser assim, e que temos que ter opção por um trabalho, ou por uma, por uma situação.</p>	<p>46. P3 considera que já respondeu negativamente às indecisões dos filhos, verbalizando que os filhos têm que tomar uma decisão.</p>
<p>47. Ultimamente já não quero saber, (...) eu agora já não me manifesto, “sim senhora é isto que quer fazer, faça”, peço sempre é que consigam arranjar uma situação de trabalho ou de ... que sejam autossuficientes</p>	<p>47. Atualmente P3 refere que já não manifesta a sua opinião relativamente às decisões dos filhos, apenas pede que as suas decisões os tornem economicamente autossuficientes.</p>
<p>48. (...) e às vezes vão por caminhos que a gente vê que aquilo não vai dar nada, mas também não podemos dizer “não vás por aí”, causa logo um bocadinho mau estar porque estamos a entrar no campo da outra pessoa e que a outra pessoa também tem direito a escolher, embora a gente possa pensar que é muito bom, ele pode pensar que é ruim, por isso tem que ser o caminho dele, e às vezes esses caminhos, umas vezes acerta-se e outras vezes não se acerta né.</p>	<p>48. Mesmo quando os pais percecionam que as escolhas dos filhos não são as melhores, P3 refere que não se manifesta para não gerar conflitos nem quebrar a liberdade e espaço dos filhos. P3 refere que são os filhos que têm que determinar o seu percurso, errando ou acertando.</p>
<p>49. Não quer que nós tenhamos sempre razão, os pais, mas muitas das vezes têm razão, muitas das vezes têm razão, embora algumas não tenham né, mas muitas têm.</p>	<p>49. P3 perceciona que os pais não têm sempre razão, mas a maioria das vezes têm.</p>
<p>50. Mas também não podemos é... fazer as nossas escolhas para eles, podemos sempre dar um conselho, se eles aceitam ou não, às vezes aceitam, outras vezes não aceitam...</p>	<p>50. P3 considera que os pais não podem determinar as escolhas dos filhos, mas podem aconselha-los a tomarem certas decisões, mas os filhos é que decidem se seguem ou não seguem o conselho.</p>

<p>51. por isso é que às vezes é mais difícil lidar com a situação quando nós estamos a ver que eles vão cair quase dentro de um abismo e eles continuarem a dar passos na direção de esse abismo</p>	<p>51. P3 considera que é difícil lidar com a situação quando percebem que os filhos tomaram uma má decisão e caminham para o “abismo”.</p>
<p>52. mas cada um só se sabe levantar depois de cair, se nunca cair nunca se chega a levantar, a minha questão já é essa, já não me preocupo também por causa disso, se eu tiver sempre com as mãos por baixo e nunca os deixar cair, nunca, nunca vão ser ninguém porque toda a gente cai, toda a gente se levanta, e só se aprende a levantar quem cai se não nunca se aprende a levantar.</p>	<p>52. P3 considera que como pai não deve estar sempre a proteger os filhos quando tomam más decisões, estes devem aprender com os seus próprios erros. P3 defende que os pais devem respeitar o espaço dos filhos e permitirem que estes errem e realizarem aprendizagens com as suas próprias decisões.</p>
<p>53. I – Ser pai também é deixar os filhos fazerem as próprias opções, mesmo quando não são as mais certas? P3 – Sim, acho que sim, sem dúvida nenhuma, isso é fundamental, esperemos, todos os pais esperam é que essas opções não durem muito tempo.</p>	<p>53. P3 refere novamente que o papel do pai também é permitir que os filhos tomem as suas próprias decisões, mesmo que não sejam as certas. P3 refere ainda que os pais desejam que as más decisões dos filhos não perdurem.</p>
<p>54. Às vezes até acabam por ser o contrário do que a gente pensa, não quer dizer que os pais estejam sempre certos, nem tenho esse... nem tenho essa presunção, de dizer que eu é que estou certo e que tu é que estás errado, não, dou o meu conselho “acho que não deve ser assim”, mas, se ele achar que é o contrário, e às vezes até se tem saído bem em algumas coisas, provando que às vezes eu estou errado e ele está certo, mas não... pronto, tem conseguido</p>	<p>54. P3 refere que os pais pensam que têm razão, mas por vezes os filhos não seguem os conselhos dos pais e conseguem tomar decisões adequadas, demonstrando aos pais que não seguir os seus conselhos não significa tomarem más decisões. P3 refere que aconselha os filhos, mas os filhos é que decidem o que fazer com os conselhos.</p>
<p>55. mas é sempre um problema para nós é esse, às vezes estarmos a ver que eles vão cair e eles não evitarem.</p>	<p>55. P3 refere que é difícil para os pais verem os filhos “caírem”/falharem.</p>
<p>56. I – Como tem sido o seu envolvimento com os seus filhos ao longo do tempo? P3 – Quando são mais pequenos o envolvimento é sempre maior, depois chega a uma altura, nesta fase que começam a ser maiores de idade, desde que cada um já saiba tomar as iniciativas que tem e já tenha feito as suas escolhas, eu acho que a partir daí o papel dos pais, o meu tem sido, tem sido mais afastado,</p>	<p>56. P3 considera que o envolvimento com os seus filhos diminui ao longo do desenvolvimento destes. Quando os filhos estão na fase da infância existe um maior envolvimento. Quando os filhos são adultos e têm capacidade para tomar as suas decisões, o papel dos pais é menos ativo, menos envolvido.</p>

<p>57. estando de olho né, naquilo que se faz, naquilo que estão a tentar fazer, sempre alerta para isso mas não não manifestando muito, deixando fazer, deixar acontecer, porque eles têm que, têm que fazer as suas escolhas, não adiante muito estar a dizer para não fazer.</p>	<p>57. Apesar de estar menos envolvido, P3 refere que está sempre atento às escolhas dos seus filhos, apesar de não se manifestar, dando liberdade de escolha aos seus filhos.</p>
<p>58. A minha perceção é esta, ao longo do tempo, fui mais, tive mais por dentro até uma certa idade, agora menos presente, mas estando presente, mas menos manifestando, manifestando menos a minha presença.</p>	<p>58. P3 refere que esteve mais envolvido, teve um papel mais ativo, até uma certa fase de desenvolvimento dos filhos. Atualmente, P3 refere que está menos envolvido nas decisões dos filhos, apesar de estar presente.</p>
<p>59. Nesta fase em que as escolhas já são mais profissionais, já são mais académicas, profissionais, já tem mais esse peso, em que só eles, a só eles diz respeito né, a mim já me diz muito menos respeito.</p>	<p>59. P3 refere que na fase adulta dos filhos, as escolhas destes são maioritariamente relacionadas com as escolhas profissionais, escolhas essas que não dizem respeito aos pais.</p>
<p>60. Agora diz-me mais respeito a atitude cívica deles, ter uma postura cívica correta né, bem com a comunidade, bem com os amigos, serem pessoas verdadeiras, não com falsidades, não se meterem por negócios esquisitos, não se meterem em caminhos de drogas ou de álcool, ou dessas coisas, esse é mais o ponto que me bate mais, os outros caminhos estou mais fora.</p>	<p>60. P3 refere que na fase adulta dos seus filhos, o seu papel é estar mais atento à atitude cívica dos filhos, à sua personalidade (se são pessoas verdadeiras) e aos seus comportamentos de risco.</p>
<p>61. Eles é que têm de decidir, olhando sempre à distância, mas dando também espaço que eles possam movimentarem-se sem precisarem tanto de mim né, esta fase agora tem sido assim.</p>	<p>61. P3 refere que apesar de estar sempre atento, permite que os filhos tenham a sua liberdade de escolha. Refere que a fase dos filhos adultos se caracteriza desta forma.</p>
<p>62. I – Quer dizer que ao longo do crescimento deles tem que haver um certo afastamento para eles terem também a sua liberdade? P3 – Sem dúvida nenhuma, isso é fundamental, porque senão ninguém consegue. Temos casos em que pessoas estão muito em cima, muito por cima, muito a pressionar e as pessoas nunca chegam a ser elas próprias, as pessoas têm que ser eles próprios, todas as pessoas são diferentes umas das outras, eu sou diferente dos meus filhos, sou diferente da</p>	<p>62. P3 percebe que ao longo do desenvolvimento dos filhos, tem que haver um afastamento pela parte dos pais, defendendo que tem que se respeitar o espaço de cada um, para que haja um bom convívio em família.</p>

minha mulher, mas cada um tem que ter o seu espaço, e tem que se respeitar o espaço de cada um, e só assim se consegue viver em família né	
63. porque se cada um começar a reclamar por isto ou por aquilo, pfff, há regras em casa que todos temos de cumprir, toda agente cumpre, depois cada um tem o seu espaço de trabalho, de divertimento, de ações cívicas que prezo.	63. P3 refere que apesar das regras que se têm que cumprir em casa, todos os elementos da família têm espaço para as suas atividades profissionais, de divertimento e cívicas.
64. I – É o dever dos pais inculcar essa cidadania? P3 – Eu acho que o dever dos pais deve ser esse, inculcar-lhes responsabilidades, para que eles sejam cidadãos ativos e cidadãos que participem na vida das comunidades.	64. P3 considera que os pais têm responsabilidade de inculcar nos filhos a cidadania, o civismo.
65. I – Numa frase, como caracteriza a paternidade? P3 – A paternidade caracteriza a... responsabilidade, sem dúvida, responsabilidade, é a palavra que mais que mais penso, responsabilidade, compreensão, é o... as palavras que ficam mais ... que definem melhor o que é ser pai, ser responsável, ser amável, ser prestável, ser cuidador, epah há aqui tantos adjetivos que se encaixa na paternidade	65. P3 considera que a responsabilidade e a compreensão são os conceitos que caracterizam melhor a paternidade. P3 considera que ser pai é ser responsável, ser cuidador.
66. mas a responsabilidade, ser responsável, porque se fores responsável também estás a inculcar responsabilidade, eu não te posso dar...	66. P3 considera que se se for um pai responsável, também transmite responsabilidade aos filhos.
67. Tu nunca podes focar o meu exemplo se eu não te dou esse exemplo, olha, digo-te “faz isto”, mas se eu não o fizer, se não me vires a fazer, tu nunca vais ser o exemplo que eu pretendo que sejas.	67. P3 considera que os pais devem dar o exemplo aos filhos para que estes sigam o seu modelo.
68. Portanto, se eu sou responsável, com certeza que te vou inculcar responsabilidade.	68. P3 refere que se for responsável, transmite responsabilidade aos filhos.
69. Responsabilidade, essencialmente, é a palavra que fica mais top.	69. P3 considera que a responsabilidade é a palavra que melhor caracteriza a paternidade.
70. I – O pai deseja ser o modelo para os filhos?	70. P3 considera que todos os pais desejam que os seus filhos os considerem um modelo, um herói. Ser modelo vai para

<p>P3 – Sim, acho que qualquer pai deseja ser modelo, independentemente da condição financeira, da condição de trabalho, independentemente de qualquer coisa, todos nós, penso eu, julgamos que os filhos nos vejam como uns heróis, um herói não é aquele que ganha muito, ou aquele que tem muita coisa, não, um herói é aquele que sabe aconselhar, herói é aquele que nós temos ali uma baliza, vamos direito aquela baliza, ali sabemos que não falha, aquilo é que é o nosso herói.</p>	<p>além das possibilidades monetárias e materiais, P3 refere que ser herói é aquele que é um bom conselheiro, que não falha.</p>
<p>71. Nós tentamos educar para isso, agora se às vezes conseguimos, não sei, eu quero acreditar que tenho, que tenho conseguido em muitos aspetos, mas noutros não sei, tenho falhado nalguma coisa.</p>	<p>71. P3 refere que os pais tentam educar para serem os modelos dos filhos, mas questiona se consegue ser o modelo dos filhos. P3 deseja acreditar que em diversas situações é o modelo dos filhos, mas se noutras situações não é, deve-se a alguma falha sua.</p>
<p>72. Tenho a minha consciência tranquila que fiz o que era possível fazer né, tentando educar sempre, ainda hoje continuo a educar, se aprendem ou não</p>	<p>72. P3 refere que tem a consciência tranquila, que tentou educar da melhor forma, e que o continua a fazer.</p>
<p>73. se me vêm como modelo, não sei, às vezes vêm [sorriso] outras vezes não vêm.</p>	<p>73. P3 questiona-se novamente se será o modelo dos filhos.</p>

Anexo E – Transformação das Unidades de Significado do Participante P4 em Expressões de Caráter Psicológico

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
1. I – O que é para si ser pai? P4 – Epah isso é uma pergunta, o que é para mim ser pai?	1. P4 demonstra dificuldade em responder à pergunta inicial da investigadora.
2. Foi uma coisa que aconteceu na minha vida que mudou a minha vida por completo né.	2. P4 considera que a paternidade mudou completamente a sua vida.
3. Eu já estava casado há sete anos, ahhhh nunca tínhamos pensado nisso, tínhamos uma vida que íamos para todo o lado sem responsabilidades nenhuma, sem nada, andávamos à vontade, íamos para todo o lado sem compromissos nenhuns, só eu e a minha mulher.	3. P4 considera que antes de ser pai, a sua vida era sem responsabilidades, sem compromissos, não haviam restrições de deslocações.
4. Agora... foi uma coisa que veio mudar a minha vida por completo, porque a partir do momento que a minha filha nasceu começamos a a estarmos mais dependentes para ela, e eu sempre tive uma coisa, não gostava de ir para lado nenhum sem a minha filha, e então, para onde quer que fosse a minha filha tinha que ir comigo, e pronto, mudou a minha vida nesse aspeto.	4. P4 considera que o nascimento da filha alterou a sua vida, tornando-se dependente desta. Considera que a sua vida começou a ser vivenciada em prole da filha. P4 refere que a sua filha sempre o acompanhou para onde quer que fosse.
5. Nem sei o que quer que eu lhe diga... o que é que eu hei de falar? [expressão de não saber o que dizer]	5. P4 demonstra dificuldade em exprimir o que é para si ser pai.
6. I – Fale-me um bocadinho como tem sido a sua vivência como pai. P4 – Boa [sorriso], é uma sensação que nós, pronto, falo por mim, quem é pai é que sabe, mas é uma coisa que não se consegue, que não se consegue explicar, é uma coisa, que pelo menos eu, não arranjo palavras para explicar. É uma coisa que, pronto... [riso nervoso] não sei o que hei de responder.	6. P4 refere que a sua vivência de pai tem sido positiva. P4 menciona que ser pai é uma vivência única (só quem é pais é que sabe), sendo inexplicável.
7. ahhh... como é que eu hei de dizer, é uma coisa que nos muda, que nos muda mesmo a nós, na nossa maneira de ser, ah muda.	P4 refere que a paternidade teve repercussões na sua maneira de ser, sentiu que mudou enquanto pessoa.
8. (...) porque nós não temos responsabilidades nenhuma, quer dizer,	8. P4 refere que antes de ser pai não tinha responsabilidades, reformulando que

temos sempre responsabilidades né, mas é uma coisa diferente, porquê?	tinha responsabilidades, mas não se comparavam às novas responsabilidades.
9. Porque aquela criatura que ali está, está dependente de nós, a partir do momento que ela nasce nós começamos a viver mais para ela do que propriamente para nós, acho que foi mesmo isso assim.	9. P4 considera que a partir do momento que a filha nasceu, a sua vida começou a ser vivida em função dela. A vida do P4 ficou dependente da filha.
10. Isto de ser pai tem altos e baixos, como é óbvio, tem momentos bons, tem momentos mais [eleva o tom]... menos bons, ahh mas no ponto geral é uma coisa, uma experiência boa.	10. P4 considera que a paternidade tem momentos positivos e momentos negativos, mas no geral é uma experiência positiva.
11. I – Como a paternidade vai mudando com o crescimento dos filhos? P4 – Como é que vai mudando? [riso nervoso] Sei lá, vai mudando de dia para dia, não há um dia que seja igual ao outro, portanto há sempre coisas novas.	11. P4 percebe que todos os dias da paternidade tem vivências diferentes, existem sempre novidades.
12. Obviamente quando ela era criança, a coisa que ela mais gostava era de estar sempre de água, ela sempre gostou muito de... de estar dentro de água, e eu gostava muito de tomar banho com ela, metia a água na banheira e brincávamos muita vez, e era capaz de lá estar com ela uma hora ou mais na água a brincar.	12. P4 refere que quando a filha estava na fase da infância, gostava de tomar banho e brincar com ela na água.
13. Obviamente que ali a partir de uma certa altura que isso já não acontece, ela neste momento já está numa fase que já tem a sua privacidade, obviamente eu tenho a minha privacidade, não faço o que fazia quando ela era mais pequenina, (...) já passou há muito tempo a idade de querer ter a sua privacidade que não tinha quando era pequenina né.	13. P3 considera que tem que respeitar a privacidade da filha, que começou a desejar a partir de uma certa fase.
14. Pronto, depois entrou para a escola, uma fase mais complicada porque sempre foi difícil fazê-la estudar, mas agora já é adulta e já está na Universidade, que também tem sido uma luta por causa do estudo.	14. P4 refere que a entrada da sua filha para a escola foi uma fase complicada, devido ao desinteresse que ela tinha. Atualmente a filha já frequenta a Universidade, mas também é uma fase complicada pelo desinteresse pelo estudo. Ao longo de desenvolvimento da filha foi sentindo diversas dificuldades.
15. [riso] É um dia de cada vez, é mesmo assim, mas é boa, a experiência é boa.	15. P4 considera que a vivência de ser pai é positiva, apesar das dificuldades experienciadas.

<p>16. I – Fale-me um bocadinho mais de como a paternidade se vai transformando com o crescimento da sua filha.</p> <p>P4 – Nem como hei de responder a isto [pausa]. Quando ela é pequenina é uma coisa, agora ela é maior é diferente né, ahhhh, mas diferente em que aspeto? Ela agora anda na Universidade e antes não andava, portanto, ela tem o dia ocupado e eu também tenho o dia ocupado, à noite pronto, estamos em casa, normal.</p>	<p>16. P4 refere que a paternidade se vai transformando tendo em conta o desenvolvimento da filha. P4 demonstra que o envolvimento com a filha tem diminuindo ao longo do desenvolvimento desta, pois apesar de P4 ter o dia ocupado, a filha também o tem, em que a convivência diária apenas ocorre à noite.</p>
<p>17. Eu não sei o que dizer [riso], há coisas que ela comigo não fala, fala mais com a mãe, tem mais, mais à vontade para falar com a mãe, de certas coisas, que surgem na Universidade, no dia a dia dela, que ela desabafa mais com a mãe, não comigo, acho que isso é normal, as filhas falarem mais com as mães do que com os pais, mas tirando isso.</p>	<p>17. P4 refere que a filha desabafa mais com a mãe do que consigo, considerando isso normal. P4 considera que é normal as filhas desabafarem mais com as mães devido à identificação de género.</p>
<p>18. I – Como lida com isso?</p> <p>P4 – Acho perfeitamente normal, obviamente sei, depois sei que a mãe me vem contar, passou-se isto ou passou-se aquilo ou ela está com este problema ou ela está com aquele problema, mas acho normal ela falar mais com a mãe do que com o pai, acho perfeitamente normal, secalhar se fosse um filho desabafava mais comigo do que com ela, não sei, (...) acho que é normal ela falar mais com a mãe do que propriamente comigo né, são assuntos de mulher.</p>	<p>18. P4 considera novamente que é normal a filha desabafar mais com a mãe do que consigo, por questões de género. P4 percebe que se tivesse um filho, este iria desabafar mais consigo do que com a mãe.</p>
<p>19. I – Como vive a paternidade ao longo do seu crescimento?</p> <p>P4 – [riso nervoso] faz-me com cada pergunta que eu nem sei o que responder.</p>	<p>19. P4 demonstra nervosismo, não sabe como responder à pergunta da investigadora.</p>
<p>20. Acho que sinto a paternidade, é uma coisa a... como é que eu hei de explicar, nem lhe sei explicar [expressão de não saber o que dizer], é uma coisa que a gente sente, que é nossa, pffff, faltam-me as palavras nem sei como hei de explicar isto.</p>	<p>20. P4 tem dificuldade em expressar os seus sentimentos. P4 refere que os sentimentos que sente ao ser pai são pessoais, havendo dificuldade em exprimi-los.</p>
<p>21. ahhh... vivo um bocadinho a paternidade em função dela, obviamente, ahhh, eu preciso comprar uns sapatos e ela precisa de comprar uns sapatos, se eu tiver</p>	<p>21. P4 refere que vive a paternidade, a sua vida em função da filha. A filha é a sua prioridade, satisfazendo primeiro as</p>

que optar só por um, opto pelo dela e não opto pelo meu, e é assim basicamente.	necessidades dela em vez das suas próprias necessidades.
22. Nós vivemos mais para eles do que propriamente para nós, eles pertencem-nos entre aspas né, como se costuma dizer, mas fomos nós que os pusemos cá neste mundo, e se nós os pudermos ajudar e dar-lhes a eles o que eles precisam, nós damos-lhes a eles e não ficamos para nós, acho que seja assim.	22. P4 refere que os pais vivem em prole dos filhos, visto que os filhos lhes “pertencem”. P4 refere que os pais devem ajudar os filhos, dando-lhes os recursos que necessitam, satisfazendo as necessidades dos filhos.
23. Não é dar tudo ao filho, nós também precisamos, nós também temos a nossa vida, também gosto de beber um cafezinho, gosto de fumar um cigarro e faço isso tudo, ahhh... não é bem bem bem [tom mais alto] dar-lhes tudo a ele e nós ficarmos sem nada, mas vivermos mais para eles do que propriamente para nós, ... acho eu que seja assim.	23. P4 refere que a vida dos pais é própria e distinta da vida dos filhos. Apesar de P4 considerar importante realizar as suas atividades, este refere que os pais vivem mais em função dos filhos do que em função dos próprios.
24. I – Como a vida se transformou com o nascimento da sua filha? P4 – Sim, transformou-se totalmente, porque passámos a viver mais em função dela do que propriamente em nossa função.	24. P4 reforça novamente que a sua vida se transformou, vivendo em prole da filha.
25. Eu tenho o meu trabalho, continuei a trabalhar tal e qual como trabalhava até ali, mas em casa muda as rotinas como é normal, e ela foi uma criança que quando nasceu a mãe dela trabalhava num sítio em que às vezes saía à noite, e eu saía do trabalho e ia busca-la à da minha sogra, levava-a para casa, eu é que lhe dava banho, eu é que lhe dava de comer, e isso assim, desde pequenininha, mas chegou a uma certa altura que ela começou a estar maiorzinha, já não é preciso dar-lhe banho que ela já toma banho sozinha [sorriso].	25. P4 refere que as rotinas mudaram com o nascimento da filha. P4 participou nos cuidados e na criação da filha, dando-lhe banho, alimentando-a e os cuidados que necessitasse. À noite P4 realizava mais esses cuidados que a mãe. Ao longo do desenvolvimento da filha, os cuidados prestados pelo próprio mudaram.
26. Mas pronto, mas muda, muda as nossas rotinas, agora estar a especificar as rotinas é complicado, porque isto é coisas que vão, a gente nem se apercebe bem, a mudança que isso provoca, eu lembro-me perfeitamente da mudança que provocou mais na altura que ela nasceu, do que propriamente a partir de uma certa altura que ela começa a não estar tão dependente,	26. P4 refere que a vida muda com o nascimento de um filho, que as rotinas mudam. Contudo, P4 refere as mudanças que ocorrem ao longo da paternidade não são tão percecionadas como as mudanças que ocorreram na transição para a paternidade. Considera que as mudanças que ocorrem com o nascimento de um filho são mais marcantes que o resto das

<p>começa já a fazer as coisinhas dela, que é normal, nota-se mais, acho eu, na altura que ela é pequenina que mais necessidades tem, do que propriamente a partir de uma certa idade que já começa a fazer as coisas dela.</p>	<p>mudanças que ocorrem ao longo do processo da paternidade. P4 considera que isso se deve ao facto da filha se tornar menos dependente dos pais e quando estava na fase de infância era mais dependente, tendo mais necessidades.</p>
<p>27. I – Como é ser pai dessa criança que começa a fazer as coisas sozinha? P4 – [sorriso] a gente gosta de ver, é bom, a gente gosta de ver, ela está a caminhar por ela.</p>	<p>27. P4 refere que gosta de perceber a filha a desenvolver-se, a crescer.</p>
<p>28. Ahh, às vezes e... depois os pais são um bocado exigentes, querem sempre mais, mais, “ah tu fazes assim mas podias fazer assim que era melhor, e tens capacidade para isso” e vamos acompanhando o dia a dia assim, mas a gente quer sempre mais qualquer coisa, mas, mas é bom.</p>	<p>28. P4 refere que os pais são exigentes porque confiam nas capacidades dos filhos e consideram que estes podem fazer sempre melhor.</p>
<p>29. I – Querem mais? P4 – Gostava que ela tivesse sido mais aplicada na escola, que fosse mais aplicada na Universidade, porque vejo que ela tem capacidades para mais, mas nunca [tom afirmativo] lhe exigi nem nunca lhe pedi que fosse excelente, mas é lógico que gostava que ela tivesse mais notas, que ela se aplicasse um bocadinho mais (...)</p>	<p>29. P4 refere que gostava que a sua filha fosse mais aplicada a nível escolar/académico, visto que considera que esta tem capacidades para mais.</p>
<p>30. I – Isso também o afeta? P4 – Sim, afeta, como todos os pais gostam de ver os filhos bem.</p>	<p>30. P4 percebe que o desinteresse escolar da filha o afeta, uma vez que lhe deseja o melhor.</p>
<p>31. (...) e já lhe tenho dito isso várias vezes, não queria que ela passasse pelo mesmo que eu passo e a mãe, que é trabalhos de, de segunda categoria vá, como se costuma dizer, podia ter um futuro melhor mas para ter um futuro melhor ela tem que trabalhar para isso, e se ela não trabalhar para isso eu não consigo ahh fazer ela lá chegar, (...) e obviamente desejo que ela tenha um futuro bom, e é isso que eu quero para ela, se ela puder ser doutora, não quero que ela seja uma empregada de caixa num supermercado, é um trabalho como outro qualquer como é óbvio, mas preferia que ela tivesse um trabalho melhor do que um</p>	<p>31. P4 refere que deseja que a filha tenha a melhor vida possível (o melhor emprego), mas defende que é a filha que tem que lutar pelo seu futuro, que é algo que depende apenas dela. Por muito que os pais desejem ajudar os filhos, existem tarefas que são exclusivas dos filhos.</p>

<p>trabalho pior, é só por isso, eu acho que ela também reconhece isso, senão não tinha ido para a Universidade, mesmo nunca ter gostado de estudar né.</p>	
<p>32. I – Como tem sido o envolvimento com a sua filha ao longo do tempo? P4 – [silêncio] I – Estou-me a fazer perceber? P4 – Eu estou a perceber mas nem sei como lhe hei de responder [riso nervoso]. Eu saio de casa cedo todos os dias, chego a casa tarde todos os dias. Portanto, o que é que eu posso fazer com ela nesse espaço? Pouco ou nada.</p>	<p>32. P4 demonstra que a ocupação profissional afeta o envolvimento com a sua filha. P4 refere que no seu dia a dia não realiza atividades com a sua filha, devido à sua chegada tardia a casa.</p>
<p>33. Quando ela era pequenina nós tomávamos banho juntos, brincávamos muito, hoje em dia não tenho tempo para isso, quer dizer, nem tenho tempo para isso, pronto também estamos numa situação diferente, chegamos a casa tarde todos os dias, não temos grande espaço de manobra para isso, e ela já tem as coisas dela, prefere estar a fazer as coisas dela, no computador, fazer trabalhos, falar com os amigos dela, já não tem propriamente a disponibilidade, eu também não tenho, sinceramente, estar a dizer que é só dela, não é dela, é dela e de mim, também não tenho, chego a casa quero é tomar banho, jantar e tenho pouco tempo para pouco mais que isso, a seguir vou-me deitar, e no outro dia é outro dia, e basicamente os dias são todos assim.</p>	<p>33. P4 demonstra que as atividades que os pais realizam com os filhos mudam com o desenvolvimento dos mesmos. Quando a filha estava na fase da infância, P4 tomava banho com ela, brincava com ela, atualmente não tem tempo nem disponibilidade para realizar atividades com a filha, devido à carga horária da sua profissão. Para além disso, P4 também refere que a sua filha prefere realizar as suas atividades, e o próprio P4 também não tem disponibilidade para realizar atividades com ela, quando chega a casa prefere jantar, tomar banho e dormir.</p>
<p>34. (...) fazer coisas com ela em conjunto só se for um passeiozinho de vez em quando e pouco mais.</p>	<p>34. P4 refere que passear poderá ser a única atividade que atualmente realiza com a filha.</p>
<p>35. Ela quer a privacidade dela e eu respeito isso.</p>	<p>35. A partir de uma certa fase de desenvolvimento, os filhos desejam a sua privacidade, e P4 refere que respeita essa privacidade que a filha deseja.</p>
<p>36. I – Quer dizer que é difícil devido à rotina que tem? P4 – Exatamente, eu gostava de ter muito mais tempo para isso, e, e... poder fazer tudo e mais alguma coisa [tom mais alto], olha, fazer umas caminhadas, mais que não fosse dar uns passeios, era o que mais</p>	<p>36. P4 refere que desejava estar mais envolvido com a sua filha, gostava então de realizar mais atividades com ela, como por exemplo, caminhadas, passeios. P4 refere que não tem disponibilidade temporal para estar envolvido com a sua filha.</p>

<p>gostava, mas não tenho tempo para isso, nem tempo nem vida para isso, a questão é essa.</p>	
<p>37. I – A vida profissional afeta a paternidade? P4 – Normal né, nós temos a vida preenchida, dias completamente preenchidos, é difícil chegarmos a casa e, infelizmente, termos tempo para tudo e mais alguma coisa, não posso dizer que tenho porque não tenho, porque tenho uma... carga horária de trabalho muito elevada, que saio de casa às sete, sete e meia da manhã todos os dias, chego a casa todos os dias oito, nove, conforme, portanto o espaço de manobra que tenho é muito pouco, tanto para ela como para mim né. E isto afeta, porque por muito que queira fazer coisas com ela, não tenho tempo para isso. Não tenho tempo para mais. (...) é todos os dias assim, basicamente.</p>	<p>37. P4 refere que a sua ocupação profissional afeta a paternidade, diminuindo o seu envolvimento com a filha. A sua rotina diária não permite que P4 faça mais atividades com a filha. P4 demonstra tristeza ao não ter oportunidade para estar mais envolvido com a sua filha.</p>
<p>38. (...) eu lembro-me mais quando ela era mais pequenina e estava mais dependente de mim não é, porque não conseguia tomar banho, não se conseguia vestir, eu é que tinha que lhe fazer isso (...) mas a partir de uma certa altura ela começa a ter uma idade diferente, já começa a fazer as coisinhas dela, começa a estar mais independente, e agora que ela é adulta e está mais dependente dela (...)</p>	<p>38. P4 refere que tem mais memórias de quando a filha estava na fase da infância do que o resto do seu desenvolvimento. P4 recorda-se quando a sua filha era pequena e estava totalmente dependente dos pais para o seu cuidado. Quando a sua filha se desenvolveu tornou-se independente, realizando as suas próprias tarefas.</p>
<p>39. Por exemplo, ela agora tem pensado em ir para a Coreia, eu nem posso pensar de ela ia para a Coreia, fica tão longe né [expressão triste], sem saber falar a línguas deles. Eu só quero que ela seja feliz, e se ir para a Coreia é ir atrás da felicidade, eu apoio-a, mas é tão difícil pensar nisso, ir para tão longe sozinha e nós ficarmos cá, eu e a mãe.</p>	<p>39. P4 demonstra que os pais sofrem com as decisões dos filhos. Neste caso, P4 refere que sofre pela possível ida da filha para a Coreia. Contudo, P4 apenas deseja que a sua filha seja feliz, e se essa felicidade estiver dependente da sua ida para a Coreia, que apoia a sua filha.</p>
<p>40. O coração de um pai sofre com estas coisas né, mas o que podemos fazer né?</p>	<p>40. P4 refere que os pais sofrem com as escolhas dos filhos.</p>
<p>41. Ela já é grande, já pensa por ela, já tem as ideias dela.</p>	<p>41. P4 refere que a filha adulta já tem a sua personalidade e gostos próprios.</p>

42. Eu só quero que ela seja feliz, e se ir para a Coreia é ir atrás da felicidade, eu apoio-a	42. P4 refere que apenas deseja que a sua filha seja feliz, independentemente das escolhas que faça.
43. Um pai está sempre preocupado com o filho né, independentemente da idade que tenha né, e isso não vai mudar, acho eu.	43. P4 refere que os pais estão constantemente preocupados com os filhos, independentemente da idade que estes tenham.
44. Ela cá ainda é tão dependente de nós, apesar de já ser adulta, e ir para lá sozinha, é difícil né, mas secalhar até lhe fazia bem, tornava-se mais desenrascada, mais independente, mas os pais gostam de ter sempre os filhos por perto né, pelo menos é o que acho.	44. P4 percebe que os pais gostam de ter os filhos fisicamente presentes. P4 até considera que a ida da sua filha para a Coreia poderia ter repercussões positivas na sua filha, tornando-a mais desenrascada.
45. (...) os dias são todos diferentes, embora sejam iguais, os dias são todos diferentes, há sempre coisas novas, coisas diferentes	45. P4 percebe que ao longo do desenvolvimento da filha todos os dias são diferentes, apesar de se basearem na mesma rotina, existem sempre pormenores novos.
46. mas no geral, são pormenores que nós nem ligamos muito a isso, vamos acompanhando o dia a dia mas não vamos reparando nesse tipo de pormenores.	46. P4 refere que acompanha a filha, mas não percebe os pormenores que vão surgindo todos os dias.
47. I – Como se fosse automático? P4 – É, é que é mesmo assim, parece que se liga o piloto automático e aquilo anda não é [riso], mas é mesmo assim. Acho que ser pai é ter este piloto automático, basicamente acho que sim. É um piloto automático que se mete e quando damos por nós ela já é adulta, como é o caso, ela já é adulta, mas passou tão depressa, eu ainda a vejo como a minha menina, eu sei que já é adulta né, mas sempre será a minha menina	47. P4 percebe que o seu papel como pai acontece de forma natural, de forma automática. P4 percebe que o desenvolvimento da filha ocorreu de forma automática, de forma rápida. P4 percebe que o tempo passou depressa e sem notar a sua filha já era adulta. Apesar da sua filha ser adulta, considera-a ainda uma menina.
48. mas isso não implica uma coisa, eu vou preocupar-me com ela sempre, independentemente da idade que ela tenha, e sempre que ela precisar eu vou estar aqui.	48. P4 refere que sempre se irá preocupar com a sua filha, independentemente da idade que esta tenha. P4 também refere que sempre estará disponível para ajudar a sua filha.
49. Epah, como hei de explicar... a minha filha é a coisa mais importante da minha vida, um dia quando tiver filhos vai perceber.	49. P4 refere que o mais importante da sua vida é a filha.
50. Pergunta o que é ser pai, mas nem há palavras para explicar, percebe? É uma	50. P4 refere que a vivência de ser pai é inexplicável, pessoal, idiossincrática.

<p>coisa tão nossa, tão forte que não se consegue explicar.</p>	
<p>51. I – Sente que o facto de ser pai o fez mudar como pessoa? Que aprendeu com isso?</p> <p>P4 – Ai mudei mudei mudei, mudei muito, eu sempre fui uma pessoa que fervia em pouca água, ahh, era a coisa que mais detestava, ainda hoje detesto, só que hoje tolero, antes não tolerava, ou seja, eu via qualquer coisa, se eu não concordasse com aquilo que estavam a fazer, eu diz, eu intervinha “epah isso não se faz assim, faz assado [tom mais alto]”, hoje em dia já não o faço, e... acho que foi desde o nascimento da G. que isso aconteceu, (...) e hoje em dia já o faço, hoje em dia dizem-me “faz assim”, eu não concordo com aquilo mas estão a mandar fazer, estou-me a chatear porquê, vamos fazer assim e pronto, tolero, às vezes fico a ferver por dentro [tom mais alto], com vontade é de responder, mas tolero, e na altura, antes de ela nascer não tolerava.</p>	<p>51. P4 refere que a paternidade o fez mudar como pessoa. P4 refere que antes da sua filha nascer não era tolerante com diversas situações que considerava erradas, respondendo agressivamente, atualmente já tolera essas situações. P4 pode considerar que tem razão, mas tolera a situação. P4 refere mesmo que sente que foi o nascimento da filha que o tornou tolerante.</p>
<p>52. I – Sente que foi a paternidade que fez isso?</p> <p>P4 – Sim acho que sim, porque eu não era tão tolerante como sou hoje em dia.</p>	<p>52. P4 reforça que foi a paternidade que o tornou tolerante.</p>
<p>53. I – O que a paternidade mudou mais em si?</p> <p>P4 – Acho que foi isso, a tolerância que tinha, que tenho, que dantes não tinha, e que hoje em dia já tenho, mas secalhar pode ter a ver com a idade, pode ter a ver com o nascimento dela.</p>	<p>53. P4 questiona se foi a paternidade ou o crescimento pessoal que o tornaram tolerante.</p>
<p>54. Mas pronto, com o nascimento de um filho, há coisas que nós temos que começar a fazer de maneira diferente, e acho que isso aconteceu comigo, comecei a tolerar as coisas que não tolerava antes dela existir, agora tirando o resto.</p>	<p>54. P4 refere que a paternidade requer mudanças nos pais, e a mudança na tolerância foi uma delas. P4 subtilmente refere que o nascimento de um filho faz com que os pais sigam diferentes trajetórias de vida, tendo que fazer mudanças pessoais.</p>
<p>55. I – Tirando a tolerância acha que mudou mais alguma coisas?</p> <p>P4 – Acho que não, sinceramente, acho que sou a mesma pessoa que era, brincalhão, gosto de brincar e coiso, isso</p>	<p>55. P4 refere que o nascimento da filha apenas mudou a sua tolerância, considerando que a sua personalidade se manteve, sendo brincalhão.</p>

<p>manteve-se igual, em termos de tolerância é que mudou completamente [riso] a minha maneira de ser.</p>	
<p>56. I – e sente que foi graças à paternidade P4 – sim, eu acho que sim, lá está, isto pode, pode também ter a ver com a idade né, eu fui pai com 30 anos, já não era nenhum gaiato mas pronto, tinha 30 anos quando fui pai, também poderá [tom mais alto] ser derivado à idade né, ter-se a idade e começar-se a tolerar as coisas de maneira diferente, chegarmos à conclusão que secalhar não vale a pena estarmos com grandes coisas, (...) ahhh, mas pronto, não sei se foi a idade se foi o nascimento dela, mas eu acho que foi mais o nascimento dela, sim, mudou um bocadinho a minha maneira de ser.</p>	<p>56. P4 questiona-se novamente se foi o seu próprio desenvolvimento/crescimento ou a paternidade que o tornaram tolerante, chegando novamente à conclusão que foi a paternidade que o tornou mais tolerante, referindo que o nascimento da filha mudou um pouco a sua personalidade.</p>
<p>57. Eu acho que foi o nascimento dela porque quando se tem um filho tem que, que se ceder em algumas coisas, temos que ser mais tolerantes com eles, e o facto de ter que ser tolerante com a minha filha, acho que aprendi a ser também com as outras pessoas, por isso é que acho que foi o nascimento dela que me tornou mais tolerante, porque ser pai é ter muita paciência e ser tolerante, porque há vezes que ela me tira do sério, mas tenho que me controlar né, é a minha filha, e só queremos estar bem com os nossos filhos.</p>	<p>57. P4 refere que os pais têm que fazer mudanças com o nascimento de um filho. Neste caso específico, P4 refere que com o nascimento de um filho tem que se ceder, tem que se ter paciência, tem que se ser tolerante, e o facto de ser tolerante com a filha poderá ter alastrado essa tolerância para o meio envolvente. Estes aspetos são importantes na paternidade porque usa estes mecanismos para não gerar conflitos com a filha, visto que apenas que estar bem com ela.</p>
<p>58. I – sente que mudou mais alguma coisa? P4 – as rotinas, dantes éramos só dois a dormir na cama, e a partir de uma certa altura começamos a ser três, [risos] ela tinha esse defeito quando era pequenina, mas a culpa também é sempre dos pais né, ahhh, mas é... às vezes é o facilitismo (...) e pronto, era mais fácil é um facto, ela dormiu connosco, sei lá, até aos quatro, três anos e tal, quatro, era mais fácil, é um facto, era mais fácil [tom mais alto] a gente deixarmos ali no nosso meio, ela deixava-se dormir logo e dormia a noite toda, dormíamos a gente mais mal [risos],</p>	<p>58. P4 refere que as rotinas mudaram, focando principalmente na rotina noturna. P4 refere que antes de ter a sua filha, eram apenas duas pessoas a dormir na cama, depois passaram a ser três. P4 refere que esse facto se deveu ao facilitismo, em vez de passarem muito tempo a adormecer a filha no seu berço, os pais deixavam-na dormir na sua cama, dormindo a noite inteira. P4 refere que essa rotina de dormirem os três na cama decorreu até aos quatro anos da filha. P4 reforça novamente que o nascimento de um filho muda bastante as rotinas.</p>

<p>mas ela dormia que nem um anjinho, do que estar ali de briga com ela uma hora ou duas para a amagar para a meter na cama dela né, por isso muda as rotinas e bastante [risos].</p>	
<p>59. Porque os filhos fazem parte da nossa vida, a partir do momento que nascem né, isto é, como lhe disse à bocado, a gente quando não tem filhos, a gente vai para ali, vai para aqui, passear sem responsabilidades nenhuma, somos só nós, não temos mais ninguém [tom mais alto] com que nos preocupar, a partir do momento que eles nascem é diferente.</p>	<p>59. P4 refere que o nascimento de um filho acarreta muita responsabilidade. Antes de ser pai, P4 refere que fazia a sua vida sem responsabilidades, sem preocupações, mas a partir do momento que foi pai, isso muda, tendo mais responsabilidades e preocupações pelo filho que nasceu.</p>
<p>60. Portanto, somos nós mais eles, e neste caso até é mais um bocadinho ao contrário, eles mais nós [risos], porque passamos a viver mais para eles do que para nós, primeiro eles e depois nós.</p>	<p>60. P4 refere que a filha é a sua prioridade, e que a sua vida se tornou dependente dela, passando a viver mais para ela do que propriamente para si.</p>
<p>61. Independentemente [tom mais alto] de às vezes termos as nossas tricas, “devias fazer assim, fazer assado”, “podias ser melhor”, mas são os nossos filhos né, são os mais lindos do mundo, não há um filho tão lindo como o nosso, independentemente de ele ser feio [risos], é nosso, é a realidade, mas é nosso, para nós é sempre o mais bonito.</p>	<p>61. P4 refere que independentemente dos conflitos que possam surgir entre si e a sua filha, percebe que a sua filha é a melhor filha do mundo, mesmo que não seja. P4 enfatiza o sentido de pertença que se sente por um filho.</p>
<p>62. Agora viver sem ela, sinceramente não sei, não faço ideia.</p>	<p>62. P4 não se imagina a viver sem a sua filha.</p>
<p>63. Acredito que não seja fácil para um pai que tem um filho e perde um filho, deve ser... isto é, imaginando, que é mesmo assim, ah não deve ser fácil ah, um pai ultrapassar a morte de um filho, não é, deve ser das coisas mais difíceis, e isto ... quem fala como sendo pai e perder um filho, deve ser a coisa mais difícil que há no mundo, por isso imaginar a viver sem eles não deve ser fácil, sinceramente.</p>	<p>63. P4 percebe que a perda de um filho deverá ser a pior dor que poderá sentir.</p>
<p>64. Porque eles são o melhor da vida, independentemente de serem maus, serem bons, mas é o melhor da vida.</p>	<p>64. P4 refere que os filhos são o melhor da vida dos pais, independente da sua personalidade.</p>
<p>65. A paternidade para mim foi a maior alegria que tive na vida.</p>	<p>65. P4 refere que ser pai é a vivência mais feliz da sua vida.</p>

Anexo F – Transformação das Unidades de Significado do Participante P5 em Expressões de Caráter Psicológico

Unidades de Significado	Unidades de Significado Psicológico
1. I – O que é para si ser pai? P5 – Ser pai pfff é uma das maiores dádivas que podemos ter.	1. P5 considera que ser pai é das melhores vivências que se pode ter.
2. Podemos ao fim ao cabo dar continuidade às famílias	2. P5 refere que ser pai é dar continuidade às famílias/ gerações (generatividade).
3. e sem dúvida é uma grande alegria ser pai.	3. P5 refere que ser pai é uma grande alegria.
4. I – Como tem sido a sua vivência de ser pai? P5 – De altos e baixos.	4. P5 refere que a vivência de ser pai tem momentos positivos e momentos negativos.
5. (...) a fase de criança tem-se uma vivência, a adolescência outra, eles atingem ... em adultos, começa a ser totalmente diferente, cada uma à sua maneira, mas todas elas com altos e baixos.	5. P5 refere que as vivências da paternidade variam com a fase de desenvolvimento dos filhos. Mas P5 refere que todas as fases têm momentos positivos e negativos.
6. I – Como tem sido essa vivência ao longo das fases? P5 – Primeiro foi o T., o mais velho, que atualmente tem 31, trabalhávamos fora, era mais complicado fazermos um acompanhamento na parte em que ele era mais criança, sempre que possível estávamos com ele, os outros já foi um pouco diferente, já estávamos mais presentes, já éramos pais mais presentes, no meu caso, pai mais presente, ahhh portanto em crianças.	6. P5 refere que o envolvimento em criança com o filho T. foi menor que o envolvimento com os outros dois filhos. Mas P5 refere que sempre que possível estava presente.
7. Na adolescência epah tentamos ahhhh ir ao encontro dos ideais deles e das ideias deles, nem sempre, há proibições que têm que ser feitas e nem sempre se pode fazer as vontades todas, mas sempre tentando, na medida do possível, ir ao agrado deles e à vontade deles.	7. P5 refere que na adolescência tentava ir ao encontro das ideias e dos gostos dos filhos, havendo proibições sempre que necessário.
8. I – Quando os filhos crescem é preciso ir mais ao encontro deles? P5 – Sim, ah e depois depende de cada criança e de cada feito de cada um, uns são mais irreverentes, outros são mais meigos, outros são mais extrovertidos, não	8. P5 demonstra que é necessário que os pais se adaptem aos diferentes filhos, visto que são pessoas diferentes, com personalidades diferentes.

quer dizer que se goste mais de uns ou outros	
9. tem é que se tratar de maneira diferente para conseguirmos atingir os objetivos que achamos que são os melhores para eles.	9. P5 refere que é necessário adaptar aos filhos para se atingir os objetivos que consideram melhores.
10. I – Como foi então a vivência de três filhos com personalidades diferentes? P5 – Por incrível que pareça a personalidade deles, do mais velho e da mais nova, são muito muito parecidas, o D. que é o do meio, sempre foi mais reservado, (...), enquanto os outros são mais extrovertidos, gostam mais de festas, e de brincadeiras, enquanto o do meio não, o D. é mais estudar, leituras, portanto, tudo isso, são um pouco diferentes nesse sentido.	10. P5 refere que o T. e a H. têm personalidades parecidas, são extrovertidos, gostam de ir a festas, enquanto o D. é mais reservado e tem gostos diferentes, tais como a leitura.
11. I – E como tem sido o seu envolvimento com os seus filhos ao longo do desenvolvimento deles? P5 – Sempre que possível participamos em atividades que eles ... por exemplo na escola, no infantário, sempre que podíamos estar presentes estávamos sempre presentes em tudo aquilo que eles se dispunham a fazer e faziam e atividades que eles fizessem, fazíamos o possível para estarmos presentes, mas isso de todos.	11. P5 refere que tentava e tenta sempre estar presente nas atividades dos três filhos.
12. Tivemos a felicidade de pertencer, eu no meu caso, de pertencer a um movimento, que é o Corpo Nacional de Escutas, que logo à partida convivíamos sempre, embora fosse de semana em casa e ao fim de semana tínhamos sempre um acompanhamento mais ligado a eles, a eles e a outras crianças, ahhh ... isso na parte em crianças.	12. P5 refere na fase da infância acompanhava regularmente os seus filhos, tanto em casa, como no movimento Corpo Nacional de Escutas.
13. Na adolescência é a mesma coisa, sempre que possível estávamos sempre presentes, em tudo o que seja atividades deles.	13. P5 refere que na adolescência tentava estar sempre presente nas atividades dos filhos.
14. Acho que faz muita falta e as crianças notam muito quando os familiares mais chegados não estão presentes nessas situações, ahhhh sentem que têm apoio e	14. P5 percebe que é importante a presença dos pais nas atividades dos filhos, até porque as crianças sentem a

epah e gostam de ter, todas as crianças gostam os familiares em situações dessas.	falta dos pais nessas atividades, gostando que estivessem presentes.
15. depois em adultos, a mesma coisa, quer dizer, se eles têm uma festa, organizam uma festa, se convidam, fazemos sempre os possíveis para estar presentes.	15. P5 refere que também tenta estar presente nas atividades dos filhos adultos. Se o convidam, P5 tenta estar presente.
16. Temos o hábito também cá em casa que é, salvo raras exceções, ao Domingo, mesmo depois já de adultos, fazemos sempre os possíveis ao Domingo ao almoço juntarmos a família toda, ahhh isso é um hábito que se criou desde que o T. saiu de casa já há alguns anos, e tem-se mantido, salvo raras exceções, almoçamos sempre ao Domingo, pelo menos o Domingo consideramos o dia da família e o almoço é todos juntos.	16. P5 refere que se tornou rotina almoçar ao Domingo com a sua família completa, salvo raras exceções. Desde que o seu filho mais velho saiu de casa se realiza esta rotina. Existe envolvimento com os filhos adultos.
17. Ahhh tanto no trabalho deles, no caso do D. que já está a trabalhar, do T. que tem a profissão dele e a empresa dele, ah fazemos também sempre os possíveis para poder ajudar na medida do possível, estar sempre presentes.	17. P5 refere que tenta ajudar os filhos profissionalmente sempre que possível. P5 também refere que tenta estar presente sempre que possível.
18. (...) dar conselhos que ... quando entendemos que devemos dar, sempre que somos solicitados a dar algum parecer sobre alguma coisa.	18. P5 refere que dá conselhos aos seus filhos quando considera que é pertinente ou quando é solicitado para os dar.
19. Estamos sempre dispostos e ajudamos na medida do possível.	19. P5 refere que está sempre disponível para ajudar os filhos.
20. I – Quer dizer que ser pai também é ajudar sempre que possível? P5 – Sim, ajudar sempre	20. P5 concorda que ser pai é ajudar sempre.
21. e principalmente estar muito presente, ah o papel de um pai e como educador, é estar sempre presente, tanto nos momentos bons deles, como nos momentos bons, e até nos maus, porque ... ainda faz mais falta quando eles estão a passar um mau bocado, estarmos presentes e darmos a palmadinha nas costas	21. P5 refere que ser pai é estar muito presente, tanto nos momentos bons como nos momentos maus, principalmente nos maus.
22. e dar apoio, porque quando as coisas estão a correr bem, epah estão a correr bem mas epah, há que dar apoio, mas é diferente, mas principalmente quando as coisas estão menos bem, ai sim	22. P5 refere que é importante dar apoio e ajudar os filhos sempre, principalmente nos momentos maus.

23. o papel do pai também deve estar bem vinculado e deve ajudar sempre, pelo menos assim o faço e tento fazer.	23. P5 refere que os pais devem ajudar sempre.
24. (...) o papel de um pai e como educador.	24. P5 refere que ser pai engloba ser educador.
25. I – Quer dizer que estar presente e ajudar os filhos são fatores importantes na paternidade? P5 – Sim, sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma, desde logo o início, dos primeiros meses, desde do participar na muda da fralda, dar a papa, dar o banho.	25. P5 concorda que estar presente e ajudar os filhos são fatores importantes na paternidade. Fatores esses fundamentais desde o nascimento do filho, através da muda da fralda, dar a papa, dar o banho.
26. Tudo isso faz com que o vínculo da paternidade se fortaleça e sejamos mais presentes, e sem dúvida nenhuma.	26. P5 refere que a presença do pai desde o nascimento despoleta o fortalecimento do vínculo entre pai e filhos.
27. As crianças por incrível que pareça, logo desde muito novas começam logo a dar valor e a aperceber-se quem está presente e quem não está presente, e quem dá o ombro amigo.	27. P5 refere que as crianças se apercebem e valorizam a presença dos pais desde o início.
28. Mas de vez em quando também precisam de levar umas palmadinhas, também faz falta [riso].	28. P5 refere que é necessário por vezes repreender os filhos.
29. Como disse, há momentos mais baixos, momentos mais difíceis, grandes cabeçadas que às vezes eles dão, cabeçadas no bom sentido, das asneiras que fazem.	29. P5 refere que durante a paternidade existem momentos negativos, associados às asneiras dos filhos.
30. (...) não repreender de uma forma muito muito agressiva, mas levá-los a bom termo, e explicar-lhes e fazer-lhes ver que de facto a atitude que tiveram, o que disseram que não foi da melhor forma, e que há muitas formas de dizer as coisas ou de as fazer (...)	30. P5 refere que não se deve repreender os filhos de forma agressiva, deve haver um diálogo de forma a mostrar aos filhos que não fizeram as coisas da melhor forma.
31. Quando eles estão alegres, nós estamos alegres, quando estão tristes, nós estamos tristes, se eles estão felizes por alguma coisa, automaticamente nós estamos felizes também.	31. P5 refere que os pais têm os mesmos sentimentos que os filhos, se os filhos estão tristes, os pais ficam tristes, se os filhos estão felizes, os pais ficam felizes.
32. Ahhh e quando eles sofrem por algum motivo, nós somos os primeiros a sentir na pele, e somos os primeiros a apercebermos que não estão	32. P5 refere que os pais se apercebem do sofrimento de um filho primeiro que os próprios filhos.
33. e sofremos tanto ou mais do que eles.	33. P5 percebe que os pais sofrem com o sofrimento dos filhos, tanto ou mais que os próprios filhos.

<p>34. I – O sofrimento de um filho é sentido como mais sofrimento para os pais? P5 – Acredito que uma situação menos boa que aconteça a um filho, ou que aconteça a um pai, o pai sofre mais viver a situação de sofrimento do filho, se for ligado a ele, consegue desligar mais facilmente, se for com os filhos não, as coisas complicam-se mais. Acho que o sofrimento de um filho é superior ao sofrimento do pai.</p>	<p>34. P5 refere que os pais sofrem mais a viver uma situação de sofrimento de um filho, do que uma situação de sofrimento próprio.</p>
<p>35. É tentar ultrapassar isso da melhor forma possível, falando com eles, no caso de ter havido alguma coisa que tivessem feito menos bem, ahhh e depois tentar resolver da melhor forma possível.</p>	<p>35. P5 considera que os pais tentam solucionar os problemas dos filhos da melhor forma possível.</p>
<p>36. Cada caso é um caso, não há uma bitola, uma forma de que tem que se fazer assim, não, cada caso é um caso, e tem que se analisar o caso e tem que se tratar de cada um à sua maneira.</p>	<p>36. P5 considera que se responde consoante a situação, consoante o problema, e consoante o filho. Deve-se tratar de cada situação, de cada filho de forma idiossincrática.</p>
<p>37. Não há forma de educação, não nos podemos cingir a educação é isto, não, cada caso é um caso, cada criança tem a sua maneira de ser, (...) ahhh é situações diferentes.</p>	<p>37. P5 considera que se tem que adaptar a educação a cada situação. A educação é então adaptada a cada filho.</p>
<p>38. O papel do pai como educador é tentar ajuda-los da melhor maneira possível</p>	<p>38. P5 refere que ser pai engloba ser educador e ajudar os filhos da melhor forma.</p>
<p>39. e sempre estar atento, para quando certas situações aconteçam estarmos despertos para detetá-las mesmo antes de elas acontecerem.</p>	<p>39. P5 refere que os pais precisam de estar atentos, para detetar as situações que ocorrem.</p>
<p>40. (...) temos que nos adaptar a cada um</p>	<p>P5 refere que é necessário que os pais se adaptem a cada filho de forma idiossincrática.</p>
<p>41. mas não nos podemos esquecer de uma coisa muito importante, de o mundo estar em contante transformação, os problemas que eram para o T. quando ele tinha 5 anos, não são os mesmos para a H. quando ela tinha 5 anos, portanto, porque há uma diferença de idades bastante grande.</p>	<p>41. P5 refere que a evolução dos tempos faz com que os filhos tenham problemas diferentes, comparando na mesma fase de desenvolvimento. Os problemas que os pais enfrentavam quando o T. tinha 5 anos não foram os mesmos problemas que enfrentaram quando a H. tinha 5 anos, devido à evolução dos tempos.</p>
<p>42. As atividades mudam, por exemplo, ahhh com o D., que é o do meio, ele sente-se bastante feliz, por exemplo, e eu vejo</p>	<p>42. P5 refere que a forma de envolvimento que tem com os seus filhos varia consoante cada um. Adapta então o seu</p>

<p>isso, quando ele por qualquer motivo, ou aparece com um livro novo, ou qualquer coisa, eu faço-lhe perguntas sobre o livro, é giro, é assim ou assado, ou pergunto como está a correr o trabalho. (...) se for com o T., o mais velho, é diferente, com o T. acompanhamos muito os dois, ele é mais brincalhão, é mais extrovertido, portanto, conseguimos ter uma lidação, não é que seja mais pai e filho, mas é quase ahh irmão mais velho, enquanto que com os outros dois... a H. também, com o D. é mais filho-pai a nossa ligação.</p>	<p>envolvimento a cada filho. Com o D. comunica sobre assuntos de interesse do filho, com o T. e com a H. envolve-se de outra forma, nomeadamente a brincadeira. P5 refere que a relação com o D. é de pai-filho, com os outros filhos é como se fosse irmão mais velho.</p>
<p>43. Quando eles eram mais novos, chegávamos a ir à pesca, com o T. principalmente, e o D. nem tanto, mas com a H., com o D., logo desde pequeno, era mais fazer desenhos, ele gostava muito de desenhar e eu também tenho algum jeito para o desenho, então passávamos muito tempo a desenhar (...) Ahhh os outros era mesmo mais brincadeira pura, era mais brincadeira.</p>	<p>43. P5 refere que as atividades que realizava com os seus filhos na fase da infância variavam de filho para filho. Havia então a adaptação das atividades a cada filho. Com o D. fazia desenhos, com o T. e a H. era brincadeira “pura”.</p>
<p>44. Na parte da adolescência foi talvez um pouco mais complicado, não quer dizer que tivesse sido complicado</p>	<p>44. P5 refere que a fase da adolescência dos filhos foi mais complicada.</p>
<p>45. porque de semana estamos a trabalhar e embora sempre que possível, à noite estávamos sempre com eles, desde jogos didáticos, desde batalha naval, noite de monopólio, sempre jogamos todos cá em casa.</p>	<p>45. P5 que na fase da adolescência realizava jogos didáticos com os seus filhos, havendo então envolvimento.</p>
<p>46. Ao fim de semana tornava-se mais complicado, porque como disse à bocado, estávamos inseridos, eu estava inserido, dois deles ainda continuam, no movimento do Corpo Nacional de Escutas. Aí muitas das vezes estava ao fim de semana com outros grupos, por vezes onde estavam inseridos ou não, mas sempre de uma forma outra, estávamos sempre ligados às atividades que faziam, atividades essas do movimento escutista.</p>	<p>46. P5 refere que durante o fim de semana o seu envolvimento com os filhos era dificultado, devido ao movimento do Corpo Nacional de Escutas. Mas mesmo assim, P5 considera que estava ligado às atividades dos seus filhos, visto que estes também pertenciam ao movimento.</p>
<p>47. Ahhh temos também por hábito irmos às eucaristias, eu já há alguns anos que faço animação na eucaristia, tocar viola,</p>	<p>47. P5 refere que atualmente as eucaristias também são atividades que faz com os filhos, havendo envolvimento.</p>

eles quando podem normalmente vão sempre.	
48. (...) ahhh desde a catequese que eles têm feito há alguns anos, sempre que me pedem ajuda, eu estou sempre disposto a ajudar também.	48. P5 refere que está sempre disponível para ajudar os filhos no que precisarem, neste caso específico, na catequese.
49. Ahhhh temos tido uma ligação muito saudável, acho eu.	49. P5 considera que a relação com os filhos tem sido saudável.
50. I – considera que essa ligação é importante ser estabelecida desde o início? P5 – Desde logo o início, como disse há pouco, desde o mudar da fralda, não era o caso, mas desde dar o biberon, quem dá biberon, desde o dar banho, para eles sentirem que de facto que está ali alguém, está ali o cuidador, que está ali que cuida deles quando precisam.	50. P5 considera que é importante estabelecer a relação entre pai e filhos desde o nascimento destes, para que os filhos sintam que têm um cuidador.
51. Atualmente já não é assim, já não se mudam fraldas [riso], também muda ao longo do tempo.	51. P5 refere que atualmente os cuidados não são iguais quando os filhos eram pequenos.
52. I – Considera que é importante mantarem sempre atividades em conjunto? P5 – Sim eu acho que sim, acho que muitas das vezes, muitas famílias acabam por se dispersar porque não há incentivo para se juntarem, cada um tem a sua vida, cada um tem a sua casa, principalmente quando são mais velhos, mas se houver um incentivo, se houver alguma dinâmica que faça com que as pessoas se juntem, epah, os laços familiares não são quebrados como em muitas famílias acontece.	52. P5 considera que é importante que a família realize atividades em conjunto, que haja um incentivo para tal, para que os laços familiares não sejam quebrados, como em muitas famílias acontece porque não há o incentivo para o envolvimento.
53. I – Quer dizer que estar envolvido com os filhos é uma mais valia. P5 – sem dúvida alguma, para todos.	53. P5 concorda que estar envolvido com os filhos é uma mais valia, tanto para os pais como para os filhos.
54. (...) É assim, eu acho que cada vez hmmm, principalmente nos casais mais jovens que são pais cada vez mais tarde, eu acho que cada vez têm menos tempo para dedicar aos filhos, que é uma pena, (...) o trabalho absorve-nos muitas horas, secalhar em alguns casos, 10h, 12h, 14h horas por dia, ah e em algumas situações que eu conheço e até mais, epah e depois	54. P5 considera que os casais mais jovens têm pouco tempo para estar com a família devido às ocupações profissionais, que gastam muito tempo aos pais. E infelizmente, depois os pais têm pouco tempo para estar com os seus filhos.

fica-se com muito pouco tempo para a família, que é uma pena.	
55. Se não há tempo para a família, e não se está bem com a família, (...) não se rende no trabalho, eu acho que a coisa mais importante, além do trabalho fazer falta, que é o nosso meio de subsistência,	55. P5 considera que se não houver tempo para estar envolvido com a família, não se está bem com a família, levando a que os pais não sejam produtivos no trabalho.
56. a família é sem dúvida a coisa mais importante.	56. P5 considera que apesar de o trabalho ser importante, a família é o mais importante.
57. I – Quer dizer que a família é a base do bem-estar da pessoa? P5 – Sim, é a base do bem-estar da pessoa. Quem tem família, quem tem filhos, família estruturada, quando não se está bem, de maneira alguma se pode render a 100% noutras coisas que se está a fazer na vida.	57. P5 concorda que a família é a base do bem-estar da pessoa. Quando não se está bem com a família (pouco envolvido), não se consegue render a 100% nas atividades fora do sistema familiar.
58. I – Sente que a sua ocupação profissional afetou de alguma forma a sua paternidade? P5 – Não afetou muito porque eu tenho a sorte de ter isenção de horário, tanto posso sair de casa às 7h da manhã, e chegar às 10h da noite, como posso sair às 10h da manhã e chegar às 5h da tarde. Tento sempre moldar o meu horário de trabalho em função de algumas atividades que eles possam ter, ahhh no dia dos anos, tudo o que eu possa estar presente, tento sempre moldar o meu horário de trabalho para poder estar presente (...)	58. P5 considera que a sua ocupação profissional não afetou muito o seu papel como pai (o seu envolvimento) porque tem isenção de horário, conseguindo moldar o seu horário em função das atividades dos filhos, tentando estar sempre presente nas mesmas.
59. I – Ter esse horário ajudou no seu papel de pai. P5 – Ajudou, ajudou no papel de pai. Se não tivesse esse horário, à partida estava menos presente.	59. P5 refere que o seu horário facilitou no seu papel de pai (no seu envolvimento), estando mais presente.
60. I – A paternidade tem repercussões nos filhos? P5 – Sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma, e é assim, na vida de um casal, se as coisas não estão bem num casal, por muito que se esforcem para que isso não transpareça, eles são os primeiros a aperceberem-se que as coisas não estão bem, e se as coisas não estão bem, ahhh	60. P5 concorda que a paternidade tem repercussões nos filhos. P5 refere que o mau estar entre o casal transparece para os filhos, refletindo-se nas atitudes, nas suas palavras, no humor (ficar amuado) dos mesmos.

<p>vai-se refletir nas atitudes deles, nas palavras, no ficar amuado.</p>	
<p>61. Há que fazer sempre os possíveis para que haja uma boa harmonia familiar, no casal para não deixar transparecer aos filhos porque problemas não há ninguém que não os tenha, mas há que tentar dar a volta para não demonstrar essas situações, não é tapar o sol com a peneira, não, quando há problemas devem ser encarados e eles devem ser ativos na resolução de alguns deles sempre que possível, mas não se pode esconder, não se pode esconder, mas há que ter cuidado sobre a forma que eles vêm a harmonia que vive no laço familiar.</p>	<p>61. P5 considera que é importante haver a resolução de problemas entre o casal, de forma a que haja uma boa harmonia familiar. Mas não se deve esconder os problemas aos filhos, e que estes por vezes podem ser ativos na resolução dos problemas.</p>
<p>62. I – Como disse à pouco, a presença dos pais é uma mais valia? P5 – Quanto mais presentes conseguirem estar melhor, não é por nada que em países mais desenvolvidos que o nosso, os horários de trabalho são totalmente diferentes dos nossos (...)</p>	<p>62. P5 refere que os pais devem estar o mais presente possível na vida dos filhos. P5 refere que existem países com horários de trabalho diferentes para que haja um maior envolvimento com os filhos.</p>
<p>63. Há coisas que é assim, o copo de vidro que se parta não volta a ser copo, e as coisas que se perdem quando eles são pequenos, quando eles são crianças, essa vivência nunca mais volta, os primeiros sorrisos, as primeiras palavras, o começar a andar.</p>	<p>63. P5 refere que as vivências que não teve com os filhos pequenos, nunca as terá. Os momentos que se perdem não se voltam a ter, se não se está presente nos primeiros sorrisos, nas primeiras palavras, começar a andar, nunca se terá essa vivência.</p>
<p>64. Não é que eu não tivesse acompanhado, mas derivado à profissão que tinha na altura, acompanhei menos o T. do que acompanhei os outros dois.</p>	<p>64. P5 refere que derivado à profissão que tinha quando o T. era criança, acompanhou menos o T. do que os outros dois filhos, em que já tinha uma profissão diferente.</p>
<p>65. Gostaria de ter acompanhado, sem dúvida nenhuma, e há coisas que se perdem e nunca mais volta, a primeira palavra por exemplo, só acontece uma vez, se não se está presente, passou ao lado, não se consegue voltar, não volta atrás.</p>	<p>65. P5 refere que gostaria de ter estado mais presente, mais envolvido na infância do seu filho T.. Não se voltam a ter as vivências que se perderam.</p>
<p>66. I – Sente que como pessoa, como o homem, a paternidade o fez mudar? P5 – Fez, sim fez, fez, nós deixamos de pensar só em nós, só no casal, e</p>	<p>66. P5 refere que a paternidade faz com que os pensamentos se deixem de focar no próprio, no casal, e se passem a focar na família, sendo totalmente diferente.</p>

começamos a pensar numa família, é totalmente diferente, é muito diferente.	
67. Desde as atitudes que nós temos, sei lá, até do sair à noite por exemplo, quando os filhos são pequenos é impensável, porque temos mais alguém que temos que cuidar	67. P5 refere também que as atitudes mudam, certas atividades também mudam, como por exemplo sair à noite, sendo impensável sair porque se tem um filho para cuidar.
68. e depois outra coisa, aahhh o papel fundamental dos pais, neste caso do pai, a melhor forma de educar é o exemplo, ahhh se eles virem num pai um exemplo, um modelo a seguir, um herói até, não é que seja um durão, não, quando é preciso rebolar com eles na lama rebola com eles na lama, quando é preciso dar uma palmada, dá-se uma palmada, mas tudo na hora certa.	68. P5 considera que a melhor forma de educar é dar o exemplo aos filhos, ser um modelo para os filhos, um herói até. Modelo esse que sabe responder consoante as situações, saber brincar como ralar quando é necessário.
69. A atitude do adulto quando é pai muda muito quando é pai, principalmente pela primeira vez e depois sucessivamente se tiver mais filhos, vai... há sempre mudanças, mas a primeira é sem dúvida a maior [sorriso], o primeiro filho é sempre a mudança maior.	69. P5 refere que as atitudes dos homens mudam quando são pais, principalmente no primeiro filho, sendo a mudança maior.
70. I – Quer dizer que os pais gostam que os filhos os vejam como modelos? P5 – Eu acho que sim, eu acho que todos os pais se sentem vaidosos se o filho disser “o meu pai é o melhor pai do mundo”, “o meu pai faz isto que mais ninguém faz”, às vezes até pode nem ser assim, mas aos olhos deles, na maioria deles, quando há ahhh uma boa relação familiar, salvo raras exceções, que o pai seja um destravado, mas normalmente os filhos tentam seguir o exemplo dos pais, e vêm os pais quase como uns heróis.	70. P5 refere que os pais gostam quando os filhos os consideram modelos, que são os melhores, mesmo quando não é a realidade. P5 refere que normalmente os filhos tentam seguir o exemplo dos pais, vendo os seus pais como modelos, como heróis.
71. I – E enquanto pessoa, o que acha que mudou com a paternidade? P5 – com a vinda dos filhos tornamo-nos muito mais pacientes, mais atentos, mais responsáveis, essa é uma das principais também, ahhh essas três coisas são as principais.	71. P5 considera que a paternidade o fez ser mais paciente, mais atento, mais responsável (principalmente).
72. Depois temos sempre o dever de transmitir valores que nós entendemos que são os melhores para eles, e nós nos	72. P5 refere que os pais tentam transmitir aos seus filhos os valores que consideram mais importantes. P5 refere ainda que

<p>organizamos por eles, ahhh há quem tente transmitir valores que podem não ser os mais corretos, mas isso tem a ver com a educação de cada um, do adulto que teve em criança, quem não tem, não pode dar, como se costuma dizer.</p>	<p>esses valores variam de pai para pai, dependendo da educação que cada um teve.</p>
<p>73. Mas que há grandes mudanças há, principalmente na parte da responsabilidade, do ser mais paciente, mais tolerante, muda o feitio.</p>	<p>73. P5 refere novamente que as grandes mudanças que ocorrem nos pais são: maior responsabilidade, mais paciência, mais tolerância, mudança no feitio.</p>
<p>74. I – E essas mudanças vão ocorrendo ao longo do crescimento dos filhos? P5 – Vai-se sempre mudando, eu estou convencido que vai sempre mudando, nós não damos por isso, mas vai mudando sempre.</p>	<p>74. P5 refere que as mudanças que a paternidade despoleta vão ocorrendo sempre ao longo do tempo, apesar de os pais não terem perceção disso.</p>
<p>75. É como falava há bocado, isso também tem a ver com a época em que vivemos, as novas tecnologias, tudo isso, faz com que queiramos quer não, que ao longo na nossa vida, como disse que estava em constante transformação, vamos sempre mudando, até mesmo a nossa maneira de ser.</p>	<p>75. P5 refere que as mudanças que ocorrem ao longo do tempo também estão relacionadas com a evolução dos tempos, mudando-se consoante a evolução dos tempos. Havendo então adaptação aos tempos em que se vive.</p>
<p>76. Os valores estão cá, mas a maneira de ser vai sempre alterando um pouco em função de situações novas que vão surgindo, acontecimentos novos, vamos sempre mudando.</p>	<p>76. P5 refere que a maneira de ser dos pais altera-se consoante as situações novas, havendo constante mudança, apesar de os valores permanecerem os mesmos.</p>
<p>77. I – Os pais vão respondendo consoante as situações? P5 – Sim, sim, sim. Ser pai de uma criança é diferente de ser pai de um adolescente que é diferente de ser pai de um adulto.</p>	<p>77. P5 refere que os pais respondem consoante as situações, situações essas que variam com o desenvolvimento dos filhos, daí P5 percecionar que o papel do pai varia consoante a fase de desenvolvimento dos filhos.</p>
<p>78. Nós na altura, praticamente não damos pela mudança, quer dizer, as situações vão surgindo e nós vamos tentando resolver da melhor maneira possível baseada e assentes naqueles pilares que falava à pouco, nos valores que nós entendemos que devemos transmitir, mas nem nos vamos apercebendo bem da mutação que há e da transformação que vai surgindo, é uma coisa que vai surgindo naturalmente</p>	<p>78. P5 refere que as mudanças vão ocorrendo sem os pais percecionarem. Os pais vão respondendo consoante as situações, baseando-se nos seus valores. Devido à não perceção das mudanças, P5 considera que ocorre então uma transformação natural.</p>
<p>79. (...) é assim, todos nós aprendemos, por muito ... nós tentamos educar, mas estamos sempre a aprender com eles, (...)</p>	<p>79. P5 considera que durante a educação dos seus filhos, os pais estão sempre a aprender com estes. Através de um ditado</p>

como se costuma dizer, não há pobre nenhum que não tenha nada para dar nem há rico nenhum que não tenha qualquer coisa para receber.	popular, P5 reforça a ideia de que apesar de serem os pais a educarem os filhos, os pais aprendem com estes.
80. Todos nós estamos a aprender, e todos nós todos os dias aprendemos coisas novas, e vamos aprendendo consoante o crescimento deles e com o feitio de cada um, uns têm mais aptidões para umas coisas, outros têm para outras, mas vai-se sempre aprendendo com eles.	80. P5 refere que tanto os filhos como os pais aprendem uns com os outros. P5 refere que os pais aprendem todos os dias, consoante o desenvolvimento dos filhos e características pessoais de cada filho.
81. (...) quando eles são mais pequenos, o papel do pai é mais, logo em pequeninos é o brincalhão, depois quando atingem ali a adolescência é o mandão, e depois quando começam a ser mais velhinhos, começa a ser o conselheiro [risos].	81. P5 refere que o papel de pai varia ao longo do desenvolvimento dos filhos. O papel do pai passa de brincalhão (infância), para mandão (adolescência) e por fim para conselheiro (aduldez).
82. Em adultos o papel do pai é mais dar conselho, a presença do pai é estar mais a apoiar. Perguntam muita vez, pedem muita vez conselhos e ajudas, nalguns momentos de indecisão, estou sempre a ser confrontado com essas situações.	82. P5 refere que o papel do pai quando os filhos são adultos se baseia em ser conselheiro, em apoiar. Nesta fase os filhos o solicitam para que este lhes dê conselhos, que os ajudem.
83. Sinto-me bastante feliz em me pedirem ajuda, isso revela que ao fim ao cabo se fez um bom trabalho como educador, que estive presente e sabem que podem contar comigo sempre que tenham alguma dúvida, algum dissabor, algum problema, saberem que podem sempre contar.	83. P5 refere que se sente feliz quando os filhos pedem a sua ajuda, revelando que desempenhou um bom papel como pai, como educador, pois conseguiu transmitir aos filhos que podem contar com a sua ajuda.
84. (...) tem-me enriquecido como pessoa, lá está, nós ao aprendermos com eles, nós estamos sempre em transformação também, e aprendemos muito com eles.	84. P5 refere que a paternidade o tem enriquecido como pessoa, relembrando que os filhos despoletam aprendizagens, havendo uma constante transformação.
85. Nas diferentes fases da vida deles, ahhh até mesmo com alguns dissabores que eles possam ter ao longo da vida, por vezes nós não estávamos preparados para essas situações, nós temos que aprender a dar a volta, a ajudar, a dar conselhos que às vezes em situações que ainda são um bocado desconhecidas, derivadas também, lá está, às épocas que estamos a atravessar, e as transformações que vão ocorrendo	85. P5 refere que ao longo do desenvolvimento dos filhos, os pais nem sempre estão preparados para as situações que têm que enfrentar, mas têm que aprender para que se solucione os problemas. P5 refere que por vezes os pais não estão preparados para certas situações devido à evolução dos tempos.

86. E essas mudanças também fez com que o meu papel também variasse mesmo na mesma fase em que os filhos estavam.	86. P5 refere que o seu papel variou de filho para filho, mesmo quando estavam na mesma fase de desenvolvimento, devido à evolução dos tempos.
---	--